

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS – UFG  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS - FCS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PERFORMANCES CULTURAIS – PPGPPC

BEATRIZ DE ALMEIDA PRADO

**AUTOIMAGEM, ATIVISMO ONLINE E O CORPO  
FEMININO EM PERFORMANCE:**  
Recepção a Partir de Vídeos da Tag “Tour Pelo Meu Corpo” no  
YouTube

GOIÂNIA  
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES  
E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

**1. Identificação do material bibliográfico**

Dissertação     Tese

**2. Nome completo do autor**

Beatriz de Almeida Prado

**3. Título do trabalho**

AUTOIMAGEM, ATIVISMO ONLINE E O CORPO FEMININO EM PERFORMANCE: Recepção a Partir de Vídeos da Tag "Tour Pelo Meu Corpo" no YouTube.

**4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)**

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
- b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Lara Lima Satler, Professora do Magistério Superior**, em 28/09/2021, às 16:13, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **BEATRIZ DE ALMEIDA PRADO, Usuário Externo**, em 28/09/2021, às 20:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2375736** e o código CRC **A3549CD1**.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do material bibliográfico

Dissertação     Tese     Outro\*: \_\_\_\_\_

\*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

### 2. Nome completo do autor

Beatriz de Almeida Prado

### 3. Título do trabalho

AUTOIMAGEM, ATIVISMO ONLINE E O CORPO FEMININO EM PERFORMANCE: Recepção a Partir de Vídeos da Tag “Tour Pelo Meu Corpo” no YouTube.

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(a) autor(a) e ao(a) orientador(a);
  - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

**Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Beatriz De Almeida Prado, Discente**, em 17/04/2023, às 09:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3675609** e o código CRC **9C10B370**.

BEATRIZ DE ALMEIDA PRADO

**AUTOIMAGEM, ATIVISMO ONLINE E O CORPO  
FEMININO EM PERFORMANCE:**  
Recepção a Partir de Vídeos da Tag “Tour Pelo Meu Corpo” no  
YouTube

Defesa de Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais, nível Mestrado, da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás.

Área de Concentração: Performances Culturais  
Linha de Pesquisa: Poéticas e Culturas nas Humanidades Digitais.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lara Lima Satler

GOIÂNIA  
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Prado, Beatriz de Almeida

AUTOIMAGEM, ATIVISMO ONLINE E O CORPO FEMININO EM PERFORMANCE [manuscrito] : Recepção a Partir de Vídeos da Tag “Tour Pelo Meu Corpo” no YouTube / Beatriz de Almeida Prado. - 2021.

CIII, 103 f.: il.

Orientador: Profa. Dra. Lara Lima Satler.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais, Goiânia, 2021.

Bibliografia. Anexos.

Inclui tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Recepção. 2. Performances Mediadas. 3. Ativismo Online. 4. Autoimagem. 5. Mulheres. I. Satler, Lara Lima, orient. II. Título.

CDU 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

Ata nº 12 da sessão de Defesa de Dissertação de Beatriz de Almeida Prado, que confere o título de Mestra em Performances Culturais, na área de concentração em Performances Culturais.

Aos vinte e três dias do mês de agosto de dois mil e vinte um, a partir das quatorze horas, através de webconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Dissertação intitulada "AUTOIMAGEM, ATIVISMO ONLINE E O CORPO FEMININO EM PERFORMANCE: Recepção a Partir de Vídeos da Tag "Tour Pelo Meu Corpo" no YouTube". Os trabalhos foram instalados pelo Orientadora, Professora Doutora Lara Lima Satler (UFG) com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professor Doutor Igor Pinto Sacramento (UFRJ), membro titular externo; Professora Doutora Renata de Lima Silva (UFG), membro titular interno, cujas participações ocorreram através de videoconferência. Durante a arguição os membros da banca não fizeram sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Dissertação, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Lara Lima Satler, Presidenteda Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Lara Lima Satler, Professora do Magistério Superior**, em 28/09/2021, às 11:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Renata De Lima Silva, Professora do Magistério Superior**, em 28/09/2021, às 16:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciene De Oliveira Dias, Coordenadora de Pós-Graduação**, em 13/10/2021, às 13:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2375725** e o código CRC **2FF47E8A**.

Para Vovó Therezinha, que diz nunca ter sido feminista e sempre me ensinou sobre feminismo, e para todas as mulheres que passaram e passarão pelo meu caminho: mães, irmãs, mentoras, guardiãs.  
Eu sou porque nós somos.

## **Agradecimentos**

Falar de gratidão parece que nunca fica mais fácil ou menos necessário. Passar por todo esse período talvez tenha sido uma das maiores provas que já tive até aqui, tanto para minha caminhada pessoal quanto para a profissional, e eu jamais teria conseguido sem o apoio dos anjos que me rodeiam.

Primeiramente quero expressar minha gratidão a Deus e a espiritualidade, que me acolheram tão amorosamente cada vez que a cabeça e o coração estavam afundados na angústia e me sustentaram cada vez que minha fé em mim balançou.

Muito obrigada à minha família, em especial aos meus pais, Ciro e Regina, e à minha irmã, Júlia. Não importa por onde eu ande, não importa o que eu faça, não importa quem eu seja: eu sei pra onde voltar. Vocês são a minha eterna fonte de aprendizado e força. Eu amo vocês!

Ao meu marido, Ariel, por sua infinita paciência e compreensão com a minha aparentemente infinita ansiedade e cansaço. Obrigada por ouvir e ler tantas vezes sobre a minha pesquisa, por ser colo, carinho e um sopro de alegria quando eu precisei. Se era um parceiro que eu queria, nessa vida eu fui abençoada com o melhor deles. Eu te amo!

À minha orientadora Lara, que me deu coragem para começar e para continuar todos os dias, sem nunca perder a leveza e a doçura. Em um mundo tão bruto, você me faz crer que a educação com afeto é possível e me inspira a ser o melhor que eu posso ser, como professora e como mulher.

Às professoras Renata Lima, Luciene Dias e Agnes Arruda e ao professor Igor Sacramento por prontamente responderem ao meu convite e por se disponibilizarem a ler e contribuir com o meu trabalho. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio e financiamento dessa e de tantas outras pesquisas no Brasil.

Ao Colégio Estadual Cecília Meirelles por me receber de braços abertos, por acreditar comigo e por me lembrar que lutar pela educação pública vale a pena. Agradeço especialmente às estudantes que me acolheram e se disponibilizaram a participar dessa pesquisa, mesmo que não tenha sido possível dar continuidade ao nosso projeto. Obrigada por se abrirem, obrigada por mostrarem para a Bia de 15 anos que o futuro pode ser melhor e por darem um novo fôlego para a Bia de 28 anos, que espera continuar lutando ao lado de vocês por um mundo mais bonito para todas nós. Eu volto para vocês no doutorado!

À Clara Matheus e ao chat pelas lives que salvaram a minha produtividade na quarentena. À Ana Júlia e à Camila pela ajuda, pelo apoio e pela troca. Às minhas amigas,

leitoras, incentivadoras, companheiras. Com a fúria da beleza do Sol, eu vou fazendo essa por nós. Vamos juntas!

olhe para o seu corpo  
sussurre  
*não há casa igual a você*  
-obrigada  
(Rupi Kaur)

Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes  
Achar que essas mazelas me definem, é o pior dos crimes  
É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nóiz sumir  
Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro  
Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro  
(Emicida/ Belchior)

**Resumo:** A cultura digital vem se mostrando uma alternativa viável e mais acessível para muitas mulheres, adolescentes e meninas se comunicarem e se organizarem coletivamente. Páginas e grupos que trazem relatos de experiências e questionamentos em redes sociais como o YouTube, Facebook e o Instagram vem aumentando em número e importância, facilitando a troca de conhecimento, a partilha de vivências e a ajuda mútua entre mulheres em um ambiente que é caracterizado principalmente pela possibilidade de interatividade. Reconhecendo que a mensagem veiculada na internet pode repercutir na vida e na autoestima de pessoas dentro e fora do ambiente digital tanto de maneira positiva como negativa, a presente pesquisa se propõe a investigar sobre a recepção das performances de *Tour Pelo Meu Corpo* realizadas por Luíza Junqueira e Ellora Haonne no YouTube para compreender como estas se articulam à autoimagem corporal de seus públicos e de que maneira os processos de aceitação corporal podem se modificar a partir destas performances. O objetivo principal desta pesquisa é compreender de que maneiras a experiência com estas performances pode modificar a autopercepção corporal das espectadoras/es e gerar reflexões acerca de padrões estéticos, bem como a relação estabelecida por mulheres entre autoimagem e padrão estético. Trata de uma pesquisa qualitativa, que utiliza-se da etnografia de mídia para coleta de dados e busca categorizar os resultados obtidos a partir dos estudos de Hall. Por resultado foi possível perceber que, ao realizarem esses *tours* por seus próprios corpos, as youtubers realizam uma espécie de escrita de si, utilizando os vídeos como um instrumento de autoconhecimento e de enfrentamento a um padrão estético excludente, mas ao tornarem esses vídeos públicos suas reflexões podem então se tornar um ponto de partida para o questionamento à ideia de um único corpo como ideal, bem como repensar suas relações com seus próprios corpos. Ainda não é possível saber até que ponto a experiência com essas performances seria capaz de promover modificações duradouras no que se refere à autoimagem corporal de meninas e mulheres, que são o foco deste estudo, entretanto já se pode verificar o seu potencial no fomento da discussão sobre padrões estéticos para o corpo feminino, pretendendo-se dar continuidade ao estudo em pesquisas futuras.

**Palavras-chave:** Recepção; Performances Mediadas; Ativismo Online; Autoimagem; Mulheres.

**Abstract:** Digital Culture is proving to be a viable and more accessible alternative for many women, teenagers and girls to communicate and organize collectively. Pages and groups that bring reports of experiences and questions on social networks such as YouTube, Facebook and Instagram have been increasing in number and importance, easing the exchange of knowledge, sharing experiences and mutual help between women in an environment that is mainly characterized by the possibility of interactivity. Recognizing that the message shared on the internet can affect the lives and self-esteem of people inside and outside the digital environment, both positively and negatively, this research proposes to investigate the reception of the performances of *Tour Pelo Meu Corpo* performed by Luíza Junqueira and Ellora Haonne on YouTube to understand how these are interconnected to the body self-image of their audiences and how the processes of body acceptance can change based on these performances. The main objective of this research is to understand how the experience with these performances can modify the spectators' body self-perception and spawn reflections about aesthetic standards, as well as the relationship established by women between self-image and aesthetic standards. It is a qualitative research, which uses media ethnography for data collection and pursuit to categorize the results obtained stem from Hall's studies. As a result, it was realized that, when performing these tours over their own bodies, the YouTubers perform a kind of self-writing, using the videos as an instrument of self-knowledge and confronting an excluding beauty standard, but by publishing these videos online their reflections can become a starting point for questioning the idea of a single kind of body as an ideal, just as rethinking their relationships with their own bodies. It is still not possible to know to what extent the experience with these performances would be able to promote lasting changes regarding the body self-image of girls and women, which are the focus of this study, however, its potential in fostering the discussion can already be seen. on aesthetic standards for the female body, intending to continue the study in future research.

**Keywords:** Reception; Mediated Performances; Online activism; Self image; Women.

## Lista de ilustrações

Figura 1: Crescimento das pesquisas por termos “feminismo” e “empoderamento feminino”	18
Figura 2: Beatriz - bebê e criança	25
Figura 3: Beatriz - adolescente - dançando com o amigo Pedro Henrique	26
Figura 4: Beatriz durante exame de faixa	27
Figura 5: <i>Tour</i> Pelo Meu Rosto - Gabi Oliveira	28
Figura 6: Mosaico de imagens do vídeo “O ideal de corpo feminino ao longo da história”	31
Figura 7: Opções de ordenação de comentários no Facebook e no YouTube, respectivamente	41
Figura 8: Principais resultados da pesquisa por “ <i>tour</i> ” no YouTube	46
Figura 9: Mosaico de imagens do vídeo “ <i>TOUR</i> PELO MEU CORPO” de Luíza Junqueira	48
Figura 10: Mosaico de imagens do vídeo “ <i>TOUR</i> PELO MEU CORPO - EXPECTATIVA VS REALIDADE” de Ellora Haonne	51
Figura 11: Luíza Junqueira	52
Figura 12: Ellora Haonne	54

## Lista de Tabelas

Tabela 01: Primeiro Resultado das Pesquisas	44
Tabela 02: Segundo Resultado das Pesquisas	45

## Sumário

Introdução	14
1. “Um corpo é um corpo né mores?”	24
1.1 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes: sobre mim e o corpo que habito	24
1.2 Corpo padrão: poder e disciplina	30
1.3 Fora da norma: corpos destoantes e pressão estética	37
2. #tourpelomeucorpo	40
2.1 Metodologia	40
2.2 Pesquisando <i>Tour</i> Pelo Meu Corpo	42
2.3 <i>Tour</i> Pelo Meu Corpo: um passeio pelas diferenças	45
2.4 Os canais “Tá Querida” e “Ellora Haonne”	52
2.5 Os comentários	55
3. “Ta focando meninas?”	59
3.1 Performance e gênero	59
3.2 YouTube e Auto Exibição	63
3.3 Performance e Ativismo Online	69
4. “Amada?”	72
4.1 Imagens e as Mediações	72
4.2 Experiência da Performance e Padrão de Beleza	79
5. Considerações Finais	85
Referências	88
Anexos	95



## Introdução

o corpo das outras mulheres  
não é nosso campo de batalha  
(Rupi Kaur)

A plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube vem ganhando cada vez mais espaço no dia a dia da população brasileira, tendo apresentado um crescimento de 8 para 19 horas semanais de uso entre os anos de 2014 e 2018 (LOPES, 2018). Com o longo período de quarentena vivenciado durante a pandemia de COVID-19 (coronavírus), esses números tornaram-se ainda mais expressivos, com 91% das/os usuárias/os brasileiras/os passando mais tempo navegando pela plataforma e 54% dos entrevistados pretendendo usar ainda mais o serviço, segundo pesquisa encomendada pelo Google e realizada em agosto de 2020 (BATISTA, 2020). O aumento da procura levou também ao aumento da quantidade de conteúdos em vídeo que são disponibilizados e compartilhados pela plataforma, bem como a sua diversificação.

Entre as formas mais populares de publicação estão os *tours*, tipo de vídeo que consiste em filmar de maneira mais detalhada algo que seja do interesse daquela/e que se comunica e de seu público. A popularização fez com que várias categorias deste surgissem: *tour* pelo quarto, pela casa, pelo cenário, pela penteadeira, por parques, entre outros.

Encabeçada pela *youtuber*<sup>1</sup> Luíza Junqueira<sup>2</sup>, a *tag* *Tour Pelo Meu Corpo* convida o público, em especial as mulheres que participam da comunidade de seguidoras/es do seu canal, a refletir sobre seus corpos e os padrões socialmente impostos a eles, bem como repensar o respeito e o amor próprios. Segundo o dicionário de Cambridge<sup>3</sup>, *tag* é um termo de origem inglesa que significa etiqueta ou um pequeno pedaço de papel, tecido ou metal, onde se encontram informações a respeito de um item (TAG, 2020), se traduzido literalmente. Na cultura digital, especialmente no contexto do YouTube, *tag* é uma etiqueta indexadora, podendo ser usada em uma campanha ou ação que objetiva agremiar pessoas, iniciando um movimento

---

<sup>1</sup> *Youtuber* é quem produz e publica regularmente vídeos e outros conteúdos na plataforma YouTube. Vem sendo encarada como uma profissão, tanto pelas/os próprias/os *youtubers* quanto por marcas em busca de parcerias.

<sup>2</sup> Luíza Junqueira possui um canal no YouTube no qual discute acerca de corpo, gordofobia, feminismo e assuntos relacionados. **Canal Tá Querida.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCVEVuanoMK9tGclfWLghaKw/featured>>. Acesso em: 28.ago.2018

<sup>3</sup> “A *small piece of paper or plastic with information on it that is fixed to something.*” (TAG, 2020)

no qual a/o performer segue um mesmo formato para dialogar com vídeos feitos anteriormente, por ela/e mesma/o ou outras/os criadoras/es de conteúdo.

No vídeo<sup>4</sup> que deu início à *tag Tour Pelo Meu Corpo*, Luíza, uma mulher branca, gorda e que já trabalha pessoalmente e em seus vídeos com questões relacionadas a corpo e feminilidades, expõe seu corpo, evidenciando características como suas estrias, o formato de seus seios e de sua barriga, comentando brevemente acerca de sua história e suas inseguranças sobre esses supostos defeitos. A partir dessa exposição ela questiona sobre o que seria um “corpo belo” e o porquê de qualquer forma corporal que destoe, mesmo que minimamente, deste padrão pré-determinado ser vítima de ódio e preconceito, tanto por parte de quem o possui quanto por que o vê. Ela também comenta sobre como esse processo de reflexão e autoconhecimento foi relevante para o desenvolvimento de sua própria aceitação e autoestima.

Motivadas/os por este primeiro vídeo, outras/os criadoras/es de conteúdo que participam da comunidade de seguidoras/es do canal, chamado “Tá Querida”, também publicaram suas performances na plataforma, levantando diversas questões relacionadas ao corpo enquanto faziam este *tour* em vídeo por seus corpos, sempre com cunho bastante pessoal. Posteriormente, devido à grande repercussão, 28 destes vídeos foram compilados em uma *playlist*<sup>5</sup> específica da *tag* no canal referido.

Uma das publicações a apresentar maior repercussão e a auxiliar na propagação desta ação afirmativa foi da *youtuber* Ellora Haonne<sup>6</sup>, que produz o canal que leva seu nome. O vídeo<sup>7</sup> foi amplamente compartilhado em outras redes sociais, inclusive levando a criadora ao programa “Encontro com Fátima Bernardes”, na Rede Globo, exibido no dia 04 de janeiro de 2018<sup>8</sup>. Diferente de Luiza, o corpo de Ellora está dentro do padrão socialmente estabelecido, o que a conduziu por caminhos diferentes daqueles traçados anteriormente, mas ainda com os mesmos objetivos. A fim de desconstruir aquilo que ela chama de “imagem da blogueirinha”, apresenta o contraponto entre expectativas, com fotos postadas em seu Instagram, e a realidade,

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLeNMiYLFbSJ4Er4yifyB3galTuG5ZXvu7>>. Acesso em 04.jul.2020

<sup>5</sup> *Playlist* é um termo vindo do inglês que originalmente designa uma lista de músicas a serem tocadas em uma estação de rádio. Atualmente a palavra também é usada para indicar listas de vídeos criadas pelos donos de canais em plataformas de compartilhamento, como o YouTube.

<sup>6</sup> Ellora Haonne possui um canal no YouTube no qual discute acerca de amor próprio, relacionamentos e feminismo. **Canal Ellora Haonne**. Disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UCOAYJTn0tRL-a8d-lm8fIWA>>. Acesso em 28.ago.2018

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UaOuRxaV0kA>>. Acesso em 09. jul. 2019

<sup>8</sup> Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/6398652/>>. Acesso em 13. mar. 2020

demonstrada no vídeo em questão. Sem maquiagem, aumento de exposição, poses ou ângulos de câmera que mostrassem o que é mais valorizado e escondessem supostas imperfeições, a criadora procurou enfatizar o fato de nem mesmo a pessoa que estaria dentro de um padrão branco, curvilíneo e tonificado ser exatamente aquilo que está expondo na mídia e em redes sociais.

É interessante observar que, mesmo com abordagens diferentes, ambas apresentam questionamentos sobre os padrões de beleza atuais e seus desdobramentos na autoestima e na saúde mental daquelas/es que procuram se submeter a eles, dando especial atenção às mulheres e apresentando um conteúdo que serve simultaneamente como produto e uma forma de ativismo digital<sup>9</sup>.

A presente pesquisa se propõe a investigar sobre a recepção das performances de *Tour Pelo Meu Corpo* realizadas por Luíza Junqueira e Ellora Haonne no YouTube para compreender como estas se articulam à autoimagem corporal de seus públicos e de que maneira os processos de aceitação corporal podem se modificar a partir destas performances. O objetivo principal desta pesquisa é compreender de que maneiras a experiência com estas performances pode modificar a autopercepção corporal das espectadoras/es e gerar reflexões acerca de padrões estéticos, bem como a relação estabelecida por mulheres entre autoimagem e padrão estético.

Sendo uma realidade em ascensão, especialmente entre o público jovem, se faz necessário um olhar mais atento da comunidade científica para o fenômeno da exposição performática pelas plataformas online, uma vez que esta apresenta características diferenciadas daquelas tidas como tradicionais, evidenciando simbolicamente as mudanças sociais e comportamentais que uma nova geração traz consigo.

Prestar cuidadosa atenção à forma simbólica de determinadas obras de arte fornece um poderoso foco para o pesquisador performativo (e seu público), pois cada símbolo funciona como uma via para conceituar ideias sobre aspectos da realidade, e também como um meio de comunicar que é conhecido para os outros. (HASEMAN, 2015, p. 50)

---

<sup>9</sup> “As tecnologias de informação e comunicação (TICs) representam, na atualidade, alternativas ao conteúdo veiculado pelos meios de comunicação de massa tradicionais, possibilitando novas formas de ativismo através da rede, comumente denominadas ativismo digital ou ciberativismo.” (RODRIGUES; GADENZ; RUE, 2014, p. 25).

Por se tratar de um fenômeno muito recente, é natural que ainda existam poucos estudos sistematizados relacionando as performances online e as mulheres que as assistem. Isso torna ainda mais notória a importância da pesquisa, tendo em vista a quantidade de pessoas que assistem e interagem com este tipo de conteúdo.

A partir da coleta de dados inicial descobriu-se que o número de publicações acerca do assunto é diminuto, demonstrando a escassa discussão que o meio acadêmico brasileiro tem feito sobre tais assuntos, uma vez que mesmo nos buscadores acadêmicos<sup>10</sup> que apresentaram muitos resultados iniciais, ao se realizar uma observação mais atenta se pode perceber que em sua maioria tratam de assuntos diferentes do aqui proposto ou recortes outros do assunto abordado<sup>11</sup>.

Reconhecendo que a mensagem veiculada na internet pode repercutir na vida e na autoestima de pessoas dentro e fora do ambiente digital tanto de maneira positiva como negativa, o assunto chama a atenção e desperta curiosidade, a fim de compreender de maneira mais profunda acerca da recepção de vídeos de caráter feminista, sem a pretensão de chegar a conclusões determinísticas ou estabelecer novos paradigmas, mas buscando contribuir para o diálogo e acrescentar aos debates já existentes. Debates estes que vêm ganhando popularidade e destaque.

2015 foi o ano que ficou conhecido como o da Primavera das Mulheres. Um ano que foi marcado por campanhas como “Ask Her More”, na qual as participantes da cerimônia do Oscar pediam aos/às seus/suas entrevistadores/as que lhes perguntassem mais sobre seus projetos e menos sobre suas roupas, “Vamos Juntas”, que incentiva mulheres a se ajudarem em situações de risco, e “Meu Primeiro Assédio”, na qual mulheres relatavam a primeira vez que se lembravam de terem sofrido algum tipo de assédio ou constrangimento, bem como por levantes no Brasil e no mundo denunciando práticas machistas enraizadas na sociedade.

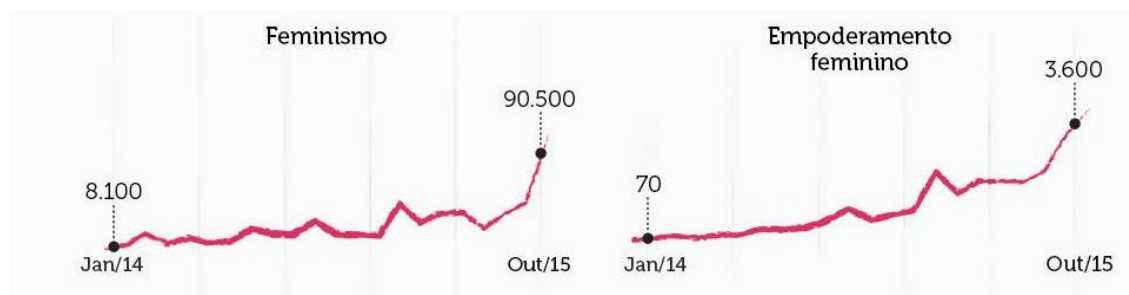
Segundo reportagem da revista Think Olga, entre janeiro de 2014 e outubro de 2015 as buscas por “feminismo” e “empoderamento feminino” cresceram 86,7% e 354,5%, respectivamente.

---

<sup>10</sup> Para este estudo foram utilizados os seguintes buscadores acadêmicos: Google Acadêmico, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFG (BDTD/UFG) e o Portal de Periódicos CAPES/MEC.

<sup>11</sup> Este aspecto será desenvolvido com maior profundidade no capítulo 2.

**Figura 1:** Crescimento das pesquisas por termos “feminismo” e “empoderamento feminino”



Fonte: Think Olga, 2015.

Pode-se dizer que esse é o resultado de um processo de popularização do movimento de mulheres, o qual vinha avançando há muito tempo. Se anteriormente feminismo e machismo eram termos relegados quase exclusivamente à elite acadêmica ou à alguns grupos isolados (e normalmente estereotipados<sup>12</sup>) da sociedade, a partir daquele momento estes passam a estar cada vez mais presentes no dia a dia da população, desde rodas de conversa informais até programas de televisão, filmes e novelas, afetando inclusive o mercado e o consumo. Posicionamentos que antes eram normalizados passam a ser questionados, piadas que oprimem já não têm mais o mesmo alcance, a casca de silêncio daquelas que sempre foram oprimidas vai se quebrando aos poucos e pequenos passos vão sendo dados rumo à tão almejada igualdade entre gêneros.

Este, porém, é um processo lento e gradual. Mais que um problema de grupos, o machismo é uma questão estrutural das sociedades ao redor do mundo e afeta a todos, seja de maneira direta ou indireta. Entretanto, ainda são as mulheres as maiores prejudicadas: “Os homens dominam coletiva e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública e atribui aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos” (WELZER-LANG, 2001, p. 461).

As mídias tradicionais como os jornais, as revistas e a televisão contribuem fortemente nessa construção de um inconsciente coletivo, no qual ideias, conceitos e modelos vão sendo formados e sutilmente embutidos no imaginário popular. Ao consumir esse tipo de conteúdo desde a infância, consumimos também um determinado padrão sobre o que é aceitável e bom

<sup>12</sup> Personagens que se declaram feministas costumavam ser retratadas como raivosas ou de forma masculinizada. Como exemplo, as personagens Kat do filme “10 Coisas que Eu Odeio em Você” (no original: *10 Things I Hate About You*) de 1999 e Catarina da telenovela “O Cravo e a Rosa” de 2000, ambas as obras inspiradas em “A Megera Domada” de William Shakespeare.

para a sociedade na qual estamos inseridos/as, bem como o que devemos fazer para alcançar este padrão.

A indústria cultural é um importante elemento da ideologia capitalista. Tem como foco estabelecer o processo de controle técnico de diferentes componentes sociais, entre eles o corpo, identificado como importante dimensão da vida humana em suas características individuais diversificadas. (BAPTISTA; ZANOLLA, 2016, p. 1001)

No caso feminino, a rigidez daquilo que é considerado a “mulher ideal” beira o inalcançável, e a cobrança é igualmente cruel. As formas do corpo, o cabelo, os olhos, a cor da pele, o comportamento, as roupas: para cada aspecto da vida da mulher há um objetivo a ser alcançado, criado a partir de uma inundação de imagens e informações tão embrenhadas à sociedade que se torna difícil aceitar que, para a maioria esmagadora de mulheres, aquele padrão não é possível. Muito além da questão visual, o corpo dentro do ideal estético é associado diretamente como um corpo saudável e perfeito, como afirmado por Baptista e Zanolla (2016), ignorando por completo outros aspectos e possibilidades: apenas aquilo que está sendo apresentado é socialmente aceito. E, se por acaso alguém não se encaixa no modelo de mulher jovem, magra, de musculatura bem definida, estatura mediana para alta, pele branca, cabelos lisos e soltos (BAPTISTA; ZANOLLA, 2016), deve-se usar de todos os recursos para adequar este corpo e assim estar o mais próximo possível do padrão estabelecido.

Nessa busca pelo inalcançável, o Brasil encontra-se atualmente em 1º lugar entre os países que mais realizam cirurgias plásticas em jovens, considerando que, somente nos últimos dez anos, houve um aumento de 141% no número de procedimentos entre jovens de 13 a 18 anos, segundo a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Os procedimentos mais procurados são os implantes de silicone, a rinoplastia e a lipoaspiração (LOURENÇO, 2021). Fica evidente o descontentamento, em especial das mulheres, com o corpo que têm, insatisfação essa que tem sido cada vez mais associada por psicólogos às redes sociais e às possibilidades de manipulação da realidade que estas oferecem. O exemplo mais impactante sobre esse assunto são as recentes hospitalizações de criadoras de conteúdo devido a complicações depois de passarem pela cirurgia conhecida como lipo lad, ou lipoaspiração de alta definição, que tem como público-alvo pessoas que já são magras, mas desejam uma maior definição da musculatura abdominal (FANTÁSTICO, 2021).

Em contrapartida, vem crescendo o número de pessoas que questionam esse padrão previamente determinado e sua origem, seja em coletivos feministas, como a Rede Feminista

de Saúde e o Coletivo Mães Pela Igualdade, ou em meios de comunicação menos hegemônicos que os apresentados anteriormente, como revistas online (Revista AzMina, Revista Geni, Revista Capitolina), *blogs* (Escreva Lola Escreva, Blogueiras Feministas), *podcasts* (Mamilos, Ponto G, Otaminas) e páginas em redes sociais (Cientista que Virou Mãe, Empodere Duas Mulheres, Filhas de Frida)<sup>13</sup>. A disseminação desse debate cresceu de tal maneira que até mesmo os meios de comunicação hegemônicos e grandes marcas de produtos de todas as áreas acabaram sofrendo pressão para que mudassem seu posicionamento quanto às estratégias de marketing e políticas internas.

Nesse sentido, o ciberespaço vem se mostrando uma alternativa viável e mais acessível para muitas mulheres, adolescentes e meninas se comunicarem e se organizarem coletivamente. Páginas e grupos que trazem relatos de experiências e questionamentos em redes sociais como o Facebook e o Instagram vem aumentando em número e importância, facilitando a troca de conhecimento, a partilha de vivências e a ajuda mútua entre mulheres em um ambiente que é caracterizado principalmente pela possibilidade de interatividade (FONSECA, 2017, p. 183).

Ainda nessa linha, o YouTube, plataforma de compartilhamento de vídeos, pode ser considerado um meio termo entre as redes sociais e a televisão, uma vez que traz essa ampla possibilidade de comunicação direta com os *youtubers* mesmo que ainda carregue uma linguagem televisiva.

De certa forma, os vídeos pessoais no YouTube são formas de expansão da televisão da intimidade, possibilitando tornar públicas histórias e dramas individuais pela internet. As estratégias enunciativas, em geral, amplificam a linguagem televisiva na busca por uma narrativa real, porque pessoal e íntima. (SACRAMENTO; BORGES. 2017, p. 3)

Essas produções podem, assim, receber o status de Performances Culturais, tendo em vista o posicionamento apresentado por Camargo (2013):

As performances culturais a serem examinadas devem ser também entendidas como uma concretização da auto percepção e da auto projeção dos agentes desta cultura, do entendimento que estes fazem ou constroem de si mesmo, determinando e sendo por eles determinados. (CAMARGO, 2013, p.3)

---

<sup>13</sup> Mais ações e coletivos feministas podem ser localizados através do Mapa de Coletivos de Mulheres – MAMU. Disponível em <<http://www.mamu.net.br/>>. Acesso em 29.ago.2018

Mesmo sendo uma projeção do seu próprio eu, a apresentação não pode deixar de ser analisada enquanto performance, uma vez que é pensada para e dependente de um público. Aquela/e que fala se dirige diretamente à sua audiência, que não está fisicamente no momento da gravação, mas se faz presente a partir de comentários, discussões e respostas, que podem inclusive ser igualmente performáticas, se tornando assim um participante da própria performance. Ainda que a/o performer mostre a sua própria realidade e convicções, ela/e o faz com um objetivo, visando um público e através de um produto audiovisual.

Todos fazemos mais performances do que percebemos. Os hábitos, os rituais, e as rotinas da vida são comportamentos restaurados. O comportamento restaurado é comportamento que se vive, assim como um cineasta trata uma porção de negativo. Estas porções de comportamento podem ser rearranjadas ou reconstruídas; elas são independentes dos sistemas causais (pessoais, sociais, políticos, tecnológicos, etc.) que as ligam à existência. Elas possuem vida própria. A “verdade” ou “fonte” original deste comportamento podem ser desconhecidas ou até ainda perdidas e ignoradas ou contraditas – mesmo quando esta verdade ou fonte é enobrecida. Como estas porções de comportamento foram feitas, descobertas ou desenvolvidas, pode estar oculto ou ser desconhecido; elaborado; distorcido pelo mito e pela tradição. (SCHECHNER, 2002, p. 8)

Pensar a apresentação mediada enquanto performance permite que se façam questionamentos e se entenda que tais eventos são mutáveis.

Existem muitas maneiras de entender a performance. Qualquer evento, ação e comportamento podem ser examinados “enquanto” performances. Utilizar a categoria do “enquanto” performance tem suas vantagens. Pode-se considerar as coisas provisoriamente, em processo, enquanto elas mudam através do tempo. Em qualquer atividade humana existem normalmente muitos atores, com pontos de vista, objetivos e sentimentos diferentes e até mesmo opostos. Utilizar “enquanto” performance como uma ferramenta, pode-se olhar para as coisas que, de outra maneira, estariam fechadas para investigação. (SCHECHNER, 2002, p. 23)

A mensagem veiculada na internet pode afetar diretamente na vida e na autoestima de pessoas fora do ambiente digital, chamando a atenção e despertando curiosidade para compreender de maneira mais profunda acerca da recepção de vídeos de ciberativismo feminista.

As performances podem tanto “fazer acreditar” quanto “fazer de conta”. As muitas performances da vida cotidiana, como as de papéis profissionais, de gênero e de corrida, e de formar a identidade de alguém, não é apenas ação de faz-de-conta (como interpretar um papel em um palco ou em um filme provavelmente é). As performances

da vida cotidiana [...] “fazem acreditar” - elas criam as realidades sociais que encenam. (SCHECHNER, 2002, p. 16)

Neste contexto, observar de maneira crítica como se comportam usuárias/os ao assistirem a performances de mulheres compartilhando imagens e histórias íntimas sobre seus corpos, questionando acerca das sociedades em que se encontram e dos padrões estéticos impostos pelas mesmas, permite que tenhamos uma pequena demonstração das possíveis reverberações que esse tipo de produção pode ter, tendo sempre em vista que as experiências compartilhadas são pessoais e individualizadas.

Assim, o etnógrafo está condenado a produzir uma perspectiva muito individualizada do mundo *on-line*. Não podemos reivindicar que tenhamos a mesma experiência que qualquer outro usuário, já que cada um terá uma experiência única. Podemos, contudo, refletir sobre a experiência de ser um usuário e tirar vantagem da nossa imersão no campo para refletir sobre o que contém e o que possibilita seus movimentos particulares e suas formas de compreensão. (HINE, 2016, p. 22)

Não se trata, portanto, de propor generalizações, mas compreender de que maneiras as experiências vividas e compartilhadas nos ambientes digitais podem promover transformações sociais, desta maneira vinculando o presente estudo a outros na linha de pesquisa das Poéticas e Culturas nas Humanidades Digitais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que se utiliza da etnografia de mídia (HINE, 2016) para produção de dados e busca categorizar os resultados obtidos a partir dos estudos de Hall (2003).

No primeiro capítulo, se propõe apresentar teoricamente algumas questões relativas ao corpo e ao padrão de beleza. Serão utilizados alguns dos escritos de Foucault (2004), Rago (1979), Tucherman (1999) e outras/os estudiosas/os do tema para embasar a discussão. Trata-se do capítulo de revisão teórica deste estudo.

O capítulo segundo apresenta a metodologia adotada neste estudo, baseando-se principalmente nos livros organizados por Duarte e Barros (2005) e por Campanella e Barros (2016), expondo também sobre os vídeos selecionados, as *youtubers* responsáveis por estes, os comentários selecionados dentro das plataformas que se referem aos vídeos em questão e a trajetória percorrida pela pesquisa.

No terceiro capítulo se procurará abordar acerca das performances e de seu uso como forma de escrita de si, utilizando-se dos estudos de Schechner (2002), Butler (2018), Foucault (2013) e outras/os. Além de representar um segundo capítulo teórico, apresentam-se aqui os

dados obtidos a partir dos vídeos selecionados e as relações que podem se estabelecer entre estes e os conceitos apresentados.

Por fim, no quarto capítulo foram discutidos os resultados obtidos a partir dos comentários, os quais foram pensados a partir da teoria das mediações de Martín-Barbero (2018) e da experiência da performance de Dawsey (2005) e classificados a partir das categorias de análise propostas por Hall (2003).

A partir da pesquisa, espera-se entender melhor como as relações de meninas e mulheres com seus corpos podem se articular com as performances no YouTube, permitindo assim que isso possa ser feito com maior responsabilidade e consciência das possíveis reverberações. Pretende-se também contribuir para as discussões acerca de padrões estéticos para corpos femininos, dando ênfase especial para as possibilidades trazidas a partir das Performances Culturais.

## 1. “Um corpo é um corpo né mores?”

todos nascemos  
tão bonitos  
a grande tragédia é que  
nos convencem de que não somos  
(Rupi Kaur)

O título acima refere-se a uma expressão memética, ou *meme*, utilizada para elogiar o corpo de outrem, em geral indicando que este se adequa ao padrão socialmente estabelecido, mas também podendo ser recorrido de forma irônica ou contestando o padrão estético. Entende-se para fins deste estudo que expressões meméticas são “palavras ou expressões, que no seu processo de utilização e conseqüente propagação, não mantêm padrões de função ou propósito linguísticos únicos ou fixos” (SOUZA JÚNIOR, 2012). A palavra *meme* vem do grego e significa imitação, sendo utilizada no contexto de redes sociais para referir-se ao fenômeno de viralização de um conteúdo que se espalhe rapidamente entre as/os usuárias/os.

### 1.1 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes: sobre mim e o corpo que habito

Entre mim e meu corpo houve desde muito cedo uma relação tensa, com a constante tentativa de equilibrar as suas dores e delícias. O mesmo corpo que exigia constantes visitas aos médicos era aquele que permitia que eu me expressasse através da dança. O corpo intocável depois das sessões de iodoterapia, em pouco tempo já exigia abraços e carinhos das pessoas que amo. Forte o suficiente para combater um câncer, frágil o bastante para ceder às ilusões criadas por uma mente deprimida, tendo na pele a minha história desenhada nas cicatrizes que ficaram.

Ao olhar minhas fotos de criança, é fácil perceber a criança “fofinha” e cheia de “dobrinhas” que fui. Na época isso não era algo necessariamente ruim: “ela precisa de energia” dizia uma tia, “tem que comer bem para poder crescer” argumentava uma outra. E assim eu crescia, privilegiadamente bem alimentada e inocente, até a puberdade.

**Figura 2:** Beatriz - bebê e criança



Fonte: acervo da família Almeida Prado.

Não mais que de repente (ao menos para mim), o que um dia foi visto como sinal de saúde se torna defeito. Se a Bia criança comia bem pois precisava de energia, a Bia adolescente comia demais e precisava prestar atenção pois iria engordar, as pernas grossas foram de adoráveis a mau sinal em pouquíssimo tempo, as comparações com os corpos de primas e amigas com idade semelhante se intensificaram e a autoestima foi se deteriorando cada vez mais.

Mas havia um ponto de liberdade para esse corpo: a dança. Naquele lugar aparentemente deslocado do tempo e do espaço, eu experimentava a potência do meu corpo, era possível criar

algo belo e me sentir verdadeiramente feliz com ele. Ao longo de grande parte da minha vida, a dança foi a minha particularidade e uma fonte de tanta alegria que eu decidi fazer dela a minha carreira. Quando prestei vestibular, o curso de graduação em Dança ainda não existia na UFG, então a escolha mais próxima era Educação Física, para surpresa e desespero dos meus pais.

**Figura 3:** Beatriz - adolescente - dançando com o amigo Pedro Henrique



Fonte: Facebook Bia de Almeida (2011)

Uma vez que a decisão havia sido tomada e anunciada, os questionamentos se iniciaram: “mas você é gorda, como vai trabalhar com isso?”. Vale registrar que eu não era gorda, mas também não era vista como magra, o que já era motivo suficiente para se questionar o meu interesse pela área, uma vez que ainda nem havia iniciado minha graduação e não haveria como saber se esse interesse se manteria ao longo dos anos seguintes ou a respeito da minha competência para atuar como profissional de Educação Física.

O tempo foi passando e minha identificação com o curso só aumentava. Ficava cada vez mais evidente que eu não iria desistir, então as cobranças relacionadas ao meu corpo tornaram-

se cada vez mais frequentes. Nesse momento, por uma série de motivos que não cabem aqui, eu havia me afastado do ambiente da dança e uma nova paixão havia ocupado o seu lugar: o Taekwondo.

Talvez esse tenha sido o momento em que me senti mais feliz com o meu corpo desde a adolescência. Eu me sentia forte, capaz de fazer coisas que eu nunca havia sequer cogitado. Mas, para muitos dos olhos que ali me viam, eu tinha um defeito incorrigível: sou uma mulher. Quanto mais eu subia de graduação dentro do Taekwondo, mais recorrente se tornava o questionamento sobre o que eu fazia com aquilo, qual era o meu objetivo. Era absolutamente incabível que eu pudesse dar aulas de arte marcial, pois “uma mulher não é respeitada como professora de luta”.

**Figura 4:** Beatriz durante exame de faixa



Fonte: Facebook Ciro Prado (2014)

Nesse ponto da minha vida eu já havia entrado em contato com o movimento feminista e um sentimento combativo se tornava muito mais aflorado. Se acham que eu não consigo, eu vou provar o contrário. Não apenas conquistei minha faixa preta (tendo pagado o exame de faixa com os frutos do meu próprio trabalho), como fiz meu trabalho de conclusão de curso da graduação sobre esse assunto: mulheres no Taekwondo.

Apesar da alegria trazida pelas novas conquistas, os frequentes constrangimentos aos quais fui submetida simplesmente por ser uma mulher em um ambiente majoritariamente masculino, juntamente às lesões nos joelhos e a depressão que voltava a me rondar, acabaram por me afastar dos tatames. Ganhei peso e a descrença geral sobre minha competência para ser professora de Educação Física retornaram com toda força. Até que surgiu a oportunidade de dar aulas de natação para crianças.

Meu corpo não era questionado, mesmo porque as minhas superiores eram mulheres gordas, mas curiosamente sua exposição gerava incômodo a outras pessoas, fosse por seus pelos (quando eu não os removia completamente) ou por suas formas (que chamavam “muita atenção”). Quanto a mim, finalmente eu estava começando a fazer as pazes comigo e com o meu corpo. Não posso dizer que estava totalmente segura, obviamente, mas minha autoestima começava a ser reconstruída e com isso minha autoimagem foi aos poucos se suavizando graças à ajuda de dois fatores importantes: psicoterapia e ouvir histórias de outras mulheres.

Nesse ponto é interessante que se evidencie a importância que a militância digital adquiriu para mim. Através de grupos compostos somente por mulheres na rede social Facebook, pude ter um maior contato com mulheres em um espaço no qual elas se sentiam seguras o suficiente para expor inseguranças e vivências diferentes das minhas. Romper a bolha do privilégio não é fácil, mas ampliou meus horizontes e permitiu que eu compreendesse melhor a minha relação comigo mesma e com o corpo que habito. Passei a me ver nelas, perceber as aproximações que surgiam mesmo que fosse alguém completamente diferente de mim e entender que definitivamente eu não era a única a ter uma relação problemática com meu corpo.

Por meio de um desses grupos chegou até mim um vídeo chamado “*TOUR PELO MEU CORPO - EXPECTATIVA VS REALIDADE*”, no qual a *youtuber* Ellora Haonne mostrava que mesmo ela, que se considerava uma mulher magra e padrão, não tinha o corpo perfeito que aparentava. Entre os comentários deixados no grupo, o que mais me chamou atenção foi o que questionava o porquê de aquele vídeo ser tão amplamente difundido e compartilhado, se quem

criou a *tag* foi a Luíza Junqueira, uma mulher gorda. Aquilo me fez pensar e procurar por outros vídeos vinculados à *tag*.

Me deparei com corpos diversos, expondo suas fragilidades e as violências que já sofreram, como a publicação da *youtuber* Gabi Oliveira, “*Tour Pelo Meu Rosto | Papo DePretas*”<sup>14</sup>, cuja imagem de capa trazia os dizeres “Os traços que ninguém quer ter”. Gabi é uma mulher negra de pele escura, com olhos grandes e saltados, nariz largo, lábios grossos e cabelo crespo.

**Figura 5:** *Tour Pelo Meu Rosto - Gabi Oliveira*



Fonte: YouTube - Canal Gabi Oliveira

Na visão da *youtuber* (a qual eu não tinha como refutar), não havia dúvida sobre o porquê de aqueles traços serem os que “ninguém quer ter” e, conforme ela contava situações pelas quais havia passado por sua aparência, eu chorava. Não porque ela tivesse colocado um tom triste em seu relato, pelo contrário, ela se mostrava alegre por ter aprendido a se amar, apesar das violências racistas que sofreu ao longo de sua vida. Então por que não eu?

Busquei por mais conteúdos de ativismo online (assunto que será abordado em capítulos posteriores), fossem eles relacionados à causa feminista, antirracista, indígena e outras tantas, e a vontade de conhecer mais só aumentava. Foi quando a Prof.<sup>a</sup> Lara, amiga de outros tempos e hoje orientadora desta pesquisa, me convidou para fazer parte do seu grupo de pesquisa na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC/UFG). Eu estava enferrujada, mas as leituras e o contato com as/os estudantes de Iniciação Científica me ajudaram a entender o meu lugar ali

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CEOvcHPvvis>>. Acesso em: 18. fev. 2021.

e na luta. Soube do edital para mestrado no Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais e, com grande incentivo da Prof.<sup>a</sup> Lara, corri para montar meu projeto e não tinha dúvida sobre o que eu queria estudar: corpos de mulheres e ativismo online.

Eu sabia que não era a única a ter sido tocada por aqueles relatos. Agora, com 28 anos, eu entendo que diversas situações e sentimentos que vivenciei se deviam a um ambiente que tem pouco apreço por corpos que não se adequam aos moldes estabelecidos, e essa percepção se deve, em grande medida, às mulheres corajosas que vieram antes de mim e se dispuseram a expor essa realidade para o máximo de pessoas possível. Talvez a história do meu corpo fosse diferente se eu soubesse disso antes, assim como diversas meninas que estão tendo essa oportunidade atualmente. Então vou fazendo a minha parte, para que essa onda aumente e chegue cada vez mais longe...

## **1.2 Corpo padrão: poder e disciplina**

Imaginar um tipo específico de corpo como sendo “o corpo perfeito” não é exclusividade do Brasil na contemporaneidade. Naomi Wolf (1992, p. 15) coloca que “O mito da beleza tem uma história a contar. A qualidade chamada ‘beleza’ existe de forma objetiva e universal. As mulheres devem querer encarná-la e os homens devem querer possuir mulheres que a encarnem”. Ao referir-se às imagens idealizadas do corpo no Ocidente Ieda Tucherman (1999) expõe que estas

funcionaram, para as respectivas experiências culturais que as produziram, como suportes necessários e legítimos para as configurações dos princípios de totalidade, unicidade e consistência. Dizendo de outro modo, foi a partir do corpo como imagem que a noção de integridade pode ser pensada e discutida, assim como foi a partir da invenção destas imagens do corpo que têm sua própria história [...] que cada uma destas experiências pensou-se como integral e totalizada. (TUCHERMAN, 1999, p. 26)

Em diálogo com a imagem de um corpo perfeito, por exemplo, nota-se que, na sociedade brasileira atual, algumas das características de como seria esse corpo feminino ideal seriam a pele lisa, branca, sem poros, marcas ou manchas, pernas perfeitamente firmes e uniformes que não se toquem, seios volumosos e duros, mas que não fiquem com os mamilos aparentes, barriga “negativa”, ou seja, voltada para dentro, e com a musculatura aparente, cabelos longos, lisos e rigorosamente alinhados. É interessante observar que tais elementos são um reflexo da cultura e da época que os criou. Como afirmado por Rose (2001 *apud* SANTAELLA, 2004,

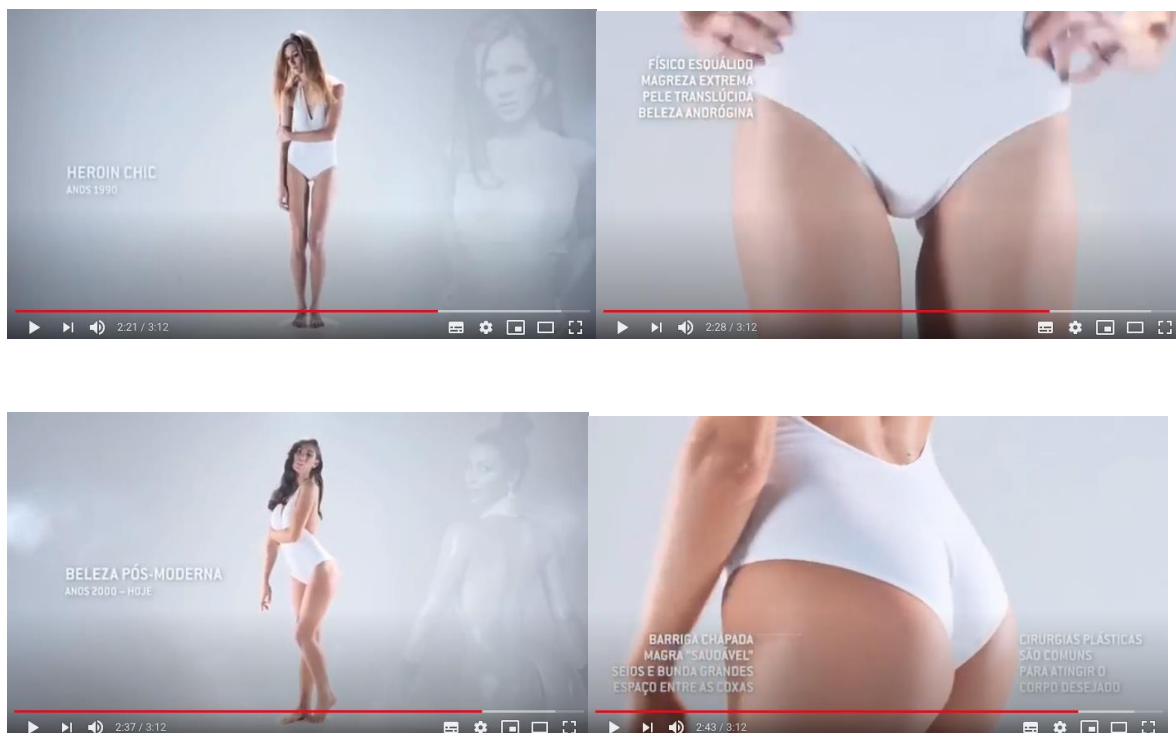
p.23), “o corpo é, ele mesmo, um fenômeno histórico”. Assim, para pensar um padrão corporal é necessário se considerar o contexto social e cultural que o originou. O vídeo<sup>15</sup> “O ideal de corpo feminino ao longo da história” publicado pelo canal na plataforma YouTube do BuzzFeed Brasil, empresa norte-americana multiplataformas de notícias que tem como característica divulgar conteúdos de entretenimento e notícias de maneira acessível, tratando com frequência de pautas feministas, ilustra algumas das mudanças no ideal de beleza feminina, mostrando a partir de modelos (vide mosaico de figuras a seguir) tais modificações conforme avançam os anos, variando também com relação ao lugar de referência, apesar de focar-se principalmente no modelo ocidental estadunidense-europeu<sup>16</sup>, o qual, atualmente, é construído a partir de procedimentos estéticos diversos, truques de maquiagem e outros modificadores de aparência.

**Figura 6:** Mosaico de imagens do vídeo “O ideal de corpo feminino ao longo da história”



<sup>15</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Oiccaa4WenM>>. Acesso em 27.jun.2020.

<sup>16</sup> Por consequência, refere-se também ao arquétipo brasileiro, uma vez que esse vem há muito importando seus valores estéticos dessa fonte.



Fonte: Canal BuzzFeed Brasil/ YouTube. Montagem: autoria da pesquisa.

Tucherman (1999) apresenta um panorama com algumas das principais influências para esse imaginário coletivo sobre o corpo, no Brasil. E a primeira delas a ser colocada é a grega. A busca por esse corpo perfeito não era apenas uma questão estética, mas de poder e controle. Assim como a mente e a moral humana deveriam ser moldadas, através de estudos e debates, os corpos também o seriam, por meio de exercícios e meditações, para então serem expostos perante todos.

O corpo exposto é objeto de admiração; eram os bárbaros que cobriam a genitália nos jogos públicos pois, para o habitante de Atenas, havia uma equivalência entre a liberdade de exhibir-se, o que se dava mais intensamente nos ginásios onde o corpo era adestrado; e a de exprimir-se, sendo o debate o exercício de adestramento do espírito e seu topo de manifestação na Ágora. O próprio ginásio era esta afirmação de que o corpo pertencia a uma unidade, a Pólis, onde ele podia, a partir de uma exibição pública e de constante treinamento, ser modelado de modo artístico. Por isto as figuras humanas do Parthenon são todas jovens, exibindo corpos perfeitos e nus, com expressões serenas, contrastando, por exemplo, com o Zeus de Olímpia, esculpido poucos anos antes, mais individualizado e mostrando sinais da idade e do medo. Os deuses estão prontos; os homens estão se fazendo. (TUCHERMAN, 1999, p. 27)

Diferentemente da visão autocentrada da cultura contemporânea, a partir da influência grega, “ser belo significava ser temperante e ser capaz de agir com autonomia, sem ser governado pelo outro e sem submissão aos próprios instintos e paixões” (RAGO, 2013, p. 44-45). Uma vez que as cidades seriam organizadas a partir do corpo que o cidadão da pólis deveria

manter, o qual é ilustrado claramente pelas dezenas de esculturas que decoravam a República, moldar-se era uma questão pedagógica e política.

Avançando-se no tempo, a questão do corpo apresenta-se também na sociedade romana/cristã, não no intuito de exibi-lo e enaltecer sua potência, mas como a morada pecaminosa dos filhos de Deus, devendo-se então aprimorar o espírito a partir da dor do corpo. Roberto Machado (1979) expõe que, em sociedades nas quais se prioriza a disciplina, técnicas de dominação são exercidas essencialmente no corpo, que corresponde ao que há de mais concreto na realidade dos indivíduos, e a partir deste penetra na sua vida cotidiana.

Nestes novos tempos, que inauguram a “civilização da culpa”, o advento do cristianismo conferiu à dor do corpo um valor espiritual. A lição divulgada era a da morte de Cristo e suas torturas e, portanto, lidar bem com a dor do corpo é mais importante do que saber lidar com os prazeres, para estes novos corpos cristãos. (TUCHERMAN, 1999, p. 33)

Uma vez que o próprio Cristo passou por renúncias e torturas quando em um corpo, o flagelo da carne aproxima o humano do divino, as privações tornam-se um símbolo de fé e o sofrimento passa a ser exaltado por proporcionar não somente experiências transformadoras, mas necessárias para a superação da fraqueza da matéria pecadora e ascensão do espírito.

O paradoxo que se percebe nesse padrão de concepção corporal é que esse mesmo corpo desprezado por ser impuro, é também aquele no qual os sinais de seu Deus irão se mostrar, seja por seus processos de purificação ou pelos estigmas<sup>17</sup> que se apresentam como um símbolo de santidade do indivíduo. Esta relação pode ser exemplificada nos casos de mulheres que se utilizavam de longos jejuns como formas de penitência e de se aproximar de Deus, algumas delas tendo sido posteriormente canonizadas pela Igreja Católica.

Eram mulheres que se utilizavam do jejum autoimposto como um dos meios de se assemelharem na terra ao Cristo Crucificado. Com essas práticas, sentiam-se mais puras e mais aptas a se aproximarem de Deus. [...] Além dos jejuns mais intensos, a vida dessas mulheres foi marcada por práticas características, tais como duras penitências, restrições das horas de sono, intensos trabalhos, muito tempo dedicado à oração e auxílio aos pobres e aos doentes. Além disso, possuíam uma personalidade cujos atributos foram destacados como aspectos presentes nos casos de anorexia da contemporaneidade, como, por exemplo, o perfeccionismo, a autossuficiência, a rigidez no comportamento e a insatisfação consigo. (ALMEIDA; NEVES, 2012, p. 349)

---

<sup>17</sup> Dentro da tradição cristã, entende-se por estigmas as marcas físicas que teriam origem espiritual e se relacionam com as chagas de Jesus Cristo

Ocupando simultaneamente o lugar do pecado e daquilo que irá ascender após o juízo final, o corpo cristão é um campo fértil de ambiguidades enquanto não-lugar: o corpo deve ser punido e preservado, pois é simultaneamente profano e sagrado.

O padrão estético ideal para o corpo feminino cristão pode ser facilmente percebido nas figuras de santas, que se apresentam sempre em posição de fragilidade e subserviência, mas também magreza, uma vez que o corpo gordo denota o prazer da mesa farta e o profano da gula. Este corpo não é exemplo a ser seguido, pois não se puniu o suficiente para adestrar-se.

Não é difícil perceber que aquilo que é considerado padrão estético no Brasil ainda se mostra próximo dos modelos apresentados, sendo incessantemente repetidos nos meios tradicionais de comunicação. Por exemplo, a partir da figura das santas, como a Virgem Maria: o corpo feminino deve ser puro, imaculado, limpo, branco e magro, mas também resiliente às tentações carnis e resignado diante das dores e injustiças que se apresentarem.

Se belo para o corpo feminino no contexto cultural brasileiro se ancora na imagem da Virgem Maria e na sua pureza, é preciso compreender que não apenas nela. O padrão estético eurocêntrico, difundido pelas imagens do cinema, da televisão e da mídia em geral também se faz presente e influencia diversos aspectos de tal construção social. Então,

Enquanto os estudos sobre a subjetividade esforçam-se por denunciar os vultos fantasmagóricos que se escondem por trás do axioma das crenças, as mídias fazem pesar a balança para o lado das ilusões. Quem ganha a batalha no coração dos incautos? Certamente, as mídias, pois as imagens, que elas incessantemente passam, dão robustez ao imaginário que alimenta as miragens do ego. (SANTAELLA, 2004, p. 125)

Soma-se ainda, no caso específico da mulher brasileira, a construção de uma representação de um símbolo de pecado e devassidão, como exposto por Figueiredo (2017):

Movida por meu interesse pessoal, venho realizando, há quase 10 anos, uma pesquisa sobre a representação da mulher brasileira nos meios de comunicação digital, que vem sendo aprofundado através de alguns trabalhos acadêmicos. Considero esse meu trabalho anterior como sendo indissociável do atual. [...] Uma busca no Google para o termo “mulher brasileira” produz um resultado de imagens que fala por si mesmo. O resultado sofre pequenas alterações quando se digita “Brazilian woman” ou “femme brésilienne”, por exemplo; fotos diferentes, porém no estilo de retratar a mulher, absolutamente semelhantes. Desde de 2014 venho registrando a busca e analisando as mudanças que o algoritmo provoca no resultado, mas o retorno tem sido semelhante: as primeiras quarenta imagens são majoritariamente mulheres nuas, seminuas, ou em poses erotizadas, como que saída do estereótipo folclórico da moura encantada: a mulher morena, sedutora, que encara a lente com ar convidativo e lascivo, seja a ideia de lascívia construída no inconsciente patriarcal qual for. A identidade da mulher brasileira foi forjada no contraponto entre a visão etnocêntrica do europeu colonizador, a nudez sem pecado da mulher nativa e a afetividade resiliente da escrava africana, sexualmente disponível apenas por obrigação ou necessidade de

sobrevivência. Prova disso é que a mesma busca para mulheres de outras nacionalidades não produz, nem de longe, os mesmos resultados. (FIGUEIREDO, 2017, p. 30, sic.)

E, ainda que tanto os conceitos de indivíduo como de subjetividade estejam sendo repensados por filósofas/os e outras/os estudiosas/os, é inegável a opressão das imagens de uma estética padrão na manutenção do papel central do corpo e no reforço de sua importância para o estabelecimento do eu.

Não parece haver outro caminho para a grande maioria dos seres humanos senão se reconhecer, se relacionar consigo mesmos e com suas vidas de acordo com os discursos, as imagens das mídias e os pressupostos em que se sustentam. Ora, nas mídias, aquilo que dá suporte às ilusões do eu são, sobretudo, as imagens do corpo, o corpo reificado, fetichizado, modelizado como ideal a ser atingido em consonância com o cumprimento da promessa de uma felicidade sem máculas. (SANTAELLA, 2004, p. 125-126)

Retomando o exposto sobre a sociedade grega tradicional, moldar o corpo de acordo com o padrão que é exaustivamente exposto e compelido de forma indistinta aos indivíduos segue sendo uma questão pedagógica e política, um exercício que serve duplamente para tornar o corpo tanto útil quanto adestrável. Machado (1979) coloca que o alvo do poder é o corpo, para adestrá-lo, controlar o homem em suas ações, aproveitar o máximo de suas potencialidades e aperfeiçoar suas capacidades, melhorando sua aptidão para o trabalho e sua utilidade econômica enquanto também o torna politicamente dócil.

Não se explica inteiramente o poder quando se procura caracterizá-lo por sua função repressiva. O que lhe interessa basicamente não é expulsar os homens da sua vida social, impedir o exercício de suas atividades, e sim gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades. Objetivo ao mesmo tempo econômico e político: aumento do efeito de seu trabalho, isto é, tornar os homens força de trabalho dando-lhes uma utilidade econômica máxima; diminuição de sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens do poder, neutralização dos efeitos de contrapoder, isto é, tornar os homens dóceis politicamente. Portanto, aumentar a força econômica e diminuir a força política. (MACHADO, 1979, p. 16)

Em uma sociedade patriarcal se mostra vantajoso que corpos femininos sejam dóceis, e um padrão estético rígido serve a tal propósito. Enquanto algumas formas de repressão vão sendo desconstruídas e perdendo a força que tinham no passado, outras ganham novas cores e se tornam amarras tão ou mais castradoras que as anteriores. Wolf (1992) pontua que a beleza seria o último dos mitos femininos a assumir a função de coerção social, uma vez que mitos da

maternidade, domesticidade, castidade e passividade não conseguiriam mais se concretizar. Ainda que não concorde totalmente com tal afirmação<sup>18</sup>, é inegável que manter um padrão de beleza - que é inalcançável a maioria das mulheres - desempenha de maneira efetiva o papel de algoz na manutenção da docilidade do corpo feminino e do predomínio masculino sobre ele.

A "beleza" é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram. (WOLF, 1992, p. 15)

Entretanto, ainda que seja um sistema opressor em diversos aspectos, este não se sustentaria se utilizasse exclusivamente métodos repressivos para exercer seu poder. Foucault (1979) expõe a esse respeito que,

Se o poder fosse somente repressivo, se não fizesse outra coisa a não ser dizer não, você acredita que seria obedecido? O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir. (FOUCAULT, 1979, p. 8)

Em relação à estética corporal, esse ponto complexifica a relação que se estabelece entre a mulher e o padrão imposto, pois essa passa a ser não apenas uma norma a ser seguida, mas um objeto de desejo. Buscando o corpo perfeito, que foi amplamente exibido, estampado e glorificado nas imagens às quais essa mulher foi exposta ao longo da vida, e percebendo sua incapacidade de alcançá-lo independente do quanto se esforce para tal, desperta-se nela uma hostilidade com relação ao próprio corpo, que seria “errado” por não conseguir adequar-se.

---

<sup>18</sup> Naomi Wolf (1992) aponta que o mito da beleza seria a última barreira a ser superada para a libertação total das mulheres. Nesse sentido, não concordo com a autora, pois considero que: 1) os mitos femininos que ela coloca como superados (maternidade, domesticidade, castidade e passividade) não parecem ter sido completamente extintos para grande parte das mulheres, especialmente para as não-brancas; 2) ainda existem outras questões a serem problematizadas antes de podermos considerar que essa libertação está concretizada, como o mito da mulher multitarefa, entre outros.

### 1.3 Fora da norma: corpos destoantes e pressão estética

Tendo postas as imagens do ideal, é fundamental que se tenha em mente que estas são construídas a partir da contraposição àquilo que destoa delas. Se a ordem se estabelece através dos corpos e de seu ajustamento à ordem vigente, os que estão fora do padrão representam a desordem e a insubordinação, devendo ser motivo de vergonha e, por isso, fortemente reprimidos: técnicas de maquiagem para alterar feições, cremes “anti-idade” para evitar sinais de envelhecimento, cintas modeladoras para evidenciar cinturas cada vez mais finas, cirurgias plásticas para “consertar” o que não pode ser mudado de outras formas.

Nas sociedades em geral, o corpo feminino ou que se aproxima da feminilidade é por si só considerado fora do padrão. Ao retomar a reflexão sobre o ideal grego, por exemplo, a concepção de corpo em momento algum se aproxima ao das mulheres: uma vez que o corpo perfeito era o do cidadão grego<sup>19</sup> e tal título era vetado às mulheres, a possibilidade de perfeição cabia apenas aos homens, sendo a mulher considerada uma deformação do corpo masculino.

Já na sociedade cristã, ao longo da história não faltam exemplos de opressão aos símbolos femininos, desde Eva, a mulher criada a partir de um pedaço do corpo de Adão e responsável pela expulsão de ambos do Paraíso, passando pela Idade Média, com a perseguição e queima das que eram consideradas bruxas, e reverberando até os dias atuais, uma vez que “antes da invenção de tecnologias de produção em massa [...] uma mulher comum era exposta a poucas imagens dessa natureza fora da igreja” (WOLF, 1992, p. 17).

Butler (2018) argumenta com mais clareza sobre o tema ao comentar sobre os estudos de Luce Irigaray.

Em seu ponto de vista, tanto o Outro como o Mesmo são marcados como masculinos; o Outro é apenas uma elaboração negativa do sujeito masculino, com o resultado de que o sexo feminino é irrepresentável — ou seja, é o sexo que, nessa economia significante, não o é. Mas não o é também no sentido de que escapa à significação unívoca característica do Simbólico, e de que não é uma identidade substantiva, mas sempre e somente uma relação indeterminada de diferença na economia que o representa como ausente. (BUTLER, 2018, p. 152, tradução nossa)

Sobre o caso da mulher brasileira, Figueiredo (2017) reafirma a ideia de uma mulher que se forma a partir do olhar masculino, que deveria desejar atrair, relatando sua própria experiência como imigrante e como atriz.

---

<sup>19</sup> Em Atenas, por exemplo, os cidadãos eram apenas os homens, filhos de pais e mães atenienses, com mais de 18 anos. As mulheres, os escravos e os estrangeiros não eram considerados cidadãos e não poderiam participar da vida política da cidade.

Como uma mulher brasileira que viajou e residiu em diversos países em dois continentes, investiguei intuitivamente as formas como fui sendo percebida pela diversidade de “culturas” que conheci, desde quando imigrei pela primeira vez para os EUA, aos 22 anos de idade. A despeito do meu instinto de antropólogo autodidata, esta ferramenta investigativa, parte integrante do conjunto de habilidades próprios a uma atriz, me foi necessária para a sobrevivência na construção de relações sociais e interpessoais. Com o tempo, porém, transformou-se em total consternação. Passei a notar um padrão de uniformidade inquietante no tipo de comentário que ouvia ao me apresentar como sendo “do Brasil”. “Brazilian? Uh... Samba! Carnaval!” são, como bem se pode imaginar, os mais tradicionalmente ouvidos, e vêm carregados da incontornável carga imagética de corpos negros nus e suados dançando freneticamente ao som de tambores. Os olhos do interlocutor transformam-se em projetores de cinema, e o filme dessa imagem se projeta em meu próprio corpo. E no frame seguinte, quem está ali nua diante dele sou eu, pronta a sair rebolando e atestar minha nacionalidade, para o deleite de quem me observa. (FIGUEIREDO, 2017, p.29)

E, se o “ser mulher” existe somente em função do homem, performar feminilidade é “naturalmente” parte de um ritual de sedução e o corpo feminino um campo de censuras. A concepção de “ser mulher” é problemática, pois não existe uma mulher, já que as mulheres são plurais. E também performar a feminilidade não é natural, pois performance requer um comportamento restaurado como afirma Schechner (2006), ou seja, é aprendido culturalmente, repetindo-se um gesto que foi aprendido a partir da observação e modificando-o aos poucos para moldá-lo à sua maneira.

Numa sociedade falocentrada e heteronormativa, quanto mais distante do masculino o corpo se apresenta, maiores serão as sanções que irá sofrer. Reforça-se assim a noção de Outro e de um desejo pela atenção do Mesmo, e o poder de definir certo e errado não está nas mãos do desejante. É o olhar masculino que irá designar o que é ou não considerado bonito em uma mulher e a orientação do seu desejo que estabelece o molde de beleza que será reproduzido pelas próprias mulheres. Mas é importante que se lembre que, apesar de o alvo principal das ações ser o corpo, as qualidades desejáveis para este são reflexos do comportamento que se espera da mulher.

As qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável. *O mito da beleza na realidade sempre determina o comportamento, não a aparência.* A juventude e (até recentemente) a virgindade foram “bonitas” nas mulheres por representarem a ignorância sexual e a falta de experiência. O envelhecimento na mulher é “feio” porque as mulheres adquirem poder com o passar do tempo e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos. As mulheres mais velhas temem as jovens, as jovens temem as velhas, e o mito da beleza mutila o curso da vida de todas. E o que é mais instigante, a nossa identidade deve ter como base a nossa “beleza”, de tal forma que permaneçamos vulneráveis à aprovação externa, trazendo nosso amor-próprio, esse órgão sensível e vital, exposto a todos. (WOLF, 1992, p. 17, grifo da autora)

Dessa maneira, se o corpo da mulher já sofre reprimendas por ser o Outro, a mulher gorda é ainda mais reprovada, pois representa tanto a insubordinação do que destoa quanto a ausência do falo.

O corpo da mulher gorda seria a representação externa e visual das falhas em seu caráter, uma demonstração de sua preguiça, indisciplina e incompetência, o que justificaria as restrições impostas a ela. No ambiente de trabalho, esse corpo será visto como pertencente à empregada que não passa uma “imagem profissional”<sup>20</sup>, dificultando assim a sua ascensão dentro da empresa; para que possa acessar determinados espaços coletivos, como cinemas e aviões, o corpo gordo deverá desembolsar um montante maior de dinheiro, quando existir essa possibilidade; na mídia massiva, a pessoa gorda será mostrada como sinônimo de um estilo de vida prejudicial à saúde, em personagens como Homer Simpson da animação Os Simpsons (1989-atualmente) e Dona Redonda da novela Saramandaia (1976), como alvo de zombaria, por exemplo no caso do filme “O Amor é Cego” (no original: “*Shallow Hal*”/ 2001) e Edileuza da série brasileira “Sai de Baixo” (1996-2002), ou mesmo carregando o estereótipo do “gordinho engraçado”, eternizado por Oliver Hardy na famosa dupla de comediantes “O Gordo e o Magro” (no original: “*Laurel and Hardy*”) e, no âmbito nacional, por Jô Soares. Punições devido às más escolhas feitas por esse indivíduo, mas que são facilmente contornáveis se houver boa vontade e esforço para aceitar os sacrifícios que deverá fazer.

Entretanto, o aumento da exposição a imagens que subvertem essa lógica, apresentando corpos que destoam do padrão e representando-os de maneira positiva, é o primeiro passo de um caminho que pode conduzir à autoaceitação corporal de mulheres.

---

<sup>20</sup> [https://istoe.com.br/123968\\_O+PESO+DO+PRECONCEITO/](https://istoe.com.br/123968_O+PESO+DO+PRECONCEITO/)

## 2. #tourpelomeucorpo

nossas costas  
contam histórias  
que a lombada  
de nenhum livro  
pode carregar  
(mulheres de cor - Rupi Kaur)

O título deste capítulo refere-se à indexação realizada em redes sociais a partir do uso de *hashtags* (#), sendo esta em específico a que designou os conteúdos produzidos ao longo do trabalho de campo. A que aqui está apresentada foi escolhida pela *youtuber* Luíza Junqueira para agregar conteúdos de outras/os criadoras/es que se associam àquele publicado inicialmente por ela.

### 2.1 Metodologia

A presente pesquisa utiliza como abordagem metodológica para a produção de dados a etnografia de mídia e a pesquisa bibliográfica.

Assim como descrito por Stumpf (2005), entendemos que

[...] a revisão de literatura acompanha o trabalho acadêmico desde a sua concepção até a conclusão. Da identificação do problema e objetivos do estudo, passando por sua fundamentação teórica e conceitual, pela escolha da metodologia e da análise de dados, a consulta à literatura pertinente se faz necessária. (STUMPF, 2005, p. 54)

Portanto, ao longo de todo o processo de pesquisa se realizará a revisão sistemática da literatura existente a respeito dos temas pertinentes ao estudo. Para fins deste trabalho, entende-se que a pesquisa bibliográfica,

Num sentido restrito, é um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. (STUMPF, 2005, p. 51)

Visa-se, dessa maneira, a identificação, seleção e obtenção de conhecimento acerca das publicações acadêmicas que convergem para os interesses dessa pesquisa.

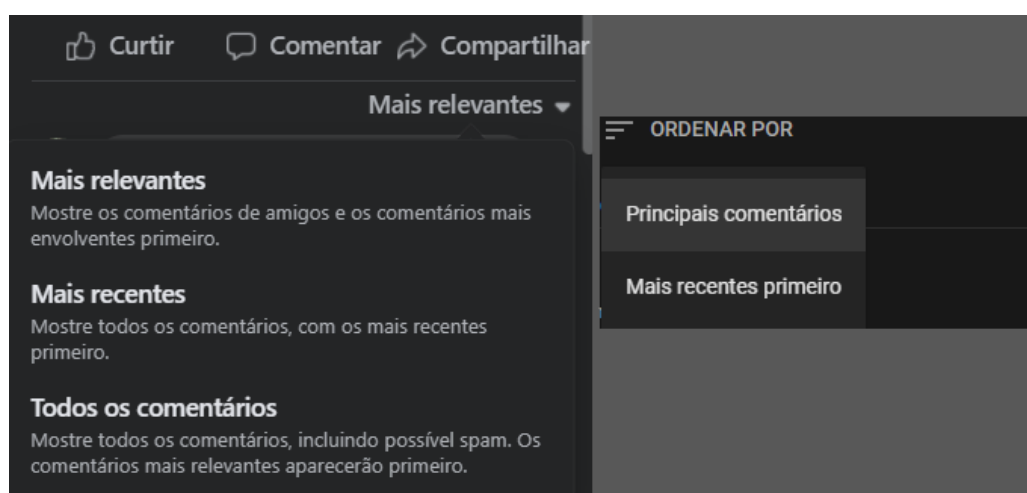
Tendo em vista que o cerne deste trabalho é a recepção e assimilação dos conteúdos por parte do público, a pesquisa etnográfica no contexto da cultural digital se mostrou como a mais adequada.

As tecnologias digitais se tornam cada vez mais uma parte intrínseca das vidas cotidianas em vez de uma esfera separada de existência social. Todas essas mudanças motivam os estudos etnográficos: nós precisamos saber em detalhes que tipos de mudanças estão ocorrendo nas instituições e organizações, no engajamento das pessoas com a mídia nesta era digital, e quais efeitos em termos de nossas culturas e nossas comunidades, quer seja *on-line*, *off-line* ou, como é o caso mais frequente, complexos híbridos do *on-line* com o *off-line*. (HINE, 2016, p. 12, grifos da autora)

Como proposto por Hine (2016), o que se pretende aqui não se resume ao conteúdo publicado, mas nos desdobramentos que este pode apresentar para o público que o consome, “a fim de considerar as conexões *on-line/off-line* e a circulação de conteúdos de formas imprevisíveis” (HINE, 2016, p. 15, grifo da autora).

Dessa maneira, foram selecionados comentários referentes a dois vídeos vinculados à *tag* *Tour Pelo Meu Corpo*. Tendo as plataformas YouTube e Facebook a disponibilidade de duas categorias para ordenação de comentários, “Principais Comentários” e “Mais Recentes” (Figura 5), foram escolhidos para análise 10 comentários de cada categoria para cada um dos vídeos, totalizando assim 40 comentários.

**Figura 7:** Opções de ordenação de comentários no Facebook e no YouTube, respectivamente



Fonte: autoria da pesquisa (2021)

Buscou-se com isso obter uma visão mais ampla sobre o objeto a partir da análise dos comentários que receberam maior número de interações e daqueles que foram deixados por usuárias/os com contatos posteriores ao lançamento dos referidos vídeos.

Apesar de ambas as publicações terem sido originalmente publicadas na plataforma YouTube, se fez necessário que a análise dos comentários do vídeo de Ellora Haonne fosse realizada na plataforma Facebook, uma vez que a *youtuber* optou por remover o conteúdo de

seu canal no YouTube após envolver-se em polêmicas relativas à originalidade de seus conteúdos, tendo sido por mais de uma vez acusada de plagiar *youtubers* com menor visibilidade e pertencentes a grupos minoritários.

Para análise, partiu-se dos estudos de Hall (2003) para categorizar e interpretar os comentários selecionados. Isto significa dizer que três categorias principais surgiram: a de comentários que aceitam integralmente, os que rejeitam totalmente e os que negociam com o exposto pelas criadoras.

Em virtude da paralisação das atividades presenciais durante o primeiro semestre do ano de 2020 por conta da pandemia de COVID-19 (Coronavírus), foi necessário que se fizessem mudanças e adaptações no planejamento de atividades da pesquisa. Com o prolongamento do período de afastamento social, a autora e a orientadora deste estudo optaram por dar-lhe um novo rumo. A primeira fase da pesquisa, que consistiu em grande parte da pesquisa bibliográfica e da análise inicial dos comentários, ocorreu segundo o cronograma previsto e simultaneamente ao planejamento das atividades da segunda fase da pesquisa, que contavam com a presença das adolescentes secundaristas que se identificam com o gênero feminino. Partindo da apresentação dos vídeos de *Tour Pelo Meu Corpo* selecionados e de atividades de autopercepção corporal, seriam realizadas entrevistas individuais em profundidade, grupo focal e observação participante ao longo do segundo semestre do mesmo ano, a fim de comparar sua recepção online e offline. Entretanto, com a impossibilidade de dar continuidade nas atividades de forma presencial, optou-se por ampliar e aprofundar a análise de comentários deixados por internautas nos vídeos em questão, deixando-se a pesquisa de campo com as adolescentes para pesquisas futuras.

Feitos os primeiros esclarecimentos metodológicos, passamos agora para o aprofundamento das escolhas adotadas para o presente trabalho.

## **2.2 Pesquisando *Tour Pelo Meu Corpo***

Numa primeira busca<sup>21</sup> pela plataforma de compartilhamento de vídeos YouTube utilizou-se a expressão *tour pelo meu corpo* como palavra-chave, uma vez que se trata de uma *tag* específica que leva esse nome. No filtro disponibilizado pela plataforma foi escolhida inicialmente a classificação por relevância, permitindo vídeos com quaisquer características quanto à duração, tipo ou data de envio do vídeo, usando sempre de abas anônimas, a fim de se evitar o viés nas pesquisas com base em buscas anteriores.

---

<sup>21</sup> Dados referentes a busca no dia 14/08/19.

Tendo em vista esta predominância de produtoras e consumidoras, bem como a crescente onda de questionamentos femininos acerca de corpo e padrão de beleza, buscou-se em seguida os termos *tour* pelo meu corpo e mulher, inicialmente sem o uso de aspas. O primeiro resultado se trata de uma compilação de 19 vídeos com conteúdos de teor afirmativo, porém com menos visualizações e repercussão.

Utilizando as mesmas palavras-chave no buscador do Google foram encontrados aproximadamente 5 milhões de resultados totais, sendo cerca de 107 mil destes em vídeo, para a primeira busca (*tour* pelo meu corpo) sem a utilização de aspas. Ao se adicionarem as aspas, a busca apresentou aproximadamente 42500 resultados, sendo cerca de 18900 em vídeo. Na busca pelos termos “*tour* pelo meu corpo” (com aspas) e mulher (sem aspas) associadamente, reduziram-se para aproximadamente 14000 resultados, sendo cerca 6710 em vídeos.

No entanto, vale ressaltar que em todas as pesquisas realizadas os primeiros resultados a aparecerem eram os mesmos em ambas as plataformas de busca, demonstrando a grande procura e relevância dos conteúdos em questão.

Entre os primeiros registros pode-se perceber a predominância de mulheres brancas com corpos magros, na busca de afirmar que mesmo a mulher que se encontra dentro do padrão de beleza vigente não é perfeita. Ao alterar a classificação do filtro para contagem de visualizações, alguns vídeos se mantiveram nas posições mais altas, porém a mudança foi notável. Aparecem em posições de destaque alguns vídeos de corpos no período pós-gravidez e mulheres gordas. Um pequeno aumento na quantidade de vídeos com homens foi registrado, estes porém estão, em sua maioria, reagindo a vídeos feitos por mulheres.

Dessa maneira, sob o critério de número de visualizações e alcance que as produções referidas obtiveram, foram escolhidos os vídeos das *youtubers* Ellora Haonne e Luiza Junqueira, com respectivamente 4,4 milhões e 2,4 milhões de visualizações<sup>22</sup>, sendo esta última a criadora da *tag*.

Uma vez escolhidos os vídeos que iriam compor o corpus da pesquisa, se deu início a uma busca por trabalhos acadêmicos sobre esse objeto, bem como sobre o tema em questão. As plataformas priorizadas foram: Google Acadêmico<sup>23</sup>, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFG (BDTD/UFG) e o Portal de Periódicos CAPES/MEC. Os termos utilizados foram “YouTube mulher”,

---

<sup>22</sup> No dia 14/08/19.

<sup>23</sup> Excluíram-se desta busca citações, patentes e artigos que não fossem em português.

“autoestima mulher”, “performance mediada mulher” e “*tour* pelo meu corpo” (com e sem o uso de aspas).

**Tabela 01:** Primeiro Resultado das Pesquisas

	<b>Autoestima Mulher</b>	<b>Performance Mediada Mulher</b>	<b>YouTube Mulher</b>	<b><i>Tour</i> Pelo Meu Corpo</b>	<b>“<i>Tour</i> Pelo Meu Corpo”</b>
<b>Google Acadêmico<sup>24</sup></b>	44.400	19.400	26.000	14.900	4
<b>Portal De Periódicos</b>	1001	107	233	149	0
<b>BDTD</b>	214	220	20	62	0
<b>BDTD/UFG</b>	1606	4165	1820	5609	0

Fonte: Autoria da pesquisa (2019).

É interessante notar que, apesar da grande repercussão e alcance que as mídias em questão apresentam, muito pouco tem sido estudado utilizando-se de métodos e do rigor científico, dado o baixo número de publicações que foram averiguadas. Vale também ressaltar que mesmo nas pesquisas que apresentam maior número de incidências os resultados são insatisfatórios, uma vez que os assuntos das publicações não se relacionam diretamente com a temática pesquisada ou apresentam as ocorrências de palavras “corrigidas” (como ao pesquisar com a palavra “*tour*”, que é alterada automaticamente para a palavra “touro” e acaba por distorcer a contagem final).

A partir dos comentários realizados na banca de qualificação, os termos utilizados anteriormente foram repensados e optou-se por fazer uma nova busca nas bases de dados. Os termos escolhidos para a nova pesquisa foram: “Autoimagem Mulher”, “Ativismo Online Mulher”, “Recepção YouTube” e “Corpo Mulher YouTube”, todos sem a utilização de aspas.

<sup>24</sup> Os valores relatados são aproximados, uma vez que a plataforma não disponibilizou o número exato de registros.

**Tabela 02:** Segundo Resultado das Pesquisas

	<b>Autoimagem Mulher</b>	<b>Ativismo Online Mulher</b>	<b>Recepção YouTube</b>	<b>Corpo Mulher YouTube</b>
<b>Google Acadêmico</b>	26.800	14.700	26.700	27.900
<b>Portal De Periódicos</b>	249	115	112	118
<b>BDTD</b>	68	396	21	19
<b>BDTD/UFG</b>	77	30	67	96

Fonte: Autoria da pesquisa (2021).

Na pesquisa pelos termos “autoimagem mulher” a maioria dos resultados tratava sobre mulheres que tiveram câncer de mama e passaram pela cirurgia de mastectomia ou de mulheres gestantes e puérperas. Já no caso dos termos “Recepção Youtube” e “Corpo Mulher YouTube”, a maioria dos resultados da BDTD e da BDTD/UFG ignoravam a palavra YouTube e apresentavam estudos de recepção diversos, porém não relacionados com a plataforma pela qual essa pesquisa se interessa.

Verifica-se dessa maneira que, mesmo com as alterações realizadas, os resultados obtidos são reduzidos quando se relacionam ao YouTube, especialmente tratando-se de pesquisas aprofundadas, como dissertações e teses. Há um grande volume de artigos revisionais e a concentração em uma temática comum, como no caso da autoimagem de mulheres que passaram por mastectomia e gestantes. Este pode ser um indicativo interessante sobre quais mulheres têm chamado a atenção do meio acadêmico e de que maneiras seus corpos são retratados. Para além disto, as pesquisas auxiliaram a pesquisadora a compreender mais profundamente os temas relacionados ao objeto e precisar o tema deste estudo, contribuindo para a assimilação de conteúdos e servindo de inspiração para a construção da metodologia de pesquisa e análise de dados.

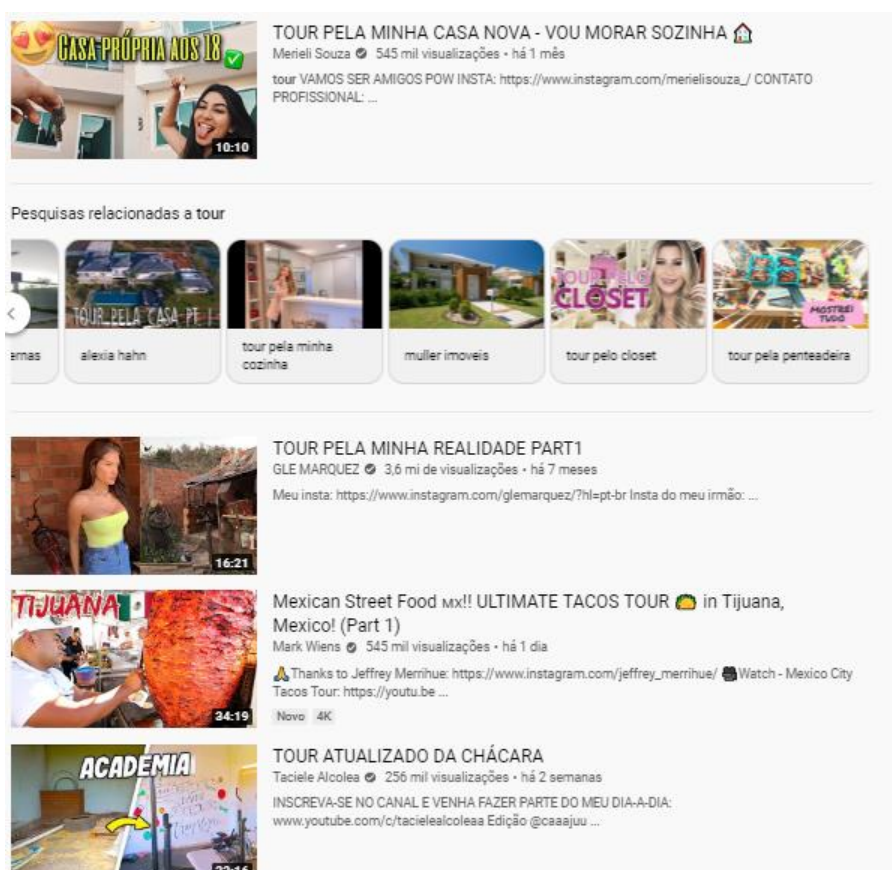
### **2.3 Tour Pelo Meu Corpo: um passeio pelas diferenças**

“Oi querida! Hoje eu vim fazer um vídeo único no YouTube [...] Eu vou fazer um *tour* pelo meu corpo. Por que não?” (JUNQUEIRA, 2017, s/p). Com essa fala, a *youtuber* Luíza Junqueira abre um de seus vídeos na plataforma. Acostumada tanto a produzir vídeos em

formato de *tour* quanto a abordar questões sobre corpo e autoestima para seu canal, a proposta era unir essas duas ideias em um mesmo produto. Assim surgiu o primeiro vídeo da *tag Tour Pelo Meu Corpo*, publicado no dia 31 de outubro de 2017 no canal Tá Querida.

O formato tradicional de *tours* consiste em mostrar um lugar ou o objeto de sua atenção em detalhes, comentando os principais pontos e trazendo um pouco mais da história daquele lugar ou objeto. Posteriormente, ela explicou que sua audiência costuma gostar muito de seus vídeos de *tour*, assim como ela mesma gosta tanto de fazê-los como de assistir àqueles realizados por outras/os *youtubers*: “*Tours* em geral são um grande sucesso. Eu particularmente sou bastante fã dos *tours*, porque vendo as coisas das pessoas a gente consegue entender melhor quem ela é e a narrativa que compõe aquela pessoa.” (JUNQUEIRA, 2018, s/p).

**Figura 8:** Principais resultados da pesquisa por “*tour*” no YouTube



Fonte: Autoria da pesquisa. 2020

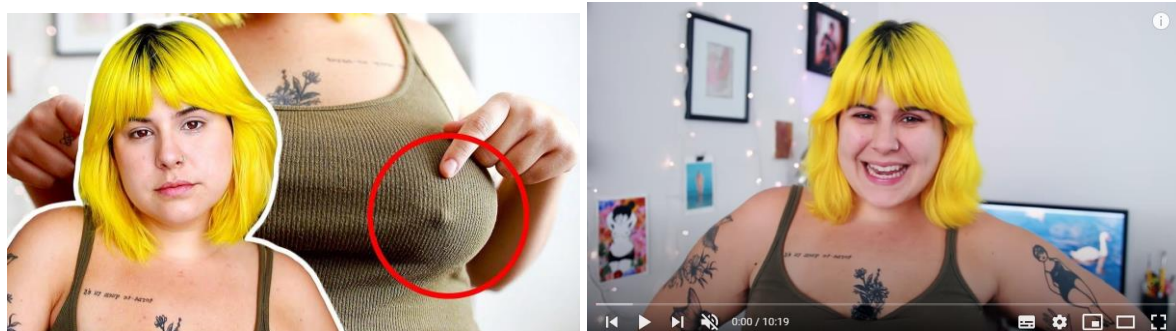
Luíza então decidiu combinar dois dos conteúdos mais populares entre suas publicações, isto é, a discussão sobre aceitação corporal e vídeos de *tour*, por entender que “o bem mais

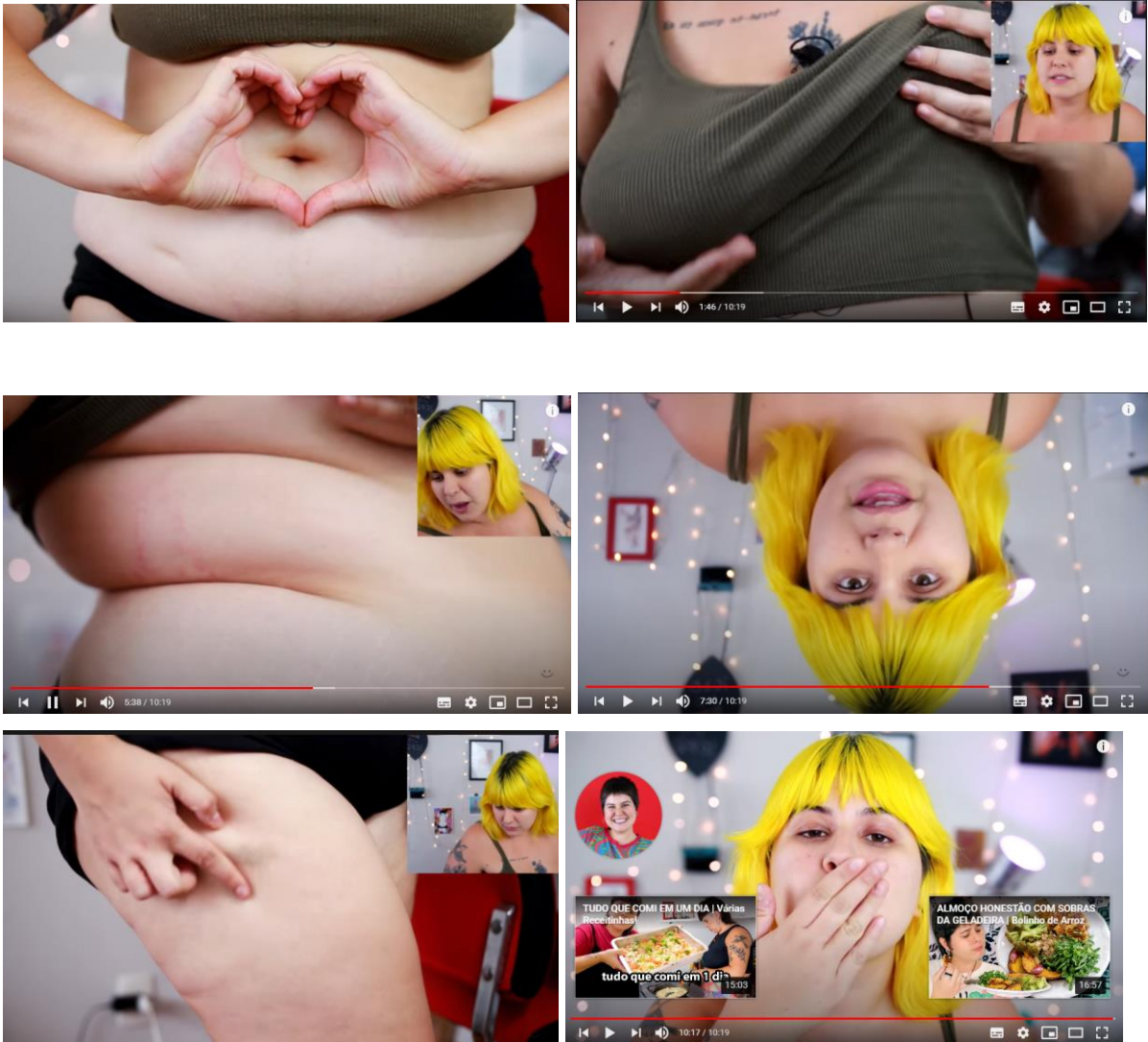
importante que a gente tem de verdade é o nosso corpo” (JUNQUEIRA, 2018, s/p). Logo no início do vídeo a *youtuber* diz que frequentemente recebe mensagens de suas seguidoras afirmando que odeiam seus próprios corpos e que, por conta disso, sua intenção é que essas mulheres possam olhar para o corpo dela e passarem a ver beleza em si mesmas.

Hoje em dia que eu sou *youtuber* eu recebo muitas e muitas e muitas e muitas mensagens de mulheres, principalmente, maravilhosas e todas elas odeiam muito o próprio corpo. E eu achei que mostrando o meu corpo e o tanto que ele é bonito do jeito que ele é pudesse inspirar você a tentar olhar pro seu corpo com um pouco mais de carinho e enxergar beleza em você, sabe? (JUNQUEIRA, 2017, s/p)

Ela passa então a mostrar algumas partes de seu corpo e falar resumidamente sobre sua relação com elas. Ao mostrar seus peitos (por cima da roupa), conta que sempre quis fazer plástica para que estes se tornassem redondos, duros e com aréolas pequena e redondas; passa então a mostrar sua barriga, que além de ser volumosa apresenta uma cicatriz bastante evidente, e esclarece que não costumava se importar com tais fatores quando era criança, mas que se tornou um incômodo conforme crescia e ouvia pessoas de seu convívio tecerem comentários sobre o quanto era aquilo era feio e deveria ser corrigido cirurgicamente; ela segue mostrando algumas de suas estrias, as quais ela acha “muito fofas” e aprendeu a amar, apesar das diversas críticas que já recebeu devido a elas; por fim ela mostra suas coxas, as quais ela costumava esconder, principalmente a parte superior, por serem cheias de estrias e celulites, moles e roçarem uma na outra, diferentemente daquelas que ela via na televisão: perfeitamente uniformes, brilhantes, bronzeadas e que não se tocam ou apresentam celulites.

**Figura 9:** Mosaico de imagens do vídeo “*TOUR PELO MEU CORPO*” de Luíza Junqueira





Fonte: Canal Tá Querida/ YouTube. Montagem: autoria da pesquisa.

Luíza expõe o ódio e a repulsa que já sentiu por esse corpo e como ela tem buscado ressignificar sua relação com este, aceitando sua própria história e entendendo ao longo do processo a importância dessas mudanças tanto para sua própria saúde mental como para o desenvolvimento de empatia para com outras pessoas e outros corpos. Ela então convida suas/seus seguidoras/es a compartilharem o vídeo se acharem que este será importante para alguém e comentarem sobre suas relações com seus corpos no espaço disponibilizado pela plataforma.

Partindo do exposto, diversas/os criadoras/es de conteúdo aceitaram o convite, realizando *tours* por seus corpos em diversas plataformas, como o Instagram e o Facebook,

ajudando na viralização<sup>25</sup> da *tag*. Mas sem dúvida a principal plataforma de divulgação da campanha foi o YouTube, onde milhares de vídeos vinculados à *tag* foram compartilhados e continuam a ser publicados.

Entre todas essas publicações, a que mais se destacou foi a da *youtuber* Ellora Haonne. Desde o princípio ela coloca sua intenção de dar continuidade à discussão de Luíza, mesmo que não a cite diretamente<sup>26</sup>, assumindo porém um outro viés.

Oi pessoal! Tudo bom? Meu nome é Ellora e hoje eu vou acabar com imagem que você tem da blogueirinha, da *youtuber*, da *influencer*, e do corpo que ela tem provavelmente também. A gente vive se comparando com esses corpos perfeitos da internet, mas eu posso te garantir que esses corpos não são como nas fotos. E eu tenho certeza disso, sabe por quê? Porque eu sou uma delas. (HAONNE, 2017, s/p)

Ellora demonstra entender que seu corpo se adequa ao padrão de beleza, principalmente quando se trata de suas publicações em redes sociais, e opta por apresentar em seu *tour* um comparativo entre aquilo que é publicado e aquilo que normalmente seria escondido, juntamente de suas estratégias para se aproximar do ideal.

Ela inicia colocando seu rosto em evidência e marcando que sua pele supostamente lisa e sem marcas é fruto do aumento da exposição à luz juntamente com maquiagem. Após a remoção de sua maquiagem, Ellora expõe a pele avermelhada devido à fricção do algodão e ação do demaquilante, com marcas de espinha e cores diferentes, bem como sua sobrelha com falhas e menos volumosa do que anteriormente. Passando em seguida para o tronco, ela se vira para mostrar sua postura que, diferente das fotos apresentadas, traz os ombros arqueados para frente devido aos maus hábitos posturais atribuídos às muitas horas de trabalho sentada ao computador. Continua então mostrando seus peitos, com um formato natural, acomodado ao sutiã e com o mamilo evidente, demonstrando em seguida o que costuma fazer para que pareçam mais adequados ao padrão estético nas fotos. Ela comenta também o quanto ter seios grandes a incomodava durante a adolescência, uma vez que esse seria “um sinal de que, na verdade, eu era uma criança gorda” (HAONNE, 2017, s/p), assim como a dobra formada logo acima de seu sutiã sem alças, colocada como algo visto com nojo apesar de ser comum a

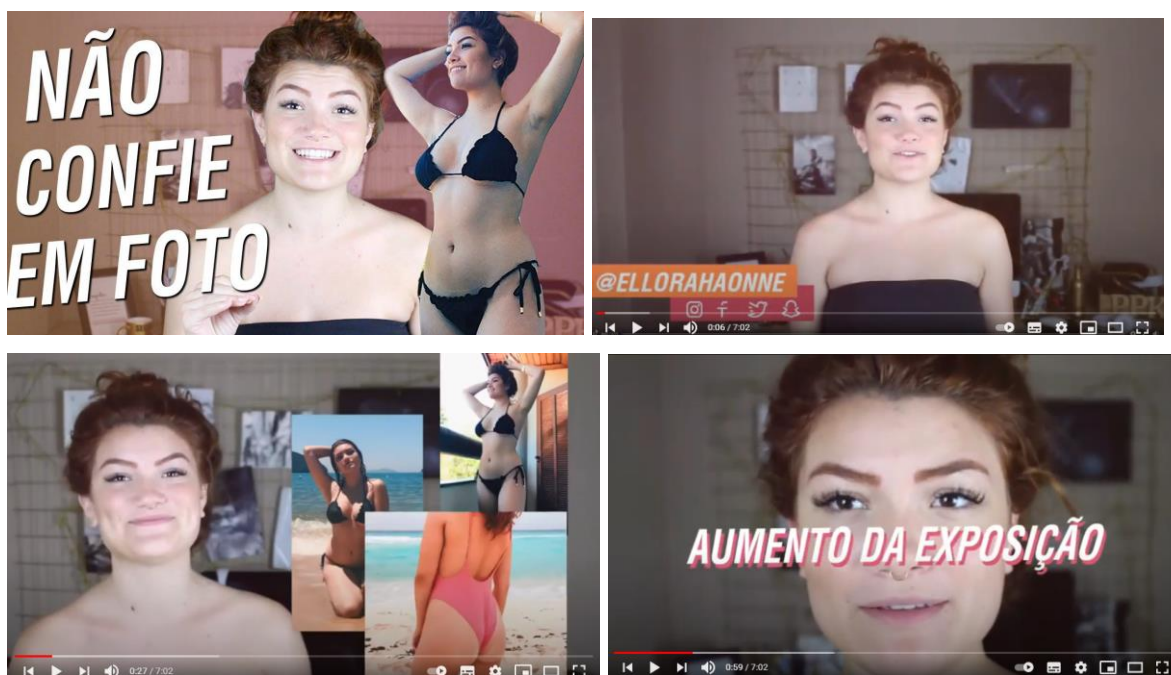
---

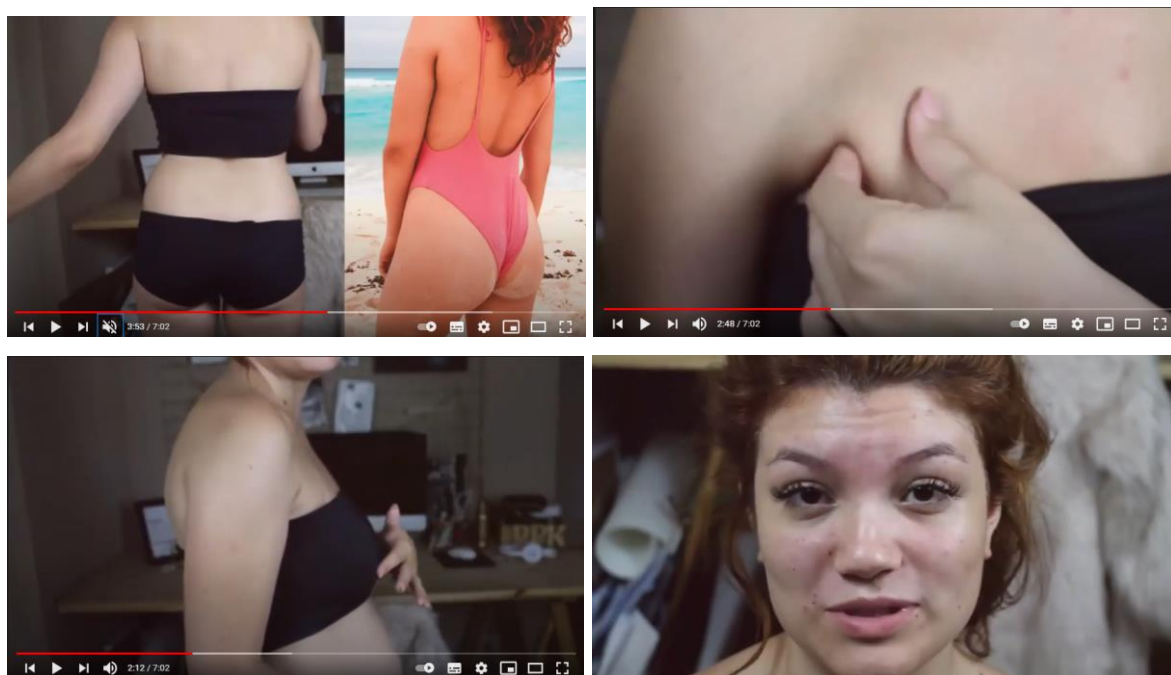
<sup>25</sup> “Espalhar(-se) de maneira a criar um efeito semelhante ao de um vírus.” (VIRALIZAR, 2020)

<sup>26</sup> Por esta razão Ellora foi alvo de muitas críticas na época de publicação de seu vídeo. Por não mencionar em nenhum momento o vídeo de Luíza Junqueira, ela foi acusada de plágio e de se aproveitar de seus privilégios como mulher branca e magra para ganhar notoriedade. Posteriormente a *youtuber* publicou uma nota de retratação e adicionou ao seu vídeo um *link* que direcionava ao vídeo de Luíza, indicando sua inspiração.

todas/os. Em seguida ela mostra uma foto publicada em sua conta no Instagram na qual ela está de biquíni, afirmando que apesar de este ser o seu corpo e a foto não ter edições, ela está posando para o registro. Mostra então a sua barriga após o jantar, evidente e arredondada, refletindo sobre as comparações que normalmente são feitas com modelos irreais e enfatizando que aquela barriga só pode ser percebida de tal forma se ela quiser, uma vez que com o ajuste adequado das roupas seu corpo parece muito mais magro. Ellora vira-se de costas para a câmera para mostrar que, ao contrário do que mostram as fotos, ela possui glúteos pequenos. Foca em suas pernas para tentar mostrar suas celulites e comenta que suas pernas eram o que ela mais odiava em seu corpo, citando inclusive uma campanha que incentivava meninas a ficarem sem comer para poder perder a gordura entre as pernas, possibilitando assim que suas coxas não se encostassem. Por fim, a *youtuber* diz que raramente pessoas públicas têm o corpo que aparentam ter, e por se comparar a tais modelos ela desenvolveu bulimia, sentindo-se inferior às mulheres das capas das revistas por achar que não se esforçava o suficiente para alcançar o corpo que desejava. Evidencia a importância de cuidar de sua saúde tanto física quanto mental, ainda que seja um difícil equilíbrio, e encerra o vídeo com o lembrete de que saúde não é simplesmente uma lista de itens a cumprir e que ainda somos pessoas.

**Figura 10:** Mosaico de imagens do vídeo “*TOUR PELO MEU CORPO - EXPECTATIVA VS REALIDADE*” de Ellora Haonne





Fonte: Canal Ellora Haonne/ YouTube. Montagem: autoria da pesquisa.

Com lugares de fala distintos, Luíza e Ellora procuraram estimular o diálogo sobre os padrões de beleza corporal, direcionando seus discursos especialmente às mulheres que consomem seus conteúdos.

#### 2.4 Os canais “Tá Querida” e “Ellora Haonne”

O canal “Tá querida”<sup>27</sup>, produzido por Luiza Junqueira, foi criado em 14 de agosto de 2015, possui 708 mil seguidores e 358 vídeos publicados, os quais já foram vistos mais de 50 milhões de vezes<sup>28</sup>. A produtora é a única a apresentar os vídeos do canal, trazendo periodicamente convidadas/os como pessoas de seu convívio e outras/os criadoras/es, publicando semanalmente vídeos sobre autoestima, aceitação, gordofobia e feminismo, além de vlogs sobre sua rotina e alimentação. Através da própria plataforma a *youtuber* recomenda outros canais, indicando amigas/os da produtora e colaboradoras/es que abordam assuntos que possam ser do interesse de sua audiência, como os canais Alexandrismos<sup>29</sup> e Jana Viscardi<sup>30</sup>.

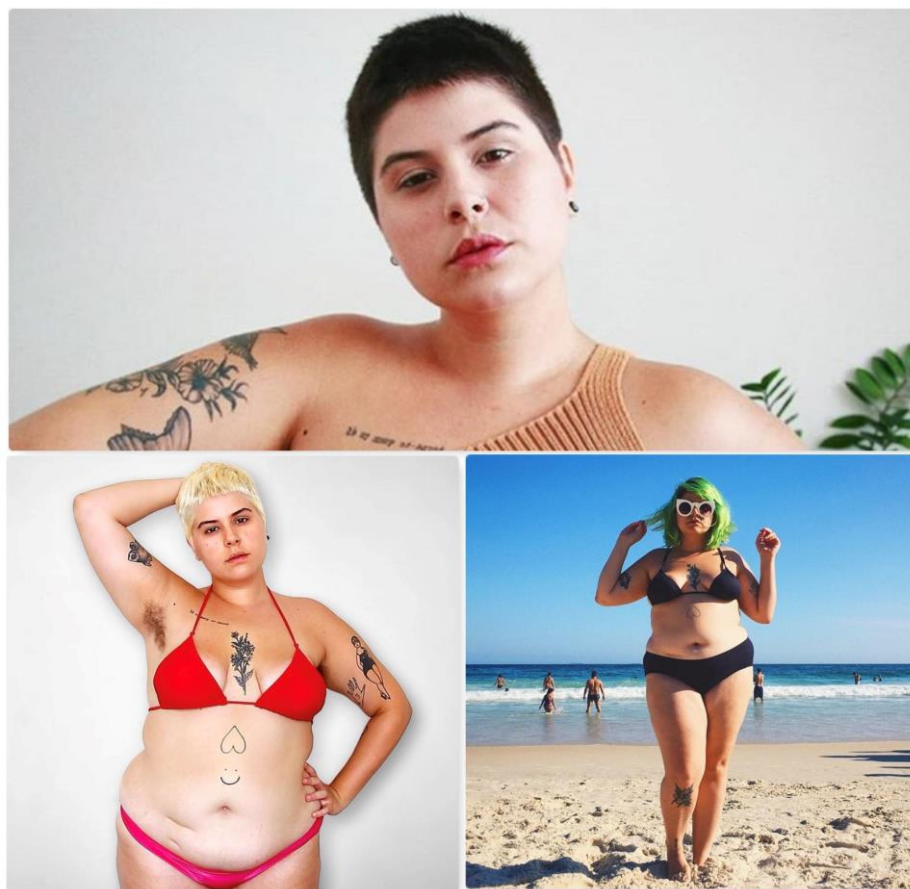
<sup>27</sup> Canal Tá Querida. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCVEVuanoMK9tGclfWLghaKw/featured>>. Acesso em: 14.abr.2019.

<sup>28</sup> Dados relativos ao dia 28.abr.2021.

<sup>29</sup> Canal Alexandrismos. Disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UC2LQ5jMieMZjb5k5Gprp2JQ>>. Acesso em 30.jun.2020.

<sup>30</sup> Canal Jana Viscardi. Disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UC9h2vDtQXEiD0O4aVubsYYA>>. Acesso em 30.jun.2020.

**Figura 11:** Luíza Junqueira



Fonte: Instagram de @luizajunquerida. Foto: autoria da pesquisa. 2020

Luíza tem ainda contas em redes sociais (Twitter, Facebook e Instagram) e um e-mail para contatos profissionais, através dos quais é possível entrar em contato com ela e participar da comunidade que se formou ao seu redor. Juntamente com os comentários dos vídeos, esse vínculo é reforçado por eventos para os quais ela é convidada e encontros presenciais promovidos em locais públicos. Formada em Rádio e Tv, produziu em 2013 o curta-metragem “Espelho Torcido”, mostrando um pouco do início de seus processos de questionamento e empoderamento, e dirigiu em 2016 o documentário “GORDA”, que aborda diferentes perspectivas de mulheres gordas com relação a seus corpos.

Luíza é irreverente e bastante irônica, com maneirismos que a caracterizam e edições bem marcadas em seus vídeos, oferece conteúdos relacionados a empoderamento feminino, autoestima e veganismo, tendo disponíveis em seu canal as playlists “CULINÁRIA HONESTONA”, “CORPO (positividade corporal)”, “DESCONSTRUIR É PRECISO”, entre outras. Seus vídeos mais populares, segundo a plataforma YouTube, são: *TOUR PELO MEU CORPO* (3,2 milhões de visualizações), *A VERDADE SOBRE O TOUR PELO MEU CORPO*

(1,8 milhão de visualizações), *TOUR PELOS MEUS VIBRADORES* (1,8 milhão de visualizações), *TOUR PELOS MEUS PELOS* (1,8 milhão de visualizações) e “10 COISAS QUE PAREI DE USAR” (1,7 milhão de visualizações)<sup>31</sup>.

O canal Ellora Haonne<sup>32</sup>, que leva o primeiro nome de sua produtora, existe desde 26 de fevereiro de 2009, possuindo mais 1,4 milhão de seguidores, 224 vídeos e mais de 47 milhões de visualizações<sup>33</sup>. Por conta das recentes polêmicas envolvendo seu nome, a *youtuber* optou por remover do acesso ao público diversos vídeos de seu canal, gerando uma queda notável nos dados referentes à visualizações e quantidade de vídeos obtidos na primeira fase desta pesquisa.

Assim como Luiza, Ellora é a única apresentadora de seu canal, trazendo outras/os produtoras/es de conteúdo online para colaborar e participar. Suas publicações acontecem duas vezes por semana, abordando temas como amor-próprio, feminismo e saúde mental. Na aba referente às indicações da *youtuber* não se encontram recomendações diretas, mas apenas canais nos quais ela mesma está inscrita.

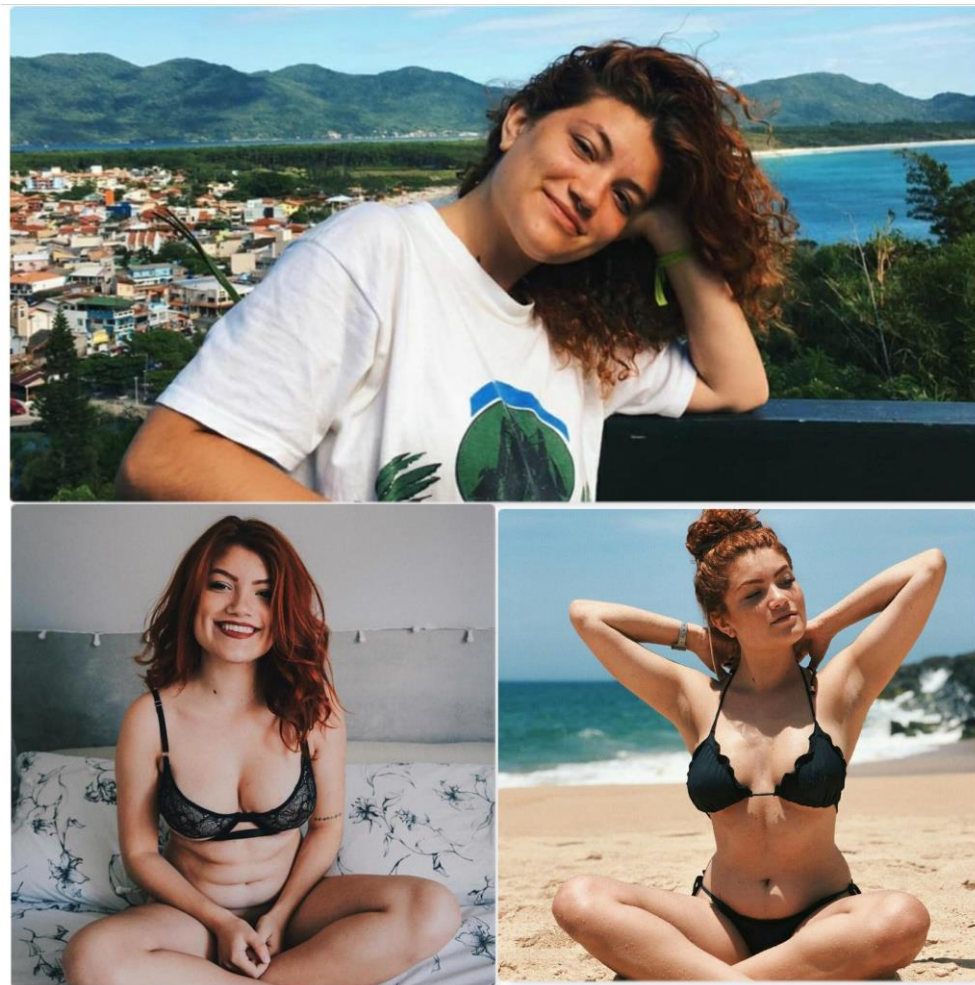
---

<sup>31</sup> Dados relativos ao dia 06.abr.2021.

<sup>32</sup> Canal Ellora Haonne. Disponível em <<https://www.youtube.com/channel/UCOAYJTn0tRL-a8d-lm8fIWA>>. Acesso em 14.abr.2019.

<sup>33</sup> Dados relativos ao dia 28.abr.2021.

**Figura 12:** Ellora Haonne



Fonte: Instagram de @ellorahaonne. Foto: autoria da pesquisa. 2020

Para além dos comentários em seus vídeos, Ellora se comunica com seus seguidores através de redes sociais (Twitter, Facebook e Instagram) e apresenta um e-mail profissional, mas esse é disponibilizado apenas para consultas empresariais. Ela também estrelou uma campanha com a marca Youcom em 2017, lançou uma coleção de lingerie com a marca Let It Be Intimate no mesmo ano, escreveu o livro “Por todas nós: Conselhos que não recebi sobre luta, amor e ser mulher”, publicado no ano de 2018, participa de eventos e promove encontros com seus seguidores.

Ellora fala com naturalidade, de maneira intimista, com edições menos marcadas em seus vídeos, oferece conteúdos relacionados a empoderamento feminino, saúde mental, sexualidade e relacionamento, tendo disponíveis em seu canal as playlists “autoconhecimento e saúde mental”, “depoimentos pessoais”, “autoestima física e intelectual” e “a pauta é séria mas eu não”. Seus vídeos mais populares, segundo a plataforma YouTube, são:

“VIRGINDADE - DÚVIDAS SOBRE A PRIMEIRA VEZ” (2,1 milhões de visualizações), “COISAS QUE TODA GAROTA JÁ FEZ ESCONDIDO” (2,1 milhões de visualizações), “SEX0, MASTURBAÇÃO E VIRGINDADE” (1,7 milhão de visualizações), “CUIDADOS COM A PPK ft. BRIOCO” (952 mil visualizações) e “depilação: uma conversa honesta” (758 mil visualizações)<sup>34</sup>.

Ainda que apresentem históricos diversos, é possível perceber aproximações em alguns pontos das produções publicadas nos canais selecionados, bem como diferenças significativas em outros. Da mesma maneira, seus públicos e a recepção dos conteúdos também apresentam similaridades e divergências. Tendo isto posto, as figuras abaixo mostram os comentários selecionados, partindo dos critérios de escolha já apresentados.

## 2.5 Os comentários

A seguir apresentamos os comentários selecionados para análise nesta pesquisa. Foram excluídos da seleção comentários repetidos, que apresentassem somente emojis<sup>35</sup> ou a marcação de outra/o usuária/o da plataforma.

Baseando-nos na teoria de recepção de Hall (2003), os dados foram divididos em 2 eixos cada qual com três categorias de análise: aceitação, rejeição e negociação. Silva (2016) explica de maneira sucinta acerca desta teoria.

Hall (2003) aponta três posições hipotéticas para se pensar o processo de recepção, de decodificação da mensagem televisiva: a posição hegemônica dominante, também chamada de leitura preferencial, que designa uma interpretação da mensagem de acordo com os objetivos dos codificadores; a posição negociada, que alia elementos de adaptação e de oposição, ou seja, trata-se de uma leitura atravessada por contradições, que reconhece a legitimidade dos discursos hegemônicos mas, em um nível mais restrito, elabora suas próprias percepções e regras; a posição oposicional, que consiste em interpretar a mensagem de forma contrária à codificação, resignificando-a, reelaborando-a a partir de referenciais alternativos. (SILVA, 2016, p. 85)

Entende-se desta maneira que, ao consumir o conteúdo do vídeo, as/os comentadoras/es podem aceitar integralmente o exposto pelas performers, rejeitar absolutamente suas falas ou negociar o seu aceite, o que significa dizer que está suscetível a aceitar as opiniões colocadas mesmo que não concorde ou não compreenda completamente as mesmas.

---

<sup>34</sup> Dados relativos ao dia 06.abr.2021.

<sup>35</sup> “A palavra Emoji é de origem japonesa, composta pela junção dos elementos *e* (imagem) e *moji* (letra), e é considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmitem a ideia de uma palavra ou frase completa.” (PADILHA, 2019, s/p, grifo do autor)

As imagens com os comentários selecionados encontram-se em anexo, estando descaracterizadas/os as/os usuárias/os que os realizaram a fim de preservar suas identidades. Abaixo seguem as transcrições destes comentários, já classificados de acordo com a proposta de Hall (2003).

- Aceitação;

luiza, eu não tenho nem palavras pra descrever minha admiração. obrigada por existir aqui no youtube e no mundo e □ (sic)

Em nome de toda a humanidade e principalmente em nome das mulheres: OBRIGADAAAA (sic)

Olha. Você que é mulher que esta lendo esse comentário e que você tem vergonha do seu corpo. Eu vou falar uma coisa pra você se sentir melhor, e espero que funcione! Você não precisa ter vergonha do seu corpo, você não precisa se sentir fei, você não precisa se olhar no espelho e achar q você esta gorda ou feia. Ta bem, porque você é linda. E não vai ser eu que vou falar isso ou ela ou ele. Não vai ser ninguém que vai falar isso. Sabe... (sic)

Gente, me poupe, essa ideia de não ser saudável porque é gordinha é totalmente ridícula. É questão de genética. Eu sou magra, corpo padrãozinho, e não sou tão saudável não. Tenho colesterol alto, glicose alta (quase diabética), e tive que fazer cirurgia pra tirar pedrinhas dos rins por má alimentação, olha só. Então parem de achar que gordo é sinal de falta de saúde. Pq a magrinha aqui que tá precisando fechar a boca e se exercitar □ (sic)

Você revolucionou a vida de muita gente! Parabéns!!! (sic)

Coloquem um espelho dentro do banheiro e tomem banho se olhando no espelho, acho isso um ótimo exercício de aceitação. Sou gorda e depois que fiz isso, vi que sou linda mesmo assim e gostei mais de mim. (sic)

SENHOR QUE VIDEO MARAVILHOSO TO IMPACTADA (sic)

O bacana é que vc está aprendendo a se aceitar como vc é, não importa como é seu corpo,vc tem que estar de bem com vc msm!  
Show de bola colega! (sic)

Que lindaaaaa...ganhou uma seguidora!! Parabéns pelo vídeo!!!ameiiii (sic)

Que linda sua iniciativa!!! Parabéns!!! Muitas pessoas precisam parar para pensar nisso, inclusive eu me pego me culpando por estar um pouco fora do peso ideal, e parte disso é porque a mídia vende um padrão, um ideal de beleza que não existe! E nós mulheres de tanto visualizar por aí esses padrões acabamos acreditando...mas assim adorei saber que nem tudo é oque parece. E que devemos nos amar e valorizar sem exagerar no supérfluo. (sic)

olha que interessante (sic)

Olha que menina bem resolvida.  
Conheço alguém igual, (sic)

Parabéns, Ellora Haonne! Fiquei sua fã, sou mega a favor de não ser copista de um produto feito pela mídia. Corpos e tudo perfeito. Isso não existe, sempre temos nossa forma natural que devemos valorizar. Corpo saudável é uma coisa, mas vaidade é

outra. Parabéns por dar esse exemplo de ser você, que é muito bonita interna e externamente! Parabéns!!!!!!! (sic)

Infelizmente tem Meninas e meninos/adolescentes que acreditam em tudo da internet e acham que os famosos são lindos daquele jeito sempre..dormem e acordam assim..e acabam se desvalorizando e sofrendo por isso..mas na real..todo mundo tem uns defeitinhos..não sigo essa moça..já vi outros vídeos aqui no face..mas acho legal ela estar mostrando mesmo..e logico serve de alerta aos pais..ficar de olho nos seus filhos e filhas que acham que a vida é ficção..gostei da atitude dela! Boa sorte no canal! (sic)

muito importante para o nosso foco de 2018, apesar das nossas metas, temos que nos amar acima de tudo, só assim iremos conquistar nossos desejos!!! (sic)

olha que legal, te falo para não ficar bitolada, faz oq vc acha que deve fazer para se sentir melhor, mas você é linda e gostosa exatamente da forma como é,não precisa se comparar com ninguém, vc é a princesa jujubinha mais linda desse planetão, te amo ☐☐☐ (sic)

assiste ele todo! Juro que vcs se amarão pelo menos 10% mais! Vcs são lindas externamente e principalmente, internamente! Amo vocês ☐ (sic)

olha isso, ainda bem que todo mundo é normal igual a mim... tirou um peso! E ainda tem gente que eu conheço que diz que mulher ter celulite é nojento, ela msm deve ter ou então tem \$\$\$\$ pra tirar. (sic)

Parabéns pela sua atitude! Mostra que vc é uma mulher de verdade. Já lutei muito contra meu corpo até entender que todos temos uma programação genética, um biotipo. Já está mais do que na hora de acabar com a ditadura da anorexia. (sic)

Também sofri com a bulimia, justamente por comentários de pessoas próximas sobre o peso e tals  
É só parei quando meu corpo já não aguentava mais... Somos escravas de um padrão de beleza que põe em risco nossas vidas!! Hoje vivo tentando não levar em consideração essas pessoas que gostam de apontar, mas confesso não é nada fácil!! Parabéns por sua atitude!! (sic)

vcs que acha as blogueiras perfeitas (sic)

- Rejeição;

Está insatisfeita... Faz uma dieta, uma caminhada, pratica um esporte, entra numa academia... Com o tempo que demoraria pra editar e procurar angulos fazendo pose para tirar fotos!☐ (sic)

Novas e desleixadas! isso sim! Não ser obcecar a beleza ficar escravos mais mater uma vida saudável com exercícios físicos faz bem sim e nos deixa com o ego lá em cima o que não dá é viver na sedentarismo.... da para ter um corpo saudável e bonito sim como para tudo na vida exige sacrifícios! Mais ninguém nos tempos atuais quer lutar por boa qualidade de vida, daí ficam aí de mimimi que devem se aceitar e me aceito sim se melhor fisicamente e espiritualmente cada dia mais.☐ (sic)

Que mulher ridícula e sem noção!!! (sic)

Que idiota sem noção! (sic)

- Negociação.

resumindo com todos esses que você acha que ele é feito da sua pessoa eu amei cada vez mais ainda admirar as suas fotos maravilhosas nua e crua e após a maquiagem da mesma forma belíssima você é mulher brasileira e delícia com todo respeito parabéns que Deus te abençoe pela sua honestidade dá respeito das suas fotos e originalidade

sempre é por isso que você tem agora um admirador mas ainda não virei seu fã um beijo com muito respeito a mente e beijaria sua barriga e várias formas com respeito é claro muito obrigado Será que você algum dia possa escutar esse comentário ou ver esse comentário e divulgar no seu canal beleza pode falar meu nome lá que de boa é nós muito obrigado (sic)

Parabéns linda seu corpo perfeito (sic)

O homem que não gosta de mulher que tem estrias não gosta de mulher de verdade (sic)

Adoro mulher com estria amo mulher gordinha (sic)

O único problema das coxas encostarem uma na outra, é que as calças rasgam e com biquíni da assaduras no meio! (sic)

Como eu queria ter uma autoestima assim ☐☐tenho 27 anos e mim sinto um lixo (sic)

Você é linda maravilhosa nada de ter vergonha de ser gordinha fofinha tem que se amar tu és lindona parabéns pelo seu carinho beijo (sic)

Eu caia de boca no peito mole e fodase (sic)

Ama bem o seu corpo porque vc é linda adoro vê mulher assim como vc (sic)

Assistindo esses vídeos assim eu começo a me amar muito, mais na escola, junto com outras meninas minha auto estima vai lá no chão! Espero um dia melhorar.. =( (sic)

Eu tenho estrias nas costas parece que eu fui chicoteado kkj (sic)

HERES UNA MUJER HERMOSA TUS ESTILLAS TUS SICARTISES ESO NO IMPORTA HERES HERMOSA ERES UNA MUJER REAL AL 100 % MUJER SI SALUDOS HERMOSA (sic)

Oi eu amei seus faróis perfeito top (sic)

Vou tentar me ver com outros olhos (sic)

vim aqui depois do Exposed da Ellora pela Nataly. eu n sabia q esse tour pelo meu corpo era originalmente seu (e como vc fala no video, vc que criou mesmo!! incrível). Ai o da Ellora é um tour normalzaio sobre "como eu consigo fazer meu corpo medio padrao em um corpo mt padrao online" kkk eu lembro q assisti o dela e fiquei me sentindo pior pelo meu corpo do q melhor! ja o seu é um video completamente diferente. esse sim vale enaltecer, parabens!! (sic)

No capítulo a seguir os objetos de pesquisa serão analisados, colocando-os em diálogo com as discussões já apresentadas sobre corpo e também com as teorias sobre performance e recepção.

### 3. “Tá focando meninas?”

todas nós seguimos em frente quando  
percebemos como são fortes  
e admiráveis as mulheres  
à nossa volta  
(Rupi Kaur)

A expressão que intitula o capítulo é comumente utilizada por *youtubers*, especialmente em vídeos de maquiagem, tendo se tornado um *meme* entre produtoras/es de conteúdo em diversas plataformas satirizando a forma afetada como a frase geralmente é dita.

#### 3.1 Performance e gênero

A palavra performance pode ser utilizada em diversos contextos, seja descrevendo os resultados obtidos em determinada tarefa, uma apresentação artística, o desempenho esportivo de determinado atleta, entre tantas outras definições. Uma aplicação um pouco menos óbvia da palavra é a sua utilização para descrever performances cotidianas, construídas rotineiramente. Richard Schechner pontuou a esse respeito que

As performances marcam identidades, dobram o tempo, remodelam e adornam o corpo, contam histórias. Performances – de arte, rituais ou vida comum – são feitas de "comportamentos duas vezes comportados", "*comportamentos restaurados*", executadas ações que levavam as pessoas a treinar, que praticam e ensaiam. (SCHECHNER, 2002, p.22, tradução e grifo nossos) <sup>36</sup>

Comportamento restaurado, segundo Schechner (2002), é uma ação física ou verbal feita pelo menos duas vezes. Ao não se limitar ao sentido clássico de performance, o autor expande o olhar para além do universo artístico e alcança todos os pontos da existência social humana. Em outras palavras, o cotidiano passa a ser também uma possibilidade aos Estudos de Performance, uma vez que toda ação pode ser estudada enquanto performance, esquivando-se da tentação de antagonizar-se ao discurso de autenticidade. Ainda que seja possível diferenciar uma performance artística de uma ação trivial, qualquer comportamento é “coreografado” de acordo com o que o momento e o ambiente exigem, ou seja, visando o outro. Imaginemos, por

---

<sup>36</sup> *Performances mark identities, bend time, reshape and adorn the body, tell stories. Performances – of art, rituals, or ordinary life – are made of “twice-behaved behaviors,” “restored behaviors,” performed actions that made people train to do, that they practice and rehearse.* (SCHECHNER, 2002, p.22)

exemplo, a figura de uma mulher. Que características ela apresenta para ser identificada como tal? Que comportamentos são esperados dela? Não é difícil responder a tais perguntas, ainda que nem todas as mulheres se encaixem perfeitamente nas características e comportamentos descritos. Cabe também a pergunta: como esse conhecimento foi passado tanto para o observador, que se vê apto a identificar uma mulher, quanto para a própria mulher?

Obviamente não existe uma única resposta para tal questionamento, mas um conjunto de fatores que contribuem direta ou indiretamente para a formação desta imagem. Começando com a observação de suas semelhantes, como se comportam, como se vestem, como falam; conforme esses comportamentos começam a ser reproduzidos pela criança, esta receberá um reforço acerca de seu comportamento, seja na forma de censura ou de aprovação. Dessa maneira, a criança vai gradativa e inconscientemente construindo a si própria e a forma como irá performar-se, assim como passa a diferenciar os comportamentos que se aproximam ou se afastam desta performance.

Em entrevista à Revista Educação & Realidade, Schechner (2010) traz como exemplo o teatro na época clássica: apesar de ser utilizado como uma forma de lazer, a sua principal função era educar socialmente o maior número de indivíduos possível. As cenas apresentadas traziam sempre dilemas éticos e situações que levavam o público a refletir qual seria a sua própria atitude frente a uma situação similar, aprendendo sobre si enquanto também aprende sobre o outro ser. De maneira semelhante, o autor evidencia a função didática da performance, que nos ensina a ser humanas/os e a conviver com as/os demais, e que é ensaiada e reencenada diversas vezes antes de ser consolidada, tal qual o teatro.

O ensaio não é apenas o lugar no qual se pode concretizar os planos feitos, mas de descobrir o que um outro pode fazer, de explorar o desconhecido, de realizar uma pesquisa ativa. O ensaio propicia a um indivíduo a possibilidade de desdobrar, imaginar e realmente realizar diferentes futuros. Obviamente, utilizamos o ensaio nas artes da performance mais que em qualquer outro lugar. Um pintor pode pintar sobre uma tela ou revisar suas pinturas de alguma forma – mas não completamente, tal como acontece com um ator (músico, dançarino), que pode modificar inteiramente o que está sendo feito. Um romance, uma vez feito, está feito. Todavia, uma performance nunca se acaba. (SCHECHNER, 2010, p. 26-27)

Essa característica de infinitude da performance se mostra ainda evidente quando nos referimos às performances cotidianas e a rotina pode então ser percebida como um eterno espaço de ensaio no qual adequamos nossas performances pessoais de acordo com o ambiente e as pessoas que nos cercam, repensando-a a cada repetição. Tal entendimento deixa uma brecha para se questionar sobre a autenticidade da performance, como coloca Sibilía (2015).

Então, se viver se assemelha a atuar ou encenar, se ‘ser alguém’ equivale a interpretar um personagem, e se a vida tende a se parecer cada vez mais com uma narrativa midiática, isso ocorre porque costumamos sublinhar nossos gestos e ações “para aqueles que assistem”, retomando as palavras de Schechner. Como se estivéssemos, o tempo todo, fazendo performances. Pois estas são “comportamentos marcados, emoldurados ou acentuados”, conforme esclarece o mesmo autor. (SIBILIA, 2015, p. 355-356)

Vale ressaltar que uma ação performática não necessariamente é irreal, uma vez que todos os comportamentos humanos são aprendidos e se estabelecem através da convivência com outros humanos, não havendo assim um comportamento original a partir do qual os demais se derivariam.

Em entrevista, Schechner afirma:

Tudo o que é é. Dentro do ser há o agir, ação que realiza algo, de tomar para si algo. Tal noção não é tão difícil de ser compreendida. Estamos sentados em um café neste momento. Você está conversando comigo e eu conversando com você; logo ali, um homem está bebendo algo enquanto lê um jornal; e movendo-se entre as mesas, os garçons estão trazendo para as pessoas seus drinks, recolhendo os pratos, e por aí vai. Cada um aqui, mesmo aqueles que nada fazem, estão fazendo algo. O universo é pleno de agir. Parte desse agir é vasto, tal qual a explosão de uma supernova; parte do mesmo é infinitesimal, a maneira da divisão do átomo. Tanto a supernova quanto o átomo são realizações. Com efeito, no que diz respeito ao conhecimento humano, não há uma diferença discernível entre o ser e o agir. A única distinção filosófica é aquela antiga que toma Deus como “primeiro motor imóvel” – o ser que cria o agir. O ofício das ciências físicas é descrever e entender todas as ações do universo. Esse ofício jamais será levado a termo, porém, pode ser imaginado. (SCHECHNER, 2010, p. 27)

Na obra citada o autor ainda marca a diferença entre o que é performance e o que pode ser analisado enquanto performance<sup>37</sup>. Em seu ponto de vista, as limitações impostas ao que é performance se originam na forma como esta será recebida pelo público, isto é, aquilo que a audiência percebe como atuação: rituais, teatro, apresentações artísticas, programas televisionados, vídeos compartilhados online, etc. Entretanto, qualquer ato pode ser estudado enquanto performance, como explicitado por Schechner (2002). Utilizando das palavras de Kirshenbatt-Gimblett (*apud* SCHECHNER, 2002), performar é fazer, agir e mostrar, não havendo um limite estabelecido para o que não poderia ser visto enquanto performance e aproximando-se também do conceito de performatividade apresentado por J.L. Austin, em *How to do things with words* (1990).

Ao discutir sobre enunciados, Austin (1990) constatou que alguns deles não podem ser verdadeiros ou falsos, mas existem para fazer algo, ou seja, o próprio discurso já é, em si, uma ação. Estes são os atos de fala performativos. Pinto (2007) esclarece que

---

<sup>37</sup> Na obra original, os termos utilizados são “*is*” performance e “*as*” performance (SCHECHNER, 2002).

Se assumirmos a performatividade como o que obriga o sujeito a se constituir em processo, a identidade de falante é também performativa, ou seja, não existe senão na prática e na história de sua própria exibição – e é por isso mesmo sempre múltipla, fragmentada e repetível. (PINTO, 2007, p. 16)

Outra autora a utilizar-se da ideia de Austin foi Judith Butler, que cunhou no livro *Gender Trouble* (2018) a expressão “performatividade de gênero”, com a qual a autora teve a intenção de expressar a iterabilidade da constituição do gênero, ou seja, a sua propriedade de se modificar na repetição. Anos mais tarde, em seu livro *Frames of War* (2010), a autora reafirma seu ponto de vista: “A ideia de iterabilidade é crucial para entender porque as normas não agem de formas determinísticas. E pode ser também a razão porque performatividade é finalmente um termo mais útil do que ‘construção’.” (BUTLER, 2010, p. 168). Iterabilidade é um conceito apresentado por Derrida que, pelas palavras de Pinto (2015, p. 33), “é a propriedade do signo de ser sempre outro na sua mesmidade, a repetição na alteração”.

Retomando os estudos clássicos de Butler, ela pontua que a performatividade anteriormente expressa, ainda que apresente nuances, claramente tem como objetivo a manutenção da estrutura binária do gênero, estabelecendo a oposição obrigatória entre suas características. São, no entanto, essas nuances que escancaram a fragilidade do binarismo que se supõe e as possibilidades de transformação do que se atribui a um ou outro dos extremos.

O fato de a realidade do gênero ser criada mediante performances sociais contínuas significa que as próprias noções de sexo essencial e de masculinidade ou feminilidade verdadeiras ou permanentes também são constituídas, como parte da estratégia que oculta o caráter performativo do gênero e as possibilidades performativas de proliferação das configurações de gênero fora das estruturas restritivas da dominação masculinista e da heterossexualidade compulsória. (BUTLER, 2018, p. 244)

Além disso, tanto Richard Schechner quanto Judith Butler demonstram o caráter provisório das performances, não sendo possível prendê-las a postulados ou engessá-las em uma única forma de expressão.

Assim, em que sentidos o gênero é um ato? Como em outros dramas sociais rituais, a ação do gênero requer uma *performance repetida*. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente; e também é a forma mundana e ritualizada de sua legitimação. (BUTLER, 2018, p. 242, grifo da autora)

Dessa maneira pouco importa a origem, a fonte primordial de uma performance, mas os seus processos formadores. Procurar determiná-las como certas ou erradas baseando-se nessa premissa apenas gera hostilidades e violências diversas para quem não se encaixa naquilo que

é visto como tradicional ou “natural”. Luíza Junqueira relata em seu vídeo coibições às quais se submetia por entender que seu corpo e comportamento eram inadequados.

E esses são meus peitos. Eu achava que não podia pegar assim neles [aperta os seios], tocar neles, porque ia ser algo que eu ia estar tipo seduzindo as pessoas e é um negócio proibido. Eu não posso fazer assim com meus peitos [balança os seios], isso aqui é proibido gente, isso aqui é sensual demais, sensualiza e as pessoas não sabem lidar com isso aqui. Sempre adorei ficar fazendo isso aqui. Mas não pode, você não pode ficar fazendo isso porque é muito nojento esse peito mole... (JUNQUEIRA, 2017, s/p)

Ao apresentar algumas das manifestações da repulsa que sentia em relação ao próprio corpo, a *youtuber* replica em tom irônico comentários repressivos que já ouviu enquanto mostra exibido diante de uma câmera justamente o comportamento que lhe afirmaram ser proibido por ser “sensual demais”.

O emprego das imagens é fundamental para este movimento de banalização do que outrora foi motivo de escândalo. É a partir delas que se consolida um imaginário coletivo e individual sobre as performances cotidianas relativas ao gênero, que aqui trataremos por performances de gênero, utilizando o conceito de Butler (2018). Mas, se no passado cada pessoa tinha acesso a um número limitado de exemplos para pensar o seu próprio modo de agir, atualmente os meios de comunicação oferecem uma quantidade praticamente ilimitada permitindo que os padrões sejam reforçados ou questionados, de acordo com o tipo de conteúdo que se consome.

### 3.2 YouTube e Auto Exibição

O YouTube se apresenta como um espaço no qual as/os usuárias/os podem transmitir a si mesmas/os, reforçando seu slogan “*broadcast yourself*”<sup>38</sup> usado entre os anos de 2005 e 2012. Utilizando-se da plataforma como uma espécie de diário audiovisual, as/os usuárias/os costumam falar em primeira pessoa, olhar diretamente para a câmera, como se olhassem diretamente para sua audiência, e enquadrar-se em primeiro plano, destacando seu rosto e aumentando a sensação de proximidade. Tais estratégias são utilizadas para que a produção possa gerar maior reconhecimento junto do público, reforçando assim o discurso de autenticidade das/os produtoras/es. Posteriormente convencionou-se chamar este formato de *vlog*, fundindo as palavras da expressão *video blog*.

---

<sup>38</sup> Ou, em tradução livre, “transmita-se”.

Com a generalização de sites como o YT, a partir de sua proposta de democratização de um conhecimento audiovisual, a publicação desses vídeos caseiros de domínio pessoal passou a ser frequente. Em uma plataforma de alcance mundial, essas “videografias de si” perdem o caráter de domínio pessoal e passam a pertencer a um domínio público onde pessoas do mundo inteiro com acesso a internet são capazes de acessar. (SOLEDADE, 2019, p. 75)

Nesse contexto, se torna ainda mais relevante pensar a presença e participação da comunidade de seguidoras/es uma vez que todo o funcionamento da plataforma se pauta na interação. Por mais que a publicação desses vídeos seja importante, a participação das/os demais usuárias/os é parte fundamental para o sucesso da/o *youtuber* e consequentemente do próprio YouTube.

Fundados na noção de proximidade, os vlogs são produzidos e compartilhados por meio de recursos técnicos e tecnológicos, que estimulam a exibição de si e, também, a interação. Segundo o discurso do YouTube, é a participação dos usuários - produzindo e acessando conteúdos diversos - que faz a plataforma funcionar. Quanto mais gente participando, mais atrativo o ambiente se torna. (CARRIJO, 2019, p. 3)

Para tal, a plataforma disponibiliza diferentes possibilidades de comunicação: pode-se deixar curtidas ou descurtidas nos vídeos; comentar levantando questionamentos mais complexos que o simples gostar ou não daquilo que foi assistido (bem como de quem se expõe); compartilhar o vídeo em diversas plataformas, como outras redes sociais e aplicativos de troca de mensagens; inscrever-se e ativar notificações de seus canais favoritos, para que se possa saber de novas publicações assim que sejam postadas; e mais recentemente tornou-se possível se tornar membro dos canais, com conteúdos e acessos exclusivos para quem se dispuser a contribuir financeiramente com as/os produtoras/es de sua preferência.

No caso do objeto escolhido por esta pesquisa, as *youtubers* deixam claro que compreendem a lógica da plataforma que escolheram, colocando inserções por meio de falas ou de videografismos que incentivam quem assiste curtir, comentar e compartilhar o vídeo, seguir o canal e outras redes sociais da apresentadora, além de deixarem sugestões de outros vídeos do canal para assistir em seguida tanto em *links* na descrição ou no próprio vídeo.

Dá o joinha no vídeo querida! [transição] Então a primeira parte que eu vou falar são os meus peitos. Eu pensei muito se eu mostraria os meus peitos até porque eu achava eles a coisa mais horrível do mundo, eu tinha muito muito repulsa mesmo, achava horrível. Só que hoje em dia eu amo muito eles, eu conto toda a história nesse vídeo que eu vou deixar aqui nos *cards*. E nele eu recebi muitos comentários e eu vi que, tipo, grande parte das mulheres odeiam os próprios peitos, sabe? (JUNQUEIRA, 2017, s/p)

As/os *youtubers* costumeiramente incentivam a atuação de seu público, pedindo para que realizem as ações descritas acima a fim tornar seu canal mais relevante e mais amplamente recomendado dentro da plataforma. Segundo as/es produtoras/es de conteúdo, em geral, os vídeos que geram maior engajamento são aqueles que passam maior sensação de intimidade, expondo sua rotina, pessoas de seu convívio e os ambientes que frequenta, abarcando aspectos que simulam a familiaridade e o contato através da retórica do direto. Martín-Barbero explica que:

[...] a mediação que a cotidianidade familiar cumpre na configuração da televisão não se limita ao que pode ser examinado do âmbito da recepção, pois inscreve suas marcas no próprio discurso televisivo. Da família como espaço das *relações estreitas* e da *proximidade*, a televisão assume e forja os dispositivos fundamentais: a simulação do contato e a retórica do direto. (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 293, grifos do autor)

Mesmo quando o conteúdo não trata especificamente da vida pessoal da/o *youtuber*, é comum que as gravações sejam feitas na casa dela/e ou em algum ambiente que simule este lugar de conforto, estratégia amplamente utilizada por outras mídias, como por exemplo a televisão.

A configuração de personagens-vítimas na TV promove a figura da testemunha, que atesta sua experiência de sofrimento pela sua própria existência. Afinal, as emissões televisivas da intimidade se dão pela exploração do testemunho íntimo: em vez de privacidade e sigilo, na sociedade contemporânea, tem sido privilegiado um pacto compassivo, por meio do qual o sofredor busca a compaixão pública pela visibilidade do seu próprio sofrimento, envolvendo o espectador numa espécie de assistência à distância a pessoas em perigo (MÉHL, 1996 apud SACRAMENTO; BORGES. 2017, p. 3)

Igor Sacramento e Wilson Borges (2017) entendem o YouTube como uma espécie de extensão desse tipo de narrativa, ressaltando não apenas sua proximidade com programas de confissão, mas principalmente um aspecto de “feito em casa”.

No caso do YouTube, isso se amplia por conta do *homecamming*: da filmagem em casa e sem todos os processos de edição e a infraestrutura de uma emissora de TV, o que garante pelo viés amador maior sensação de proximidade autenticidade (LANA, 2015; SENFT, 2008). Tais vídeos, com frequência, contam com testemunhos íntimos que tem como finalidade a conquista da compaixão pública pela internet. SACRAMENTO; BORGES. 2017, p. 4)

Martín-Barbero (1997) assume que a televisão se utiliza de “dois intermediários fundamentais: um *personagem* retirado do espetáculo popular, o animador ou apresentador, e um certo *tom* que fornece o clima exigido, coloquial” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 294, grifos do autor) como mecanismos de simulação de contato, entendendo por retórica do direto

“o dispositivo que organiza o espaço da televisão sobre o eixo da *proximidade* e da *magia de ver*, por oposição ao espaço cinematográfico dominado pela distância e pela *mágica da imagem*.”(MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 294, grifos do autor).

Tomando o estudo de Satler e Carrijo (2019) como exemplo, nota-se o esforço por parte das/os *youtubers* para se aproximar de seu público e tornar a experiência deste mais próxima e intensa.

A experiência entre usuário e *youtuber* revela que o cenário comunicativo contemporâneo parece estar alicerçado em um discurso de proximidade e autenticidade. Essa pista está intimamente vinculada a processos culturais contemporâneos reveladores de um discurso performático que tenta apagar a linha que separa a performance da realidade. (SATLER; CARRIJO, 2019, p. 59, grifo das autoras)

No decorrer do mesmo estudo foi possível perceber que tal esforço é recompensado, uma vez que o público dos canais analisados identifica as performances como sendo próprias da personalidade das/os *youtubers*. Ainda que os indivíduos analisados fossem crianças, as pesquisadoras enfatizam o fato de que as/os colaboradoras/es tinham ciência da diferença entre um personagem e a pessoa que o interpreta em outras linguagens, como nas novelas e filmes, mas não conseguiam associar os conteúdos das redes sociais como uma ação que não fosse a natural das/os *youtubers*.

Ficou evidente que todos já haviam tido contato com produções ficcionais e que conseguiam apontar recursos performáticos de caracterização dos atores, como alterações no modo de vestir, de andar e de falar. Nessa perspectiva, as crianças consentiram que a performance de personagens fictícios consiste em representar um personagem que foi criado.

Porém, a transposição da noção de performance para os *youtubers* mostrou-se algo inédito aos colaboradores, os quais não associaram, a princípio, o comportamento dos *youtubers* a uma representação de qualquer personagem, nem deles próprios. Ao contrário, o debate defendeu a naturalidade, para usar os termos do grupo, dos *youtubers*, evidenciando a espontaneidade da fala nos *vlogs*. Essa foi a primeira opinião enunciada por duas meninas integrantes do grupo. Elas foram enfáticas ao afirmar que os *youtubers* são autênticos quando produzem seus vídeos e revelam a naturalidade no improviso da fala. Tal opinião sustenta que os *youtubers* não constroem personagens de si mesmos quando gravam os vídeos. Pelo contrário, expõem sua intimidade e dividem suas verdades com o público. Partiu das crianças, inclusive, a associação da plataforma *YouTube* a uma rede social, na qual seria garantida ao produtor de conteúdo total liberdade de expressão. (SATLER; CARRIJO, 2019, p. 61, grifo das autoras)

Apesar de o discurso das autoras salientar a contraposição entre performance e autenticidade, o que já abordamos anteriormente, o ponto central da fala acima é destacar que assistir a um vídeo no YouTube seria como conhecer alguém, frequentar a casa de um/a amiga/o, acompanhar a rotina de uma pessoa, seus gostos e suas características de uma maneira

real e genuína. Aos olhos do público, não se trata de assistir um conteúdo midiático. As performances compartilhadas na rede social intencionalmente levam o público a sensibilizar-se, olhar a/o outra/o como sua/seu semelhante e empatizar com suas dores. Essa constatação possibilita que se levantem questionamentos acerca da experiência de recepção com tais produções.

Nos vídeos que compõem o corpus desta pesquisa podemos perceber quatro características desta linguagem:

1) O *homecamming*, que traz o público a um ambiente íntimo, teoricamente reservado apenas a pessoas que sejam próximas à/ao produtor do conteúdo. Os vídeos de Luíza Junqueira e Ellora Haonne claramente não são gravados em um estúdio profissional, mas em espaços de suas casas (provavelmente um quarto ou *home studio*), mostrando ao fundo seus computadores, fotos e objetos de decoração que refletem seu gosto pessoal (ver figuras 9 e 10);

2) A simulação de contato, na qual as *youtubers* olham diretamente para a câmera a fim de que o resultado se aproxime ao máximo do contato visual com aquela/e que assiste (vide figuras 9 e 10). Busca-se com isso que o público se perceba menos como uma plateia consumindo um conteúdo midiático e mais como em meio a uma conversa com uma amiga, ponto que fica ainda mais manifesto com Luíza Junqueira, que costuma abrir seus vídeos com a expressão “Oi querida!”;

3) As *youtubers* portam-se como apresentadoras em seus canais, tal qual acontece em programas televisivos, colocando-se na posição de mediadoras que permitem que uma determinada discussão chegue ao seu público de forma mais simples e direta. Tanto Luíza Junqueira quanto Ellora Haonne abordam ao longo de seus *tours* sobre representatividade midiática e sua importância, a primeira *youtuber* chegando inclusive a trazer o termo indústria cultural ao se referir às revistas, televisão, cinema e música;

4) Os testemunhos apresentados trazem um ar confessional ao relato. Luíza exterioriza a fragilidade de sua autoestima ao longo do seu processo de desconstrução do conceito de beleza padrão, enquanto Ellora revela a “farsa” das fotos que mostram seu próprio corpo como ideal. Em ambos os casos, as *youtubers* se mostram perante seu público como seres falíveis, que ainda tem “recaídas”, segundo as palavras de Luíza, mas estão procurando repensar e reparar aquilo que consideram como falhas.

Ao publicarem esses depoimentos acompanhados de imagens detalhadas de regiões geralmente privadas de seus corpos, somando-se às condições expostas acima, é possível perceber uma extrapolação no estabelecimento de intimidade, permitindo que a audiência

acesse muito mais que as coisas que possui ou o espaço onde vive, mas que veja o seu corpo como é (ou como elas decidem mostrá-lo) e que se conecte com sua história de vida.

Tais testemunhos extrapolam a ideia de um vídeo-diário online. Ao expor suas histórias as/os *youtubers* buscam formas de subjetivar a própria experiência, assimilá-la a partir da narração dos fatos ocorridos e compreender melhor a si mesmas/os, ao mesmo tempo que pretendem também a identificação e o reconhecimento do público, que se manifestará positiva ou negativamente através dos meios já citados. Este recurso se aproxima da escrita de si, a qual seria usada tanto como instrumento de autoconhecimento e reflexão quanto como uma abertura de si para o outro, ou seja, “trata-se de fazer coincidir o olhar do outro e aquele que se lança sobre si mesmo ao comparar suas ações cotidianas com as regras de uma técnica de vida” (FOUCAULT, 2004, p. 162).

A escrita como exercício pessoal feito por si e para si é uma arte da verdade díspar; ou, mais precisamente, uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso. (FOUCAULT, 2004, p. 151)

Margareth Rago (2013) aponta que as chamadas técnicas de si constituíam aquilo que gregos e romanos entendiam como estéticas da existência, um trabalho ético-político no exercício de cuidado consigo e com o outro.

Portanto, os gregos e os romanos desenvolveram técnicas de constituição de si baseadas em práticas de liberdade que envolviam a conquista da temperança, isto é, do equilíbrio entre o lado racional e o emocional do indivíduo por um meticuloso trabalho cotidiano de autotransformação. Ser belo significava ser temperante e ser capaz de agir com autonomia, sem ser governado por instintos e paixões [...] (RAGO, 2013, p. 44-45)

Dessa maneira o YouTube foi se estabelecendo como mais do que um espaço de auto exibição ou de um diário público, embora nunca tenha deixado de sê-lo. Passou a ser também uma ferramenta, na qual é possível reunir pessoas com experiências semelhantes, compartilhar histórias com pessoas supostamente desconhecidas e ter contato com realidades que possam ser distantes das suas. Tanto um lugar de confissão e de escrita de si para quem se dispõe a produzir e publicar conteúdos na plataforma como uma possibilidade de reconhecimento e descoberta através do relato de outrem para a audiência.

### 3.3 Performance e Ativismo Online

As redes sociais apresentam grande capacidade de agremiar pessoas em torno de uma ideia em comum, transpondo fronteiras geográficas e possibilitando uma maior sensação de comunidade às/aos envolvidas/os. Conforme exposto por Hine (2016):

As mídias sociais proporcionam desafios e oportunidades para as convenções estabelecidas, transformando nossas experiências de identidade, interação e fronteiras sociais. O aumento massivo das formas de sociabilidade que são refletidas *on-line* e, por sua vez, permeadas em espaços mais amplos da vida social ofusca as fronteiras entre *on-line* e *off-line*. (HINE, 2016, p. 11)

Assim, não é de se estranhar que este espaço tenha se tornado um terreno fértil para mobilizações realizadas por grupos de ativistas das mais diversas causas. Através da internet e, em especial, das redes sociais, encontrou-se uma maneira simples de fazer discursos reverberarem e instigar discussões mais aprofundadas sobre o tema em questão.

Para tanto, as tecnologias de informação e comunicação tornaram-se uma poderosa ferramenta alternativa às mídias tradicionais, permitindo ao ativismo uma nova faceta. A internet pode ser entendida como meio fundamental para a divulgação das causas, reivindicações e organização de mobilizações. Sabe-se que a internet tem o condão de reduzir fronteiras, possibilitando que indivíduos, adeptos ou curiosos, busquem e emitam informações, permitindo um salto quantitativo e também qualitativo ao discurso. (RODRIGUES; GADENZ; DE LA RUE, 2014, p. 16)

A estrutura em rede e os algoritmos que constroem as plataformas dessas redes sociais intencionalmente conduzem a aproximação, facilitando o acesso das/os usuárias/os a conteúdos que estejam sendo mais difundidos naquele momento por pessoas próximas, fisicamente ou por se seguirem na rede social. Isso tem se demonstrado como uma via de mão dupla: sugerindo conteúdos que usuárias/os com gostos e comportamento semelhantes tenham aprovado, permite-se que mais pessoas com vivências diferentes e opiniões similares interajam e pensem questões complexas relacionadas àquela causa, ao passo que também cria uma bolha social na qual se convive apenas e tão somente com indivíduos que concordam com o que se diz.

As associações algorítmicas nos levam a ver com mais frequência as postagens de quem já demonstramos algum interesse ou afinidade, através das “curtidas”, “comentários” ou envio de “emojicons”, nos conduzindo a circular no espaço de “iguais”. Nesse exercício pobre de diálogo com os diferentes (e oponentes em ideias), mesmo quando postagens “indesejadas” eventualmente aparecem, temos ainda os diversos recursos de “bloquear”, “deixar de seguir”, “silenciar” seu emissor. (DESLANDES, 2018. p. 3134)

Ainda que apresente problemas, a internet vem facilitando a mobilização e organização de movimentos sociais.

Todavia, a estrutura da internet facilita a estruturação e a atuação dos movimentos sociais, motivo pelo qual diferentes movimentos, com as mais variadas pautas, têm se utilizado cada vez mais da tecnologia tanto para comunicação entre os participantes do grupo quanto para divulgação de suas ideias e captação de novos membros. Esses grupos tanto surgem fora da rede e nela encontram um espaço facilitado para comunicação, quanto surgem na própria rede e, a partir dela, partem para a ação no espaço físico. (RODRIGUES, GADENZ e DE LA RUE, 2014, p. 13)

No caso do movimento feminista contemporâneo, as redes sociais têm servido como um importante instrumento para eventos como a Marcha Mundial das Mulheres (MMM), e para o aumento da rede de contatos e divulgação de pautas consideradas fundamentais para as mulheres na atualidade. Uma das questões mais relevantes é a do corpo e do padrão estético, em especial quando se considera o recorte social ao qual pertencem as protagonistas dos vídeos observados<sup>39</sup>.

Segundo Lipovetsky (1997, p. 144-145), para o feminismo contemporâneo, desconstruir a beleza corresponde a analisá-la como um instrumento de domínio dos homens sobre as mulheres, um dispositivo político cuja finalidade é separar os sexos. Essa cultura do belo não se limita a instigar mulheres umas contra as outras, ela divide e fere cada mulher em si mesma. As imagens superlativas do feminino veiculadas pelos meios de comunicação acentuam o terror das marcas da idade, geram complexos de inferioridade, vergonha, ódio ao corpo. (RODRIGUES, GADENZ e DE LA RUE, 2014, p. 8)

Ellora Haonne expressa claramente como as imagens de corpos femininos que consumiu ao longo de sua infância e adolescência instigaram esse ódio ao seu corpo. A *youtuber* chega a atribuir diretamente a culpa por ela ter desenvolvido transtornos alimentares e de imagem a essas imagens e ao padrão inalcançável que pregam.

[Referindo-se às suas pernas] Isso aqui era a coisa que eu mais odiava na Terra, sério. Inclusive na época tinha uma campanha super motivacional pra você ficar sem comer pra perder isso aqui, que é a gordurinha no meio da perna. Isso aqui era, nossa, a coisa que eu mais odiava no mundo. Meu sonho era ter uma perna assim ó, que uma coxa não encostasse na outra sabe? Assim ó. E não tem o menor problema nisso. Olha que ela é flácida, tá vendo? Na verdade, é tudo bem flácido. [...] Então sim, influenciadoras, *youtubers* e pessoas públicas ou pessoas que divulgam sua imagem de modo geral raramente tem exatamente o corpo que ela aparenta ter. E foi exatamente por isso que eu tive bulimia, porque eu me comparava com pessoas que não existiam. Eu me sentia completamente inferior àquelas mulheres das capas das revistas e das fotos que eu via e etc, porque eu achava que eu não me esforçava o suficiente, que eu era uma vagabunda, uma preguiçosa, que eu tinha que abrir mão de todos os meus prazeres pra ter aquele corpo e esse tipo de coisa. (HAONNE, 2017, s/p)

---

<sup>39</sup> Ou seja, mulheres brancas, cisgênero, de classe média e bissexuais.

Além de usar essa “videografia de si” como uma forma de subjetivar as experiências que teve, a *youtuber* procura também se ligar à pauta de aceitação corporal, estabelecendo a importância que vê em repassar ao seu público como sua saúde física e mental foram prejudicadas pela cobrança excessiva que o padrão inalcançável instituído para corpos femininos, bem como ao próprio movimento feminista contemporâneo, ao demonstrar que a intenção de sua publicação seria desconstruir a imagem do corpo perfeito das fotos para que com isso um maior número de meninas e mulheres possam sofrer menos por conta da relação que constituem com seus próprios corpos.

## 4. “Amada?”

meu coração sangra pelas irmãs em primeiro lugar  
sangra por mulheres que ajudam mulheres  
como as flores anseiam pela primavera  
(Rupi Kaur)

O título refere-se à expressão memética surgida após entrevista da cantora Fafá de Belém juntamente de Johnny Hooker ao Jornal do Comércio, na qual os internautas interpretaram que a expressão da cantora não confirmava a história que ele contava. Além do sentido original do *meme*, que indica uma reação de confusão quanto ao que é falado, pretendeu-se aqui também questionar sobre o amor-próprio que pode ou não estar sendo experimentado pelas/os envolvidas/os nos objetos da pesquisa.

### 4.1 Imagens e as mediações

O ser humano é um animal essencialmente visual. Não à toa aprendemos desde muito cedo a diferenciar expressões e identificar uma variedade considerável de cores, por exemplo. Os olhos e o olhar estão presentes em expressões linguísticas nas mais diversas culturas. No entanto (e talvez justamente por isso), as imagens têm adquirido cada vez mais importância nas sociedades atuais, em especial as ocidentais.

Estamos cada vez mais rodeadas/os por imagens, seja como consumidoras/es ou produtoras/es, através de todo tipo de tecnologias, produtos oriundos de um determinado momento e lugar. Entendendo que não existem produções isentas ou neutras, Gillian Rose (2001) expõe a importância de nos atentarmos ao que está sendo colocado por meio das imagens.

Todos esses tipos diferentes de tecnologias e imagens oferecem visões do mundo; eles transmitem o mundo em termos visuais. Mas essa transmissão, mesmo por fotografias, nunca é inocente. Essas imagens nunca são janelas transparentes para o mundo. Elas interpretam o mundo; elas exibem isso de modos muito particulares. (ROSE, 2001, p. 6, tradução nossa)<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> *All these different sorts of technologies and images offer views of the world; they render the world in visual terms. But this rendering, even by photographs, is never innocent. These images are never transparent windows on to the world. They interpret the world; they display it in very particular ways.* (ROSE, 2001, p. 6)

As imagens são culturalmente construídas, trazem consigo a percepção e a intenção de quem as produz. Seja de maneira consciente ou não, a produção de uma imagem carrega consigo traços do contexto no qual a/o produtor/a se desenvolveu, bem como de suas vivências e experiências. Ao entrar em contato com esta, a/o observador/a a percebe de acordo com seus próprios conceitos e percepções, significando que tal olhar também pode ser considerado culturalmente construído.

Tanto a produção apresenta um reflexo de quem a idealizou e produziu, quanto aquela/e que observa traz sua própria experiência e visão de mundo para analisar a obra, possibilitando assim que a performance referida por Schechner (2002), ou seja, o comportamento restaurado, possa ser infinitamente revista, repensada e repetida, tanto por quem assiste e se identifica com o apresentado como por se tratar de conteúdos que podem ser revisitados quantas vezes se desejar.

Os anos 2010 configuraram-se em um novo momento de efervescência para os feminismos, com características próprias em termos de ativismo e mobilização, e também marcado por uma maior presença de discursos e ideias feministas nos meios de comunicação. Nesse sentido, torna-se relevante examinar as características próprias desse novo momento a partir dos textos midiáticos em que essa emergência pode ser mapeada, pois, como bem aponta Teresa de Lauretis (1994), as diferentes mídias atuam como “tecnologias de gênero” (assim como de outras diferenças) com o poder de construir o gênero à medida que o representa. (PRUDENCIO, 2020, p. 75)

Retomando os vídeos de *Tour Pelo Meu Corpo* que compõem o *corpus* desta pesquisa, bem como a recepção dos mesmos, as performances compartilhadas pelas *youtubers* apresentam uma contraposição à imagem de beleza engessada pelos meios de comunicação tradicionais e ao recato e modéstia que são esperados da figura feminina, partindo do contato com esse tipo conteúdo mulheres e meninas têm a oportunidade de repensar a sua própria performance de gênero.

Contrariando a ideia de um espectador passivo, puramente contemplativo, em geral quem consome um produto audiovisual não aceita suas propostas sem produzir sentido sobre ele. Ainda é comum encontrar quem chame meios de comunicação, como a televisão e a internet, de alienadores, apresentando uma visão que se conecta com o que Jacques Rancière (2012) chama de embrutecedora. Essa visão de um “público alienado” pode ser percebida mesmo fora do ambiente acadêmico, como demonstrado em um comentário no vídeo de *Tour Pelo Meu Corpo* de Ellora Haonne transcrito abaixo, que afirma

Infelizmente tem Meninas e meninos/adolescentes que acreditam em tudo da internet e acham que os famosos são lindos daquele jeito sempre..dormem e acordam assim..e acabam se desvalorizando e sofrendo por isso..mas na real..todo mundo tem uns

defeitinhas..não sigo essa moça..já vi outros vídeos aqui no face..mas acho legal ela estar mostrando mesmo..e logico serve de alerta aos pais..ficar de olho nos seus filhos e filhas que acham que a vida é ficção..gostei da atitude dela! Boa sorte no canal! (sic)

O comentário acima elogia o posicionamento de Ellora que, como descrito em capítulo anterior, busca desconstruir uma imagem de perfeição que é vinculada a corpos semelhantes ao dela e denunciar a opressão que esta representa. Este tipo de performance é importante para o reforço de uma concepção de corpos moldáveis, que podem aparentar ser ideais mas que não o são de fato, ou que ao menos não o são o tempo todo, mas o argumento exposto pode ser considerado como reflexo de uma visão simplista e reducionista, desigualando as inteligências dos envolvidos ao se colocar as/os idealizadoras/es dos produtos em posição de superioridade com relação à sua audiência e possibilitando a manipulação desta última pela primeira.

Jesús Martín-Barbero (2018) aponta uma problematização acerca deste posicionamento ideológico, o qual ele mesmo já utilizou em obras anteriores.

Mesmo assim, já na época [1978] alguns pesquisadores começavam a suspeitar daquela *imagem* do processo de estratégias do dominador, na qual não cabiam mais figuras além das estratégias do dominador, em que tudo se resumia a emissores dominantes e receptores dominados, sem o menor sinal de sedução ou resistência, em que na estrutura da mensagem não existiriam os conflitos nem as contradições, nem sequer as lutas. Por volta desses anos, algo estremeceu nossa realidade – por essas latitudes, os terremotos não são incomuns – tão fortemente que trouxe à tona e tornou visível o profundo desencontro entre método e situação: todos os modos como as pessoas produzem sentido em suas vidas, os modos como se comunicam e usam os meios, não se encaixavam naquele *modelo*. (MARTÍN-BARBERO, 2018, p. 10, grifos do autor)

Pareceu inadequado ao autor pensar que uma mesma população que resistia bravamente a outros processos de dominação, questionando frontalmente governos autoritários e seus discursos, fosse uma massa de manobra inerte e passiva quando se tratava dos meios de produtos midiáticos que consumiam. Parece igualmente incabível tratar o público que assiste aos vídeos compartilhados online como alienado ou manipulado.

Ao abordar os processos de codificação e decodificação, Stuart Hall (2003) estabelece que, ao termos contato com um produto audiovisual, abrem-se três caminhos possíveis para a/o receptor/a: aceitar integralmente a informação exposta, assumindo-a como uma verdade completa; rejeitar integralmente o conteúdo, entendendo que este é falso ou equivocado; ou negociar o seu aceite, percebendo que partes da informação podem lhe ser úteis mas não necessariamente concordando com todo o conteúdo integral. Em qualquer das três situações fica claro que quem assiste ao conteúdo não é um mero receptáculo de informações, inviabilizando assim a imagem de uma população de espectadoras/es passivas/os.

Emerge assim a lógica emancipadora na teoria de Rancière, que busca superar a ideia de assimetria das inteligências, transpondo o abismo entre produção e recepção. Rancière (2012, p. 17) esclarece que o olhar já é por si só uma ação, afinal o espectador “observa, seleciona, compara, interpreta. Relaciona o que vê com muitas outras coisas que viu em outras cenas, em outros tipos de lugares”. Com isso posto, é impensável para a autora desta pesquisa tratar quaisquer performances (sejam artísticas ou cotidianas) pela lógica de transmissão-absorção.

Nesse contexto, cabe pensar a teoria das mediações de Martín-Barbero (2018), que desloca o foco dos estudos de comunicação dos meios para as mediações, ressaltando aspectos culturais entre eles e a recepção. O autor recusa-se a encaixar o conceito mediações em uma definição estruturada, mas explica que

*Mediações*, então, referem-se mais ao traçado que conecta em rede os pontos e linhas dispersos, diferentes e distantes que tecem um mapa para uma realidade que é verificada ou para um conceito que é mantido e gerenciado. Daí minha tenaz resistência em definir *mediações*, e minha aposta para ir desdobrando-as e delimitando-as à medida que os processos de comunicação, as práticas culturais e os movimentos sociais *estavam se tornando próximos*, impondo uma relação densa entre o mundo da produção de mídia nas indústrias culturais e os mundos do consumo, massivo, mas diferenciado, ativo e cidadão. (MARTÍN-BARBERO, 2018, p. 22, grifo do autor)

Pensar as mediações implica pensar nas relações estabelecidas e, conseqüentemente, no meio social no qual elas se estabelecem.

Assim, nessas criações tão contemporâneas, é isso o que acontece: convida-se a ‘vida real’ para participar, interagir, julgar, colaborar e, sobretudo, ela é tentada insistentemente a se produzir para e nas telas. Por outro lado, a própria vida cotidiana se contagia desse *modus operandi* e se espetaculariza ela também, de modo crescente, mesmo nas cada vez mais escassas situações em que as câmeras não estão presentes. (SIBILIA, 2015, p. 355)

As fronteiras entre a emissão e a recepção se tornam cada vez mais permeáveis com a ampliação dessas redes de comunicação, facilitando as trocas, interações e a interferência de um no outro. Seja pela fala das *youtubers*, que sempre reforçam que a produção dos vídeos se dá de acordo com os pedidos do público e suas reações às publicações, ou pelos comentários deixados na plataforma é perceptível a proximidade na relação emissoras-receptoras, bem como a identificação mútua entre as partes, esse foi o recorte analisado aqui. Afirmar a sua gratidão por ela existir “no YouTube e no mundo” ou reconhecê-la como “uma mulher de verdade” ratificam esse reconhecimento, permitindo que a espectadora seja testemunha das histórias que estão sendo contadas por quem se expõe, mas que poderiam ser as suas próprias histórias.

Dentre os resultados obtidos com a pesquisa, a relevância que as imagens veiculadas em redes sociais têm alcançado diante do público foi um dos pontos mais marcantes, importância essa que pode ser percebida nas três categorias de análise quando pensamos na mediação dos conteúdos (ou seja: aceitação, rejeição e negociação do exposto pelas *youtubers*).

- Aceitação;

luiza, eu não tenho nem palavras pra descrever minha admiração. obrigada por existir aqui no youtube e no mundo e ☐ (sic)

Você revolucionou a vida de muita gente! Parabéns!!! (sic)

Que linda sua iniciativa!!! Parabéns!!! Muitas pessoas precisam parar para pensar nisso, inclusive eu me pego me culpando por estar um pouco fora do peso ideal, e parte disso é porque a mídia vende um padrão, um ideal de beleza que não existe! E nós mulheres de tanto visualizar por aí esses padrões acabamos acreditando...mas assim adorei saber que nem tudo é o que parece. E que devemos nos amar e valorizar sem exagerar no supérfluo. (sic)

SENHOR QUE VIDEO MARAVILHOSO TO IMPACTADA (sic)

Infelizmente tem Meninas e meninos/adolescentes que acreditam em tudo da internet e acham que os famosos são lindos daquele jeito sempre..dormem e acordam assim..e acabam se desvalorizando e sofrendo por isso..mas na real..todo mundo tem uns defeitinhos..não sigo essa moça..já vi outros vídeos aqui no face..mas acho legal ela estar mostrando mesmo..e logico serve de alerta aos pais..ficar de olho nos seus filhos e filhas que acham que a vida é ficção..gostei da atitude dela! Boa sorte no canal! (sic)

olha que legal, te falo para não ficar bitolada, faz oq vc acha que deve fazer para se sentir melhor, mas você é linda e gostosa exatamente da forma como é,não precisa se comparar com ninguém, vc é a princesa jujubinha mais linda desse planetão, te amo ☐☐☐ (sic)

assiste ele todo! Juro que vcs se amarão pelo menos 10% mais! Vcs são lindas externamente e principalmente, internamente! Amo vocês ☐ (sic)

vcs que acha as blogueiras perfeitas (sic)

A percepção de proximidade e intimidade promovida pelos vídeos com relação a quem assiste amplifica os efeitos percebidos, em especial àquelas/aqueles que aceitam a mensagem veiculada. Grande parte das/os comentadoras/es falam diretamente com as *youtubers*, incentivando e parabenizando por seus posicionamentos, mas também buscando uma aproximação com a sua própria realidade e com demais membros da audiência. As/os que se dizem impactadas pelo vídeo, passam a acompanhar as publicações das *youtubers* ou estimulam outras/os usuárias/os da plataforma a assistirem o vídeo sob a justificativa de que essas pessoas “se amarão pelo menos 10% mais”, não apenas reconhecem esses efeitos como efetivamente contribuem para que a mensagem continue a ser propagada. Ao expressar a outra/o usuária/o sua inquietação quanto à esta/e achar as blogueiras perfeitas, o/a comentador/a indica o vídeo de Ellora Haonne com o fim de demonstrar que como a suposta perfeição é construída, enquanto

outro/a comentador/a manifesta sua apreensão com o consumo que pessoas jovens fazem de imagens inalcançáveis e como constroem uma auto imagem corporal negativa por conta da comparação com estas, preocupação esta que é confirmada por outras/os comentadoras/es que revelam a culpa por não estar no suposto peso ideal e estimulam outras/os a não se compararem, valorizando a beleza de seus corpos reais (em contraponto aos idealizados), assim como manifesto pelas *youtubers* em seus vídeos. Fica assim caracterizado que estas/es usuárias/os compreendem e aceitam o que as apresentadoras expõem, tanto através das imagens quanto do discurso, no referente à reflexão sobre autoimagem corporal.

- Negociação;

resumindo com todos esses que você acha que ele é feito da sua pessoa eu amei cada vez mais ainda admirar as suas fotos maravilhosas nua e crua e após a maquiagem da mesma forma belíssima você é mulher brasileira e delícia com todo respeito parabéns que Deus te abençoe pela sua honestidade dá respeito das suas fotos e originalidade sempre é por isso que você tem agora um admirador mas ainda não virei seu fã um beijo com muito respeito a mente e beijaria sua barriga e várias formas com respeito é claro muito obrigado Será que você algum dia possa escutar esse comentário ou ver esse comentário e divulgar no seu canal beleza pode falar meu nome lá que de boa é nós muito obrigado (sic)

Ama bem o seu corpo porque vc é linda adoro vê mulher assim como vc (sic)

Assistindo esses vídeos assim eu começo a me amar muito, mais na escola, junto com outras meninas minha auto estima vai lá no chão! Espero um dia melhorar.. =( (sic)

Parabéns linda seu corpo perfeito (sic)

O único problema das coxas encostarem uma na outra, é que as calças rasgam e com biquíni da assaduras no meio! (sic)

Vou tentar me ver com outros olhos (sic)

Os comentários acabam por justificar o relato de Luiza Junqueira quando afirma que “os homens hipersexualizam, objetificam, acham que se eu to mostrando o peito é obviamente pra tentar seduzir” (JUNQUEIRA, 2017, s/p). O comentário que pontua que Ellora seria uma “mulher brasileira e delícia” ainda corrobora com a fala de Figueiredo (2017) acerca da construção da figura da mulher brasileira como lasciva e sexualmente disponível, enquanto busca amenizar a violência de suas palavras reiterando que “beijaria sua barriga e várias formas com respeito é claro”. Ainda que aceitem a mensagem veiculada no que se trata de ver beleza em corpos que normalmente não seriam colocados como belos, não assimilaram o sentido de buscar essa visão sobre seus próprios corpos, reforçando a concepção da mulher-objeto quanto a manutenção da existência do conceito de um “corpo perfeito”.

Por outro lado, também demonstram estar em processo de negociação do aceite comentários que apresentam um esforço das/os comentadoras/es para se “ver com outros

olhos”, mas ainda sentem dificuldade em aceitar os seus próprios corpos. Ao pontuar que “O único problema das coxas encostarem uma na outra, é que as calças rasgam e com biquíni da assaduras no meio” o/a comentador/a manifesta concordância em relação ao que foi dito pela *youtuber* reconhecendo beleza em coxas grossas e que se tocam, mas ainda apresenta uma queixa em relação a essa questão ao colocar o suposto problema que estas trazem. O comentário que afirma “Assistindo esses vídeos assim eu começo a me amar muito, mais na escola, junto com outras meninas minha auto estima vai lá no chão!” deixa ainda mais evidente a importância que o vídeo representa para a comentadora, que admite seu esforço para reconstruir a própria autoestima partindo dos conteúdos audiovisuais que consome, apesar das dificuldades que se apresentam no convívio social.

- Rejeição;

Está insatisfeita... Faz uma dieta, uma caminhada, pratica um esporte, entra numa academia... Com o tempo que demoraria pra editar e procurar angulos fazendo pose para tirar fotos! □ (sic)

Novas e desleixadas! isso sim! Não ser obcecar a beleza ficar escravos mais mater uma vida saudável com exercícios físicos faz bem sim e nos deixa com o ego lá em cima o que não dá é viver na sedentarismo.... da para ter um corpo saudável e bonito sim como para tudo na vida exige sacrifícios! Mais ninguém nos tempos atuais quer lutar por boa qualidade de vida, daí ficam aí de mimimi que devem se aceitar e me aceito sim se melhor fisicamente e espiritualmente cada dia mais. □ (sic)

Ao chamar a *youtuber* de desleixada e assumir que o discurso de autoaceitação seria fruto da falta de vontade para “lutar por boa qualidade de vida”, esta/e comentador/a reconhece que a fala da performer produz efeitos sobre o público que se vê nelas, ainda que não concorde com o que é dito, caracterizando-o como “mimimi”. Já no outro comentário, o/a comentador/a não busca dialogar com o que é dito pela *youtuber*, mas reforçar o padrão estético corporal indicando que ela faça dieta e pratique esportes ao invés de procurar ângulos e poses para as fotos, entendendo que as imagens publicadas seriam um retrato irreal de uma realidade almejada pela performer. Em ambos os casos se reafirma a importância das imagens veiculadas, seja como retrato de um estilo de vida que não seria saudável ou de um corpo desejado, sem, no entanto, entender os argumentos apresentados como legítimos.

#### **4.2 Experiência da Performance e Padrão de Beleza**

Nos estudos de performance é comum que autoras/es reflitam acerca da questão da experiência, tanto do público quanto do performer. É importante que se tenha em mente a tríade que conduz como estas (performance e experiências da performance) se darão: performer,

público e ambiente. As interações entre estes três elementos são fundamentais e interferem diretamente umas nas outras.

[...] o interessante sobre as performances é que envolve tudo: intuições, emoções, respostas, energia; envolve tudo isso mais a cognição. Eu não separaria uma coisa da outra. Tudo está envolvido e já que cada um de nós traz consigo alguma coisa para dentro da performance, as respostas serão diferentes. (BONFITTO, 2013, p. 134)

Convém assim recordar a fala de John Dawsey: “Experiências que irrompem em tempos e espaços liminares podem ser fundantes” (DAWSEY, 2005, p. 165). Ainda que performances publicadas no YouTube não disponham da presença física de seus componentes, é possível considerar que, mesmo que em um ambiente virtualizado, todos apresentam a materialidade e a presença, bem como as interações que estas proporcionam.

Wilhelm Dilthey, traduzido por Rodrigues (2005), explicita a diferença entre mera experiência e uma experiência, observando que a primeira ocorre passivamente, enquanto o sujeito simplesmente se resigna a ele, em contrapartida a última se destaca e afeta diretamente o indivíduo. Ao refletir sobre o assunto, Jorge Larrosa Bondía pontua que “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” (BONDÍA, 2002, p. 21), evidenciando o seu caráter individual e particular.

Tendo em vista a já citada imersão cada vez maior da população em redes sociais e outros meios de comunicação online, percebe-se então a relevância de observar com maior critério a questão das performances mediadas e das experiências que as compõem. Para além disso, de acordo com a afirmação de Hine (2016), a internet não pode ser compreendida como um espaço separado da vida, uma vez que as vivências ali podem ser experienciadas de forma igualmente real e intensa do que as obtidas offline.

A internet também pode ser compreendida como um fenômeno corporificado. “Ficar *on-line*” não é uma forma distinta de experiência, mas ocorre paralelamente a outras formas materializadas de ser e de atuar no mundo e as complementa. Uma experiência *on-line* pode produzir uma resposta emocional em nós tanto quanto qualquer outra forma de experiência: nossos corpos não distinguem necessariamente uma experiência *on-line* de uma *off-line a priori*, de modo que seria problemático para um etnógrafo fazê-lo. (HINE, 2016, p. 16, grifo da autora)

Nos comentários abaixo, a relação de intimidade estabelecida pelo público com as *youtubers* fica evidente quando as/es comentadoras/es aproximam suas próprias vidas dos relatos, deixando-as/os mais abertas/os a depositar sua atenção e confiança na fala das performers, como já demonstrado anteriormente. Tal processo pode ser um facilitador no processo de conectar as vivências de ambas as partes e transformar o breve momento de contato

em uma experiência de fato, assim como também pode ser o motor para a criação de novas expectativas.

- Aceitação;

Olha. Você que é mulher que esta lendo esse comentário e que você tem vergonha do seu corpo. Eu vou falar uma coisa pra você se sentir melhor, e espero que funcione! Você não precisa ter vergonha do seu corpo, você não precisa se sentir fei, você não precisa se olhar no espelho e achar q você esta gorda ou feia. Ta bem, porque você é linda. E não vai ser eu que vou falar isso ou ela ou ele. Não vai ser ninguém que vai falar isso. Sabe... (sic)

Gente, me poupe, essa ideia de não ser saudável porque é gordinha é totalmente ridícula. É questão de genética. Eu sou magra, corpo padrãozinho, e não sou tão saudável não. Tenho colesterol alto, glicose alta (quase diabética), e tive que fazer cirurgia pra tirar pedrinhas dos rins por má alimentação, olha só. Então parem de achar que gordo é sinal de falta de saúde. Pq a magrinha aqui que tá precisando fechar a boca e se exercitar ☐ (sic)

Coloquem um espelho dentro do banheiro e tomem banho se olhando no espelho, acho isso um ótimo exercício de aceitação. Sou gorda e depois que fiz isso, vi que sou linda mesmo assim e gostei mais de mim. (sic)

Que lindaaaaa...ganhou uma seguidora!! Parabéns pelo vídeo!!!ameiiii (sic)

Que linda sua iniciativa!!! Parabéns!!! Muitas pessoas precisam parar para pensar nisso, inclusive eu me pego me culpando por estar um pouco fora do peso ideal, e parte disso é porque a mídia vende um padrão, um ideal de beleza que não existe! E nós mulheres de tanto visualizar por aí esses padrões acabamos acreditando...mas assim adorei saber que nem tudo é oque parece. E que devemos nos amar e valorizar sem exagerar no supérfluo. (sic)

Olha que menina bem resolvida.  
Conheço alguém igual, (sic)

Parabéns, Ellora Haonne! Fiquei sua fã, sou mega a favor de não ser copista de um produto feito pela mídia. Corpos e tudo perfeito. Isso não existe, sempre temos nossa forma natural que devemos valorizar. Corpo saudável é uma coisa, mas vaidade é outra. Parabéns por dar esse exemplo de ser você, que é muito bonita interna e externamente! Parabéns!!!!!!!!!!!! (sic)

Infelizmente tem Meninas e meninos/adolescentes que acreditam em tudo da internet e acham que os famosos são lindos daquele jeito sempre..dormem e acordam assim..e acabam se desvalorizando e sofrendo por isso..mas na real..todo mundo tem uns defeitinhos..não sigo essa moça..já vi outros vídeos aqui no face..mas acho legal ela estar mostrando mesmo..e logico serve de alerta aos pais..ficar de olho nos seus filhos e filhas que acham que a vida é ficção..gostei da atitude dela! Boa sorte no canal! (sic)

muito importante para o nosso foco de 2018, apesar das nossas metas, temos que nos amar acima de tudo, só assim iremos conquistar nossos desejos!!! (sic)

olha que legal, te falo para não ficar bitolada, faz oq vc acha que deve fazer para se sentir melhor, mas você é linda e gostosa exatamente da forma como é,não precisa se comparar com ninguém, vc é a princesa jujubinha mais linda desse planetão, te amo ☐☐☐ (sic)

assiste ele todo! Juro que vcs se amarão pelo menos 10% mais! Vcs são lindas externamente e principalmente, internamente! Amo vocês ☐ (sic)

olha isso, ainda bem que todo mundo é normal igual a mim... tirou um peso! E ainda tem gente que eu conheço que diz que mulher ter celulite é nojento, ela msm deve ter ou então tem \$\$\$\$ pra tirar. (sic)

Parabéns pela sua atitude! Mostra que vc é uma mulher de verdade. Já lutei muito contra meu corpo até entender que todos temos uma programação genética, um biotipo. Já está mais do que na hora de acabar com a ditadura da anorexia. (sic)

Também sofri com a bulimia, justamente por comentários de pessoas próximas sobre o peso e tals

É só parei quando meu corpo já não aguentava mais... Somos escravas de um padrão de beleza que põe em risco nossas vidas!! Hoje vivo tentando não levar em consideração essas pessoas que gostam de apontar, mas confesso não é nada fácil!! Parabéns por sua atitude!! (sic)

As/os comentadoras/es reconhecem a existência do já retratado padrão de beleza, mas procuram ressaltar para si e para outras/os usuárias/os da plataforma que este é profundamente prejudicial e opressivo, chegando a se tornar um risco para a vida daquela/e que se submete cegamente a ele. Pode-se perceber também o grande estímulo a práticas de autocuidado e aceitação dos limites e possibilidades do corpo que se tem por parte das/os comentadoras, em conformidade com a opiniões expressas pelas *youtubers* ao longo de seus relatos, tanto a partir da marcação de outras/os usuárias/os que fazem parte do seu círculo social quanto falando diretamente com quem lê seu comentário, independente de quem seja. É possível perceber que comentadoras/es buscam somar esforços com as *youtubers* a fim de dissociar a imagem da magreza mostrada em mídias massivas da ideia de saúde, partindo de suas próprias experiências para exemplificar o exposto no vídeo. Aceitam, portanto, as *youtubers* como ativistas e mediadoras de feminismos.

- Negociação;

resumindo com todos esses que você acha que ele é feito da sua pessoa eu amei cada vez mais ainda admirar as suas fotos maravilhosas nua e crua e após a maquiagem da mesma forma belíssima você é mulher brasileira e delícia com todo respeito parabéns que Deus te abençoe pela sua honestidade dá respeito das suas fotos e originalidade sempre é por isso que você tem agora um admirador mas ainda não virei seu fã um beijo com muito respeito a mente e beijaria sua barriga e várias formas com respeito é claro muito obrigado Será que você algum dia possa escutar esse comentário ou ver esse comentário e divulgar no seu canal beleza pode falar meu nome lá que de boa é nós muito obrigado (sic)

Parabéns linda seu corpo perfeito (sic)

O homem que não gosta de mulher que tem estrias não gosta de mulher de verdade (sic)

Adoro mulher com estria amo mulher gordinha (sic)

Como eu queria ter uma autoestima assim ☐☐tenho 27 anos e mim sinto um lixo (sic)

Você é linda maravilhosa nada de ter vergonha de ser gordinha fofinha tem que se amar tu és lindona parabéns pelo seu carinho beijo (sic)

Eu caia de boca no peito mole e fodase (sic)

Ama bem o seu corpo porque vc é linda adoro vê mulher assim como vc (sic)

Eu tenho estrias nas costas parece que eu fui chicoteado kkj (sic)

HERES UNA MUJER HERMOSA TUS ESTILLAS TUS SICARTISES ESO NO  
IMPORTA HERES HERMOSA ERES UNA MUJER REAL AL 100 % MUJER SI  
SALUDOS HERMOSA (sic)

Oi eu amei seus faróis perfeito top (sic)

Verificou-se a partir dos comentários escolhidos que ambos os vídeos apresentam um considerável número de mensagens de assédio às *youtubers*, com as afirmações sendo realizadas em tom elogioso ao enunciar que “Adoro mulher com estria amo mulher gordinha” ou que suas estrias e cicatrizes não importam por a performer ser uma mulher linda<sup>41</sup>. Pressupõe-se com isso que a relação da mulher em questão com o próprio corpo estaria condicionada a opinião de outrem e essa validação seria o suficiente para ela. Assim, as/os comentadoras/es ignoram as argumentações apresentadas nos vídeos referentes a autoaceitação corporal, apesar de se contraporem ao padrão estético criticado pelas *youtubers*. Verificou-se também que a maior parte dessas publicações estão entre as mais recentes deixadas nos vídeos, o que pode sinalizar dois caminhos complementares e não excludentes: 1) os assediadores sentem-se mais à vontade para comentar nos vídeos, uma vez que estes são antigos e portanto menos visualizados no momento; 2) os comentários deixados por assediadores podem ter sido mal recebidos pela comunidade de usuárias/os, recebendo menos interações ou mesmo sendo excluídos pelas/os administradoras/es das páginas onde se encontram os vídeos.

Já no caso da/o usuária/o que comenta ter “estrias nas costas parece que eu fui chicoteado”, deixando evidente o tom jocoso de sua fala, parece estar fazendo um esforço para rir de algo que lhe causa incômodo. Indicar as partes do próprio corpo que considera um problema ou que não admira mostra suas fragilidades e a dificuldade em mudar a forma de olhar para essas características, mas também demonstra o seu empenho para aceitar as marcas presentes em seu corpo, assim como a *youtuber* apresenta no vídeo, não ficando claro se essa questão ainda lhe suscita inseguranças relativas a sua autoimagem corporal.

- Rejeição;

Está insatisfeita... Faz uma dieta, uma caminhada, pratica um esporte, entra numa academia... Com o tempo que demoraria pra editar e procurar angulos fazendo pose para tirar fotos!□ (sic)

---

<sup>41</sup> Tradução livre.

Novas e desleixadas! isso sim! Não ser obcecar a beleza ficar escravos mais mater uma vida saudável com exercícios físicos faz bem sim e nos deixa com o ego lá em cima o que não dá é viver na sedentarismo.... da para ter um corpo saudável e bonito sim como para tudo na vida exige sacrifícios! Mais ninguém nos tempos atuais quer lutar por boa qualidade de vida, daí ficam aí de mimimi que devem se aceitar e me aceito sim se melhor fisicamente e espiritualmente cada dia mais. □ (sic)<sup>42</sup>

Que mulher ridícula e sem noção!!! (sic)

Que idiota sem noção! (sic)

Comentários que efetivamente rejeitam a opinião das *youtubers* foram encontrados em menor quantidade, porém revelam as dificuldades encontradas para que a discussão progrida. Buscar ofender a performer, sem argumentar sobre a opinião que ela apresenta, indica a escassez ou mesmo ausência de reflexões que pudessem refutar os pontos colocados pelas *youtubers*. Neste momento não se busca uma discussão argumentativa, mas fazer com que as autoras se calem. Ao alegar que, com o tempo que demoraria fazendo pose para tirar fotos, a *youtuber* deveria tomar atitudes para mudar seu corpo (como fazer dieta e exercícios), ignoram-se os principais pontos do discurso das performers, como a busca por aceitação corporal sem a necessidade de se encaixar em um modelo padronizado de corpo.

Por fim, vale a pena destacar um comentário que traz de volta a questão da interatividade e da lógica da plataforma YouTube.

vim aqui depois do Exposed da Ellora pela Nataly. eu n sabia q esse tour pelo meu corpo era originalmente seu (e como vc fala no video, vc que criou mesmo!! incrível). Ai o da Ellora é um tour normalzaio sobre "como eu consigo fazer meu corpo medio padrao em um corpo mt padrao online" kkk eu lembro q assisti o dela e fiquei me sentindo pior pelo meu corpo do q melhor! ja o seu é um video completamente diferente. esse sim vale enaltecer, parabens!!

*Exposed* é um termo em inglês que designa a prática de expor atitudes questionáveis de uma pessoa ou instituição nas redes sociais. Em abril de 2021, a *youtuber* Nátaly Neri publicou em seu Twitter que Ellora Haonne estaria plagiando seu conteúdo e a estética de seu canal. Nátaly é uma mulher negra e afirmou que Ellora estaria se utilizando dos seus privilégios para copiar tanto a ela quanto a *youtubers* pertencentes a outras minorias, ganhando com isso ainda mais status e visibilidade. A polêmica trouxe de volta a discussão ocorrida em 2017, quando a *tag* *Tour Pelo Meu Corpo* viralizou e Ellora ganhou ainda mais reconhecimento por ser uma *youtuber* ligada a causas sociais (como saúde mental, feminismo e aceitação do corpo), mesmo

---

<sup>42</sup> Os dois comentários acima já foram citados no item anterior, entretanto entendemos que estes são igualmente importantes para o tópico presente. Adiciona-se a isso o fato de haver poucos comentários que se caracterizam por rejeitar as ideias expostas nos vídeos.

que ela não tivesse sido a criadora da *tag*. Na época, ela foi muito questionada por ter feito um vídeo igual ao de Luíza Junqueira, mas não ter dado os créditos devidos no momento de sua publicação. Com a pressão do público, Ellora precisou dar declarações públicas ressaltando que não tinha a intenção de tomar o espaço de Luíza e que havia adicionado um *link* para o vídeo que inspirou o seu. Após as novas acusações, Ellora precisou novamente se posicionar e optou por retirar o vídeo de seu canal a fim de diminuir o escândalo e os prejuízos decorrentes dele.

O comentário mostra a estrutura da plataforma YouTube, na qual um vídeo estimula a produção e disseminação de outros que conversem com o anterior, fazendo com que a/o usuária/o fique mais tempo na plataforma. Demonstra também a interatividade, considerando que a discussão ocorreu anos depois da publicação, em outra rede social e com outros sujeitos. Mas o principal destaque que se pode fazer com este comentário é a relação estabelecida com o conteúdo das duas *youtubers*: enquanto um fez a comentadora “pior pelo meu corpo do q melhor”, uma vez que destacou que Ellora conseguia fazer o seu corpo “médio padrão” parecer ainda mais padrão online, o outro vídeo fez com que se sentisse acolhida e cumpriu o seu objetivo de promover um novo olhar sobre as características que expulsam o seu corpo do conceito padrão de beleza.

## **5. Considerações Finais**

A pesquisa se propôs a aprofundar estudos sobre recepção de performances mediadas partindo do ponto de vista das Performances Culturais e das Humanidades Digitais. Isto

significa dizer que não se buscou aqui fazer uma análise quadro a quadro dos vídeos selecionados, um ensaio sobre o funcionamento e a lógica de redes sociais como o YouTube ou estudo de impacto sobre a recepção de tais vídeos, mas sim compreender de que maneiras os vídeos e seu público podem estabelecer pontes e articulações a partir da mediação da plataforma YouTube, promovendo assim reflexões e transformações nos seres humanos que estão por trás dos aparatos tecnológicos.

Tomaram-se como objetos de estudo os vídeos de *Tour Pelo Meu Corpo* realizados por Luíza Junqueira e Ellora Haonne na plataforma de compartilhamentos YouTube e os comentários deixados nos próprios vídeos, tanto na própria plataforma quanto na rede social Facebook, visando compreender como a autoimagem e a auto aceitação corporal das/os receptoras/es podem se articular às produções, com o objetivo de entender as reflexões que surgiram acerca de padrões estéticos e das relações estabelecidas com estes, com seus corpos e com a imagem que construíram deles a partir das performances de *Tour Pelo Meu Corpo* no YouTube.

Se anteriormente o “corpo belo” já foi idealizado a partir das estátuas, imagens sacras, revistas, cinema e televisão, atualmente as imagens que mais estão presentes no dia a dia e que mais atuam na construção de um imaginário sobre beleza são as redes sociais. Especialmente ao se tratar de mentes que estão em formação, como é o caso de adolescentes, tanto os conteúdos consumidos quanto quem os apresenta adquirem importância ainda maior.

Apresentando corpos femininos com diversas formas, cores e tamanhos juntamente das histórias que o compuseram, representando-os de maneira positiva e digna, cria-se a oportunidade de um número maior de adolescentes se reconhecerem nas imagens que consomem e, assim, crescerem com uma autoimagem corporal mais positiva. Entretanto, estabelecer que as *youtubers* são responsáveis por influenciar seus públicos, seja de maneira inspiradora ou por entendê-las como avatares de uma geração que não quer “lutar por boa qualidade de vida”, é ter um olhar unidimensional e tão desumanizante quanto o anterior, tornando essas mulheres heroínas ou vilãs.

Ao realizarem esses *tours*, as *youtubers* realizam uma espécie de escrita de si, utilizando os vídeos como um instrumento de autoconhecimento e de enfrentamento a um padrão estético que as excluiu e oprimiu por muitos anos. No entanto, quando tornam esses vídeos públicos, elas se tornam espelhos e suas reflexões podem então se tornar um ponto de partida para o questionamento ao próprio fato de que ainda exista uma beleza padrão, considerando que existem corpos e vivências tão diversos, e isso também é reconhecido pelas/os comentadoras/es.

De tal maneira, as *youtubers* constroem simultaneamente uma videografia de si e um espetáculo com o qual o público pode ou não se identificar, no entanto é perceptível que a esmagadora maioria dos comentários concordam com o exposto pelas *youtubers*, seja na ordenação por comentários mais recentes ou por principais comentários, sendo estes também os comentários que recebem maior número de interações de outras/os usuárias/os. Esse fato pode ser um indicativo a respeito das bolhas sociais que o algoritmo das redes sociais pode formar ao recomendar conteúdos semelhantes aos que aquela/e usuária/o já consome.

Na primeira etapa da pesquisa, que compreende a maior parte da revisão de literatura e a obtenção dos primeiros dados oriundos dos comentários online, foi possível averiguar a construção social de um corpo ideal e como é comum que esse modelo seja utilizado como um instrumento de poder e opressão. Como apresentado na metodologia, a segunda etapa demandou grandes mudanças por conta da pandemia de COVID-19 (Coronavírus), ampliando a relevância dos dados obtidos a partir dos comentários dos vídeos e a necessidade de aprofundamento na compreensão das relações estabelecidas entre estes e o aporte teórico.

A proposta do primeiro capítulo foi apresentar teoricamente algumas questões relativas ao corpo e ao padrão de beleza, partindo de Foucault (2004), Rago (1979), Tucherman (1999), Wolf (1991) e outras/os. Aqui foi possível verificar um pequeno recorte sobre a construção de um corpo ideal em algumas sociedades e como é vantajoso a quem detém o poder que este se mantenha, como forma de contenção da maior parte da população a partir da docilização dos corpos, corroborando com a visão de Luíza Junqueira e Ellora Haonne quando apresentam as diversas formas de repressão que já enfrentaram na busca por um corpo adequado ao padrão estabelecido e como esse processo foi nocivo tanto para sua saúde física quanto para mental.

A metodologia adotada neste estudo, a qual foi apresentada no segundo capítulo, tem seu alicerce nos livros organizados por Duarte e Barros (2005) e por Campanella e Barros (2016), expondo a trajetória percorrida pela pesquisa. Aqui relatou-se de maneira detalhada os vídeos de *Tour Pelo Meu Corpo* realizados por Luíza Junqueira e Ellora Haonne, trazendo também informações sobre elas e seus canais a fim de contextualizar a produção dos vídeos que compõem o corpus da etnografia de mídia (HINE, 2016), além de apresentar os comentários selecionados e uma breve categorização dos mesmos a partir do proposto nos estudos de Hall (2003). A construção de uma metodologia de pesquisa e análise de dados foi fundamental para que as relações estabelecidas entre os conceitos apreendidos ao longo da revisão bibliográfica e os dados obtidos na coleta de dados pudessem ser consistentes e relevantes, não deixando que a pesquisa sofresse grandes prejuízos por conta das alterações no planejamento.

O terceiro capítulo apresentou-se simultaneamente como um segundo capítulo teórico e como discussão dos dados obtidos com a análise dos vídeos selecionados, trazendo autoras/es como Schechner (2002), Butler (2018), Martín-Barbero (2018) e Foucault (2013) para se dialogar sobre ativismo online e do uso das performances online como instrumentos de escrita de si e de espetáculo. Foi notável como, por conhecerem a lógica da plataforma YouTube, as *youtubers* se utilizam de aspectos da retórica do direto para simular a proximidade com quem assiste e possibilitarem que a mensagem que pregam seja mais facilmente recebida, questionando as performances tradicionais de gênero e buscando construir performances alternativas e mais inclusivas.

Por fim, no quarto capítulo foram colocados os resultados obtidos a partir dos comentários, os quais foram pensados a partir da teoria das mediações de Martín-Barbero (2018) e da experiência da performance de Dawsey (2005) e classificados a partir das categorias de análise propostas por Hall (2003). É possível notar que estes foram expressivos no referente à relação emissoras-performance-receptoras, ficando evidente que os conteúdos observados foram capazes de promover reflexões na audiência, independente de se ter uma opinião favorável ou contrária à das *youtubers*. Ainda não é possível saber até que ponto a experiência com essas performances seria capaz de promover modificações duradouras no que se refere à autoimagem corporal de meninas e mulheres, que são o foco deste estudo, entretanto já se pode verificar o seu potencial no fomento da discussão sobre padrões estéticos para o corpo feminino.

Abrem-se para pesquisas futuras diversas possibilidades, uma vez que neste trabalho optou-se por não abarcar o assunto da gordofobia, por exemplo. Pretende-se dar continuidade a pesquisa no nível de doutorado, buscando verificar se os resultados obtidos a partir dos comentários se concretizam com outros públicos.

## Referências

ALMEIDA, V. M.; NEVES, A. K. S. Anorexia santa e anorexia contemporânea: o mesmo transtorno em épocas distintas? *Rev Med Minas Gerais*; 22.3:348-353, Jul/Set, 2012. Disponível em <<http://www.rmmg.org/artigo/detalhes/89>>. Acesso em 26.abr.2021.

AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer: palavras e ação. Porto Alegre (RS): Artes Médicas, 1990. 136 p.

BAPTISTA, T. J. R.; ZANOLLA, S. R. S.. Corpo, estética e ideologia: um diálogo com a ideia de beleza natural. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 22, n. 3, 999-1010, jul./set. de 2016. Disponível em <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/61861>>. Acesso em 17 de fevereiro de 2018.

BATISTA, A. Brasileiros passam mais tempo no YouTube e elegem plataforma como preferida. Portal Tech Tudo. 2020. Disponível em <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/11/brasileiros-passam-mais-tempo-no-youtube-e-elegem-plataforma-como-preferida.ghtml>>. Acesso em 26.abr.2021.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 25 Ago. 2019.

BONFITTO, M. Entrevista com Erika Fischer Lichte. *Conceição|Conception*, v. 2, n. 1, p. 131-141, 10 jul. 2013. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8647719>>. Acesso em 25. ago. 2019

BUTLER, J. *Frames of War: when is life grievable?* New York: Verso, 2010.

BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018

BUZZFEED BRASIL. O ideal de corpo feminino ao longo da história - @BuzzFeedBrasil. Vídeo. 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Oiccaa4WenM>>. Acesso em 26.abr.2021.

CAMARGO, R. C. Milton Singer e as Performances Culturais: Um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise. Los Angeles, *Revista Karpa (Califórnia State University)*, v. 6, 2013. Disponível em

<[https://www.academia.edu/6332594/Revista\\_Karpa\\_2013\\_Milton\\_Singer\\_and\\_Cultural\\_Performances\\_an\\_interdisciplinary\\_concept\\_and\\_a\\_methodological\\_approach.\\_Milton\\_Singer\\_e\\_as\\_Performances\\_Culturais\\_Um\\_conceito\\_interdisciplinar\\_e\\_uma\\_metodologia\\_de\\_an%C3%A1lise](https://www.academia.edu/6332594/Revista_Karpa_2013_Milton_Singer_and_Cultural_Performances_an_interdisciplinary_concept_and_a_methodological_approach._Milton_Singer_e_as_Performances_Culturais_Um_conceito_interdisciplinar_e_uma_metodologia_de_an%C3%A1lise)>. Acesso em 29 de agosto de 2018.

CAMPANELLA, B.; BARROS, C. Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

CARRIJO, A. J. F. Relatos traumáticos em vlogs do YouTube: entre o entretenimento e a construção subjetiva. Artigo apresentado ao final de disciplina (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2019.

DAWSEY, J. Victor Turner e antropologia da experiência. Cadernos de Campo (São Paulo 1991), v. 13, n. 13, p. 163-176, 30 mar. 2005. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50264>>. Acesso em 25. ago.2019

DESLANDES, S. F. O ativismo digital e sua contribuição para a descentralização política. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro , v. 23, n. 10, p. 3133-3136, Out. 2018 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232018001003133&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018001003133&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 26.Abr.2021.

FANTÁSTICO. Thaynara OG relembra complicações depois de lipo: ‘Pensei que ia morrer’. Portal G1. 2021. Disponível em <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/01/31/thaynara-og-relembra-complicacoes-depois-de-lipo-pensei-que-ia-morrer.ghml>>. Acesso em 26.abr.2021.

FIGUEIREDO, G. M. Mulheres Representando Mulheres: Sobre ser mulher e ser atriz. Orientação: Catarina Alves Costa e Manuel Gaspar da Silva Lisboa. 2017. Dissertação de Mestrado (Antropologia/Culturas Visuais) - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa. 2017.

FLICK, U. Uma introdução à pesquisa qualitativa. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSECA, N. Ciberespaço de protagonismo feminino: discurso e inteligência coletiva. Revista Temática. NAMID/UFPB. Ano XIII, n. 08. Agosto/2017. Disponível em <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/35744>>. Acesso em 19 de fevereiro de 2018.

FOUCAULT, M. A Escrita de Si. In: FOUCAULT, M. Ética, sexualidade, política; organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta; tradução: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979. xxvi, 296 p. (Biblioteca de filosofia e historia das ciencias ;, v.7). Bibliografia: p. 294-295.

HALL, S. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representações da Unesco no Brasil, p. 51-100, 2003.

HAONNE, E. TOUR PELO MEU CORPO - EXPECTATIVA VS REALIDADE. Vídeo. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UaOuRxaV0kA>>. Acesso em 09. jul. 2019

HASEMAN, B. “Manifesto pela Pesquisa Performativa”. Resumos do 5º Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP / organização: Charles Roberto Silva; Daina Felix; Danilo Silveira; Humberto Issao Sueyoshi; Marcello Amalfi; Sofia Boito; Umberto Cerasoli Jr; Victor de Seixas; – São Paulo: PPGAC-ECA/USP, 2015. v.3, n.1, pp. 41-53. Disponível em <[https://ppgipc.cienciassociais.ufg.br/up/378/o/Manifesto\\_pela\\_pesquisa\\_performativa\\_%28Brad\\_Haseman%29.pdf](https://ppgipc.cienciassociais.ufg.br/up/378/o/Manifesto_pela_pesquisa_performativa_%28Brad_Haseman%29.pdf)>. Acesso em 29 de agosto de 2018.

HINE, C. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. IN: CAMPANELLA, B.; BARROS, C. Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos. 1. ed. - Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

JUNQUEIRA, L. A VERDADE SOBRE O TOUR PELO MEU CORPO. Vídeo. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PQX4qmYB1p0&t=1s>>. Acesso em 25.abr.2021

JUNQUEIRA, L. TOUR PELO MEU CORPO. Vídeo. 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hDpHE2U4PEk>>. Acesso em 09.jul.2019

LOPES, L. Tempo assistindo a vídeos no YouTube cresce 135% em 4 anos. Revista Galileu. 2018. Disponível em < <https://revistagalileu.globo.com/Tecnologia/noticia/2018/09/tempo-assistindo-videos-no-youtube-cresce-135-em-4-anos.html>>. Acesso em 28.abril.2019.

LOURENÇO, T. Cresce em mais de 140% o número de procedimentos estéticos em jovens. Jornal da USP. 2021. Disponível em <<https://jornal.usp.br/ciencias/cresceu-mais-de-140-o-numero-de-procedimentos-esteticos-em-jovens-nos-ultimos-dez->



RODRIGUES, H. Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em Antropologia da Experiência (primeira parte), de Victor Turner. Cadernos de Campo (São Paulo 1991), v. 13, n. 13, p. 177-185, 30 mar. 2005. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50265>>. Acesso em 27.abr.2020

ROSE, G. Visual Methodologies. Londres: Sage, 2001.

SACRAMENTO, I.; BORGES, W. C. A televisualidade midiaticizada do testemunho: a dismorfia corporal num canal do YouTube. In: XXVI Encontro Anual da Compós, Faculdade Cásper Líbero, São Paulo - SP, 06 a 09 de junho de 2017. Anais (on-line). Disponível em <[http://www.compos.org.br/data/arquivos\\_2017/trabalhos\\_arquivo\\_GF087NZQP58S4N4NJ8MU\\_26\\_5675\\_19\\_02\\_2017\\_19\\_06\\_57.pdf](http://www.compos.org.br/data/arquivos_2017/trabalhos_arquivo_GF087NZQP58S4N4NJ8MU_26_5675_19_02_2017_19_06_57.pdf)>. Acesso em 19 de fevereiro de 2018.

SANTAELLA, L. Corpo e comunicação: sintoma da cultura. 1. ed São Paulo: Paulus, 2004. 161 p.

SATLER, L.; CARRIJO, A. J. Infância e YouTube: a recepção infantil de narrativas audiovisuais digitais. Revista GEMInIS, São Carlos, UFSCar, v. 10, n. 1, pp.49-70, jan. / abr. 2019. Disponível em <<http://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/download/378/331>>. Acesso em 25 de abril de 2020.

SCHECHNER, R. O que pode a Performance na Educação: uma entrevista com Richard Schechner. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 35, n. 2, p. 23-35, mar./ago. 2010. Entrevista concedida a Gilberto Icle e Marcelo de Andrade Pereira. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13502>>. Acesso em 13.dez.2019.

SCHECHNER, R. Performance Studies: An Introduction. New York, Ed. Routledge, 2002.

SCHECHNER, Richard. 2006. “O que é performance?”, em Performance studies: na introducción, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51. Disponível em <[https://ppgipc.cienciassociais.ufg.br/up/378/o/O\\_QUE\\_EH\\_PERF\\_SCHECHNER.pdf](https://ppgipc.cienciassociais.ufg.br/up/378/o/O_QUE_EH_PERF_SCHECHNER.pdf)>. Acesso em 29 de agosto de 18.

SIBILIA, P. Autenticidade e performance: a construção de si como personagem visível. Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos, Vol. 17, N. 3 - setembro/dezembro 2015. Disponível em

<<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.173.09>>. Acesso em 27. abr. 2020

SOLEDADE, B. A. Se Ame Em Cinco Minutos: Um Estudo De Recepção Sobre Imagem Corporal E Discursos De Autoaceitação No YouTube. Orientadora: Lara Satler. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Publicidade e Propaganda) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 2019.

SOUZA JÚNIOR, J. Memes da Internet, referenciação e sua produtividade funcional: explorando os conceitos via Linguística de Corpus. In: XI Fórum de Estudos Linguísticos da Uerj, 2012. Rio de Janeiro – RJ: XI Fórum de Estudos Linguísticos da Uerj – Anais, 2012.

STAMPF, I. R. C. Pesquisa Bibliográfica. IN: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.) Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. p. 51-61.

TAG. Cambridge Dictionary Online, 13 de fevereiro de 2020. Disponível em : <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/tag>>. Acesso em: 13. fev. 2020.

TUCHERMAN, I. Breve História Do Corpo E De Seus Monstros. Lisboa, Ed. Vega, Coleção Passagens, 1999.

Uma primavera sem fim. Revista Think Olga. 2015. Disponível em <<https://thinkolga.com/2015/12/18/uma-primavera-sem-fim/>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2018.

VIEIRA, V. Cresce o número de cirurgias plásticas no Brasil. Revista Saúde. 19 de julho de 2017. Disponível em <<https://saude.abril.com.br/medicina/cresce-o-numero-de-cirurgias-plasticas-no-brasil/>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2018.

VIRALIZAR. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [online], 2008-2020, <<https://dicionario.priberam.org/viralizar>>. Acesso em 13. fev. 2020.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2001000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2001000200008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 13 de fevereiro de 2018.

WOLF, N. O Mito Da Beleza: Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres.  
Tradução de Waldéa Barcellos. Editora Rocco. Rio de Janeiro — 1992.



## Anexos



### Anexo 1 - Mosaico de comentários mais recentes/ Tá Querida.




Fonte: Canal Tá Querida - YouTube Foto: autoria da pesquisa. 2021



### Anexo 2 - Mosaico de principais comentários/ Tá Querida

  há 3 anos  
luiza, eu não tenho nem palavras pra descrever minha admiração. obrigada por existir aqui no youtube e no mundo e ♥


 3,5 mil  RESPONDER



[Ver 19 respostas](#)

 há 2 anos  
Olha. Você que é mulher que esta lendo esse comentário e que você tem vergonha do seu corpo. Eu vou falar uma coisa pra você se sentir melhor, e espero que funcione! Você não precisa ter vergonha do seu corpo, você não precisa se sentir fei, você não precisa se olhar no espelho e achar q você esta gorda ou feia. Ta bem, porque você é linda. E não vai ser eu que vou falar isso ou ela ou ele. Não vai ser ninguém que vai falar isso. Sabe por que ? Porque quem tem que falar isso é você mesma. Sabe ...  
Ler mais


 2,2 mil  RESPONDER



[Ver 47 respostas](#)

 há 2 anos  
Gente, me poupe, essa ideia de não ser saudável porque é gordinha é totalmente ridícula. É questão de genética. Eu sou magra, corpo padrãozinho, e não sou tão saudável não. Tenho colesterol alto, glicose alta (quase diabética), e tive que fazer cirurgia pra tirar pedrinhas dos rins por má alimentação, olha só. Então parem de achar que gordo é sinal de falta de saúde. Pq a magrinha aqui que tá precisando fechar a boca e se exercitar 😊


 2,6 mil  RESPONDER

[Ver 54 respostas](#)


 há 1 ano  
Em nome de toda a humanidade e principalmente em nome das mulheres: OBRIGADAAAA


 687  RESPONDER

 há 1 ano  
Você revolucionou a vida de muita gente! Parabéns!!!


 581   RESPONDER

[Ver 5 respostas](#)

 há 3 anos  
SENHOR QUE VIDEO MARAVILHOSO TO IMPACTADA

 3,9 mil   RESPONDER


[Ver 28 respostas](#)

 há 2 anos (editado)  
Eu tenho estrias nas costas parece que eu fui chicoteado kkj

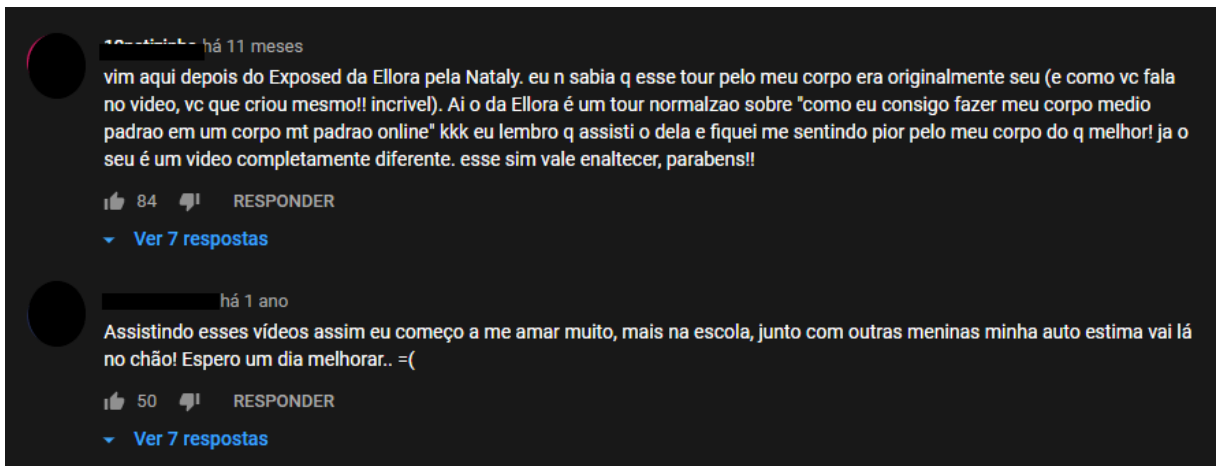
 432  RESPONDER

[Ver 18 respostas](#)

 há 11 meses  
Coloquem um espelho dentro do banheiro e tomem banho se olhando no espelho, acho isso um ótimo exercício de aceitação. Sou gorda e depois que fiz isso, vi que sou linda mesmo assim e gostei mais de mim.

 98  RESPONDER

[Ver 9 respostas](#)



Fonte: Canal Tá Querida - YouTube Foto: autoria da pesquisa. 2021

Anexo 3 - Mosaico de comentários mais recentes/ Ellora Haonne

resumindo com todos esses que você acha que ele é feito da sua pessoa eu amei cada vez mais ainda admirar as suas fotos maravilhosas nua e crua e após a maquiagem da mesma forma belíssima você é mulher brasileira e delícia com todo respeito **parabéns** que Deus te abençoe pela sua honestidade dá respeito das suas fotos e originalidade sempre é por isso que você tem agora um admirador mas ainda não virei seu fã um beijo com muito respeito a mente e beijaria sua barriga e várias formas com respeito é claro muito obrigado Será que você algum dia possa escutar esse comentário ou ver esse comentário e divulgar no seu canal beleza pode falar meu nome lá que de boa é nós muito obrigado

Curtir · Responder · 5 sem

**Parabéns** linda seu corpo perfeito

Curtir · Responder · 25 sem

Que lindaaaaa...ganhou uma seguidora!! **Parabéns** pelo vídeo!!!ameiiii

Curtir · Responder · 34 sem

Que mulher ridícula e sem noção!!!

Curtir · Responder · 1 a

🙄🙄🙄🙄🙄🙄🙄🙄

Curtir · Responder · 1 a

Que idiota sem noção!

Curtir · Responder · 1 a

Olha que menina bem resolvida. Conheço alguém igual, ...

Curtir · Responder · 1 a

Que linda sua iniciativa!!! Parabéns!!! Muitas pessoas precisam parar para pensar nisso, inclusive eu me pego me culpando por estar um pouco fora do peso ideal, e parte disso é porque a mídia vende um padrão, um ideal de beleza que não existe! E nós mulheres de tanto visualizar por aí esses padrões acabamos acreditando...mas assim adorei saber que nem tudo é o que parece. E que devemos nos amar e valorizar sem exagerar no supérfluo.

Curtir · Responder · 1 a

Vou tentar me ver com outros olhos

Curtir · Responder · 1 a

Curtir · Responder · 1 a

es olha que interessante

Curtir · Responder · 1 a

vcs que acha as blogueiras perfeitas



Curtir · Responder · 1 a

Fonte: Facebook Larissa Alves. Foto: autoria da pesquisa. 2021

Anexo 4 - Mosaico de comentários mais relevantes/ Ellora Haonne


[Redacted]

Parabéns, Ellora Haonne! Fiquei sua fã, sou mega a favor de não ser copista de um produto feito pela mídia. Corpos e tudo perfeito. Isso não existe, sempre temos nossa forma natural que devemos valorizar. Corpo saudável é uma coisa, mas vaidade é outra. Parabéns por dar esse exemplo de ser você, que é muito bonita interna e externamente! Parabéns!!!!!!!!!!

Curtir · Responder · 3 a   5


[Redacted]

Infelizmente tem Meninas e meninos/adolescentes que acreditam em tudo da internet e acham que os famosos são lindos daquele jeito sempre..dormem e acordam assim..e acabam se desvalorizando e sofrendo por isso..mas na real..todo mundo tem uns defeitinhos..não sigo essa moça..já vi outros vídeos aqui no face..mas acho legal ela estar mostrando mesmo..e logico serve de alerta aos pais..ficar de olho nos seus filhos e filhas que acham que a vida é ficção..gostei da atitude dela! Boa sorte no canal!

Curtir · Responder · 3 a  2

[Redacted]



[Redacted] muito importante para o nosso foco de 2018, apesar das nossas metas, temos que nos amar acima de tudo, só assim iremos conquistar nossos desejos!!!

Curtir · Responder · 3 a  5

↳ 3 respostas

[Redacted]

[Redacted] olha que legal, te falo para não ficar bitolada, faz oq vc acha que deve fazer para se sentir melhor, mas você é linda e gostosa exatamente da forma como é,não precisa se comparar com ninguém, vc é a princesa jujubinha mais linda desse planetão, te amo 🍷🍷

Curtir · Responder · 3 a   5

↳ 1 resposta

Novas e desleixadas! isso sim! Não ser obcecar a beleza ficar escravos mais mater uma vida saudável com exercícos físicos faz bem sim e nos deixa com o ego lá em cima o que não dá é viver na sedentarismo.... da para ter um corpo saudável e bonito sim como para tudo na vida exige sacrificios! Mais ninguém nos tempos atuais quer lutar por boa qualidade de vida, daí ficam aí de mimimi que devem se aceitar e me aceito sim se melhor fisicamente e espiritualmente cada dia mais. 😊

Curtir · Responder · 3 a



T [redacted], assiste ele todo! Juro que vcs se amarão pelo menos 10% mais! Vcs são lindas externamente e principalmente, internamente! Amo vocês ❤️

Curtir · Responder · 3 a



[redacted] e olha isso, ainda bem que todo mundo é normal igual a mim... tirou um peso! E ainda tem gente que eu conheço que diz que mulher ter celulite é nojento, ela msm deve ter ou então tem \$\$\$\$ pra tirar.

Curtir · Responder · 3 a



↳ [1 resposta](#)

F [redacted]  
Está insatisfeita... Faz uma dieta, uma caminhada, pratica um esporte, entra numa academia... Com o tempo que demoraria pra editar e procurar angulos fazendo pose para tirar fotos! 😊

Curtir · Responder · 3 a



**Parabéns** pela sua atitude! Mostra que vc é uma mulher de verdade. Já lutei muito contra meu corpo até entender que todos temos uma programação genética, um biotipo. Já está mais do que na hora de acabar com a ditadura da anorexia.

Curtir · Responder · 3 a



Também sofri com a bulimia, justamente por comentários de pessoas próximas sobre o peso e tais. É só parei quando meu corpo já não aguentava mais... Somos escravas de um padrão de beleza que põe em risco nossas vidas!! Hoje vivo tentando não levar em consideração essas pessoas que gostam de apontar, mas confesso não é nada fácil!! Parabéns por sua atitude!!

Curtir · Responder · 3 a



Fonte: Facebook Larissa Alves. Foto: autoria da pesquisa. 2021